



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

INCUBADORA JUVENIL EMPREENDEDORISMO E EMPREGABILIDADE

Elsa Regina Dias Neves

Trabalho de Projeto para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Serviço Social
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Catarina Sales de Oliveira

Covilhã, Outubro de 2013

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, minha luz, que, com dois meses, acompanhou-me desde o início deste projeto, primeiro dentro da barriga e agora presente no meu dia-a-dia.

Ao meu marido pela dedicação, amor e carinho por me acompanhar neste percurso.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de projeto não teria sido possível sem o contributo e colaboração de um leque variado de pessoas, às quais gostaria de expressar o meu agradecimento.

Primeiramente, não posso deixar de manifestar o meu reconhecimento à minha orientadora, Doutora Catarina Sales de Oliveira, pelo apoio, disponibilidade e amizade na orientação metodológica e científica do presente trabalho, no sentido em que esteve sempre disposta a colaborar para proporcionar uma melhor organização e estruturação do mesmo e pelas palavras de incentivo e coragem mesmo quando estava prestes a desistir.

Aos meus pais por me terem ensinado os princípios que regem a vida e um agradecimento muito especial ao meu marido, Edgar, pelo apoio, tolerância e encorajamento constantes nos momentos de cansaço que um trabalho deste teor origina e pela sua persistência e encorajamento que me fizeram finalizar este trabalho.

Deixo aqui também um grande Bem-Haja à Beira Serra por ter permitido a realização deste projeto nesta associação e por toda a colaboração prestada ao longo do projeto. Aproveito ainda para agradecer, mais especificamente ao Marco, Ana e Marisa por fornecerem dados importantes para este projeto e ao consórcio do projeto Arca de Talentos por se mostrar disponível para a concretização prática do projeto.

Um especial agradecimento aos jovens dos bairros da Alâmpada e das Nogueiras, pela disponibilidade em realizarem a entrevista e pelas informações prestadas.

Por último, não posso deixar de expressar o meu reconhecimento e amizade pelos meus amigos e colegas de mestrado que estiveram presentes e disponíveis a ajudar na realização deste trabalho, principalmente a Ana Almeida, pelo apoio e troca de opiniões que ajudaram nos momentos de maiores dúvidas e receios.

A todos Muito Obrigada...

“Encontrar um sentido para a vida ou uma vida com sentido é tanto ou mais premente nos nossos tempos do que alguma vez foi, em particular, na intervenção comunitária e no trabalho com jovens que procuram definir os seus projetos de vida.”

(Programa Escolhas, 2012).

RESUMO

O projeto apresenta o empreendedorismo social na sua natureza inovadora de desenvolver soluções para resolver os problemas sociais relacionados com a população jovem de dois bairros de habitação social do concelho da Covilhã, procurando que todas as pessoas que participam na mudança sejam parte integrante da solução e se envolvam concomitantemente. O desafio da inovação social é aqui perspetivado como a forma de pensar ou concretizar algo.

Através da metodologia participada de projeto, foi possível delinear-lo contando com a participação de agentes que lidam diariamente com o público-alvo deste projeto, com o próprio público-alvo e com atores que, já com alguma experiência com este público-alvo, integram a rede de parcerias do projeto.

Assim, o projeto *Incubadora Juvenil* apresenta-se como uma estrutura de apoio à construção do projeto de vida de jovens oriundos de contextos vulneráveis social e economicamente, mais propriamente dos Bairros de Habitação Social das Nogueiras e da Alâmpada. Esta estrutura pretende acompanhar jovens dos 16 aos 24 anos com um baixo nível de escolaridade, desempregados ou com empregos precários.

O projeto *Incubadora Juvenil* pretende apoiar estes jovens no desenvolvimento de pequenas ideias de negócio que façam sentido na sua comunidade, assim como apoiá-los na procura de emprego e/ou formação profissional, de modo a desenvolverem um projeto de vida. Este apoio será dado através do apoio de uma rede de parceiros privilegiados nesta área (empresas e entidades públicas ou privadas).

Fisicamente pretende-se que a incubadora juvenil agregue serviços, como informação e formação na área do emprego e do empreendedorismo; apoio técnico no desenvolvimento de ideias de negócio dos jovens; acompanhamento para os que pretendem procurar emprego e/ou formação profissional, orientando vocacionalmente; e até disponibilização de espaço para criarem as suas ideias, tendo em conta as necessidades específicas de cada bairro.

PALAVRAS-CHAVE

Empreendedorismo; Empreendedorismo Social; Incubadora Juvenil; Jovens; Empregabilidade

ABSTRACT

This project presents social entrepreneurship as a way to develop innovative solutions to solve social problems. The specific problem of this project is related to the young population of two neighborhoods of social housing in the county of Covilhã. Our aim is that all of those involved in the change are engaged in the solution. The social innovation is approached as how to think or do achieve something.

The whole project was outlined using participatory methodology involving agents who deal daily with the target population of the project. All these actors were invited to be partners of the project.

Thus, the project Youth Incubator presents itself as a structure to support the construction of the project life contexts of socially and economically vulnerable young people. The object of study is the Social Housing Neighbourhoods of Bairro das Nogueiras and Bairro da Alâmpada. This structure intends to follow young people with 16 to 24 years with a low level of education, unemployed or in precarious jobs.

The Incubator project aims to support these youth in the development of small business ideas that make sense in the communities, as well as support them in seeking employment and / or training in order to develop a life project. This support will be given through the intervention of a network of key partners in this area (companies and/or public or private entities).

Physically it is intended that the incubator adds youth services such as information and training in the area of employment and entrepreneurship ; technical support in developing business ideas of young people , monitoring for those wishing to seek employment and / or training , guiding vocationally ; and even space available to create their ideas.

KEYWORDS

Entrepreneurship; Social Entrepreneurship; Youth incubator; Youth; Employability

ÍNDICE

Introdução.....	1
I. Enquadramento Geral	5
1. Justificação da Necessidade de Intervenção	5
2. A Beira Serra e a sua Intervenção no Terreno.....	6
3. Metodologia a Utilizar	8
3.1. Entrevista Exploratória	9
3.2. Análise dos <i>Stakeholders</i>	10
II. Enquadramento teórico	13
1. A Realidade dos Bairros Sociais	13
2. Jovens: uma abordagem teórica	15
3. Jovens: trajetórias de vida e empregabilidade	17
4. Jovens e Empreendedorismo	20
III. Identificação dos Problemas e Diagnóstico	25
1. Identificação dos problemas.....	25
2. Estudos de caso	38
3. Prioridades de intervenção	41
IV. Definição dos Objetivos	43
1. Finalidade do projeto.....	43
2. Objetivo Geral	44
3. Objetivos Específicos	44
V. Plano de Ação do Projeto.....	46
1. Território e Universo de Referência.....	46
2. Plano de Atividades	48

3. Recursos Humanos e Parcerias	51
4. Financiamento	56
5. Plano de Acompanhamento e de Avaliação do Projeto	60
Conclusão	64
Bibliografia.....	67
Anexos	73
Anexo 1 - Entrevista Exploratória - Equipa do Projeto Arca de Talentos	74
Anexo 2 - Entrevistas Exploratórias - Jovens.....	69
Anexo 3 - Folha de Presenças da Reunião com os <i>Stakeholders</i>	98
Anexo 4 - Ata da Reunião com os <i>Stakeholders</i>	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea do Bairro das Nogueiras.....	45
Figura 2 - Vista aérea do Bairro da Alâmpada.....	45
Figura 3 - Localização das Freguesias de Boidobra e Teixoso, no concelho da Covilhã	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modelo da Matriz de Identificação dos Atores	11
Tabela 2 - Modelo da Matriz de Identificação dos Recursos dos Atores	12
Tabela 3 - Descrição do Perfil dos Jovens de cada Bairro de Intervenção	26
Tabela 4 - Caracterização dos Jovens Entrevistados	27
Tabela 5 - Participação dos Jovens na Beira Serra	28
Tabela 6 - O Bairro e a Dinâmica com a Comunidade nos Entrevistados	31
Tabela 7 - Caracterização dos Entrevistados Segundo a Escola e o Trabalho	33
Tabela 8 - Visão da Incubadora Juvenil para os Entrevistados	35
Tabela 9 - Planificação das Atividades a Desenvolver	48
Tabela 10 - Matriz de Identificação dos Atores	51
Tabela 11 - Descrição dos Recursos dados pelos Atores	53
Tabela 12 - Matriz de Identificação dos Recursos dos Atores	54
Tabela 13 - Resumo da Avaliação Utilizada no Projeto	60

LISTA DE ACRÓNIMOS

AEVNF - Associação de Empreendedores de Vila Nova de Famalicão;

ATL - Atividades de Tempos Livres;

BVS - Bolsa de Valor Social;

CASES - Cooperativa António Sérgio para a Economia Social;

CID - Centro de Inclusão Digital;

CIS/IPAV - Centro de Inovação Social do Instituto P. António Vieira;

CMC - Câmara Municipal da Covilhã;

CNO - Centros de Novas Oportunidades;

COM - Comissão das Comunidades Europeias;

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco;

CQEP - Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional;

EFA - Educação e Formação para Adultos;

EPE - Projeto Educação para o Empreendedorismo;

IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional;

INE - Instituto Nacional de Estatística;

IPJ - Instituto Português da Juventude;

OTL - Ocupação de Tempos Livres;

PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação;

POPH - Programa Operacional Potencial Humano;

QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional;

RSI - Rendimento Social de Inserção;

RVCC - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade que é caracterizada por uma mudança constante a nível social e económico, apela ao desenvolvimento do espírito empreendedor dos cidadãos, começando desde cedo, na escola, a incrementar políticas de ensino direcionadas para o empreendedorismo. Uma vez que acredita-se que serão estes, os futuros empreendedores, que poderão eliminar barreiras sociais e criar novas relações de trabalho e novos modelos de empregabilidade.

No entanto, é na área social que, atualmente, se colocam os maiores desafios ao nível de novas respostas ou da reestruturação das já existentes, permitindo articular diferentes atores e interesses para que a mudança social seja possível. A necessidade de articular a esfera social com a esfera económica relaciona-se com a emergência de novas políticas e meios de intervenção, com o objetivo de impulsionar e melhorar a equidade e justiça social.

Acrescente-se, ainda, que o debate atual sobre a questão social está intimamente relacionado com a exclusão social e a pobreza. A insuficiência das políticas públicas e sociais são notórias no aumento dos excluídos, que procuram alternativas válidas para a sua integração social, principalmente através da sua inserção ou reinserção no mercado de trabalho, uma vez que o país apresenta grandes taxas de desemprego, principalmente ao nível da população jovem.

Esta necessidade de (re)pensar em alternativas de inserção no mercado de trabalho tem contribuído para o aparecimento de novos conceitos e novas ideias, tais como o empreendedorismo empresarial e social, a responsabilidade social, a formação de empreendedores, entre outros. Os jovens de hoje passam a perspetivar o empreendedorismo como a solução para conseguirem alcançar um futuro com trabalho e/ou realizações pessoais ao nível profissional.

Nesta lógica, o empreendedorismo social, princípio pelo qual é regido este projeto, tem como ação dominante a capacitação, vista como a promoção da autonomia e da responsabilidade, na procura de soluções a problemas sociais. Desta forma, os empreendedores sociais apresentam soluções inovadoras para os problemas sociais mais urgentes. Caracterizados como ambiciosos e persistentes, por conseguirem criar ideias novas que respondem a carências na sociedade, são na sua maioria inovadores ao apresentarem ideias diferentes e que constituem utilidade prática na comunidade onde se inserem. Assim, o empreendedorismo social está intimamente ligado à inovação social, que promove, na sua essência, a criatividade nas respostas aos problemas sociais.

O presente projeto dedicado à temática do emprego e do empreendedorismo social e, neste contexto específico, à criação de uma incubadora juvenil enquadra-se nas dimensões sociais e económicas descritas e pretende seguir as orientações do empreendedorismo e do emprego, tendo em conta a inovação social. Deste modo, tem como eixos operativos transversais ao projeto a promoção da qualificação escolar e do emprego e a formação para o empreendedorismo. Por um lado, pretende-se desenvolver atividades que deem ferramentas essenciais para a procura de emprego, por outro, dotar de conhecimentos empreendedores, incrementar o espírito empreendedor nos jovens e apoiar os seus projetos, através da formação e de apoio técnico à conceção e implementação dos mesmos, incentivando sempre nos dois eixos à construção de um trajeto de vida.

Este apresenta-se como um projeto inovador no município, que tentará associar a intervenção nas áreas da ação social, educação e juventude, destinando-se a apoiar, essencialmente, jovens desempregados, em situação de exclusão social, assim como a comunidade em geral, e fomentar o espírito criativo e empreendedor nos estudantes do concelho.

De forma mais concreta é pretendido, com o projeto Incubadora Juvenil, desenvolver uma estrutura de apoio à construção do projeto de vida de jovens oriundos de contextos vulneráveis social e economicamente, mais propriamente nos Bairros de Habitação Social das Nogueiras e da Alâmpada, situados nas freguesias de Teixoso e Boidobra, no concelho da Covilhã, denominada assim de incubadora juvenil. Esta que pretende cativar jovens dos 16 aos 24 anos com um baixo nível de escolaridade, desempregados ou com empregos precários.

O presente projeto pretende ajudar estes jovens no desenvolvimento de pequenas ideias de negócio que façam sentido na sua comunidade, assim como apoiá-los na procura do seu emprego e/ou formação profissional, de modo a desenvolverem um projeto de vida, através do apoio de uma rede de parceiros privilegiados nesta área (sejam eles empresas ou entidades públicas ou privadas). Esta estrutura física de implementação da incubadora pretende assim agregar os seguintes serviços:

- Acompanhamento de orientação vocacional para os que pretendem procurar emprego e/ou formação profissional;
- Ações de (in)formação e workshops na área do emprego;
- Formação na área do empreendedorismo;
- Apoio técnico no desenvolvimento de ideias empreendedoras;
- Disponibilização de espaço para criar a sua ideia de negócio sustentável, tendo em conta as necessidades dos jovens de cada bairro.

Ambiciona-se que a incubadora seja um local que coopere, inspire, incentive, apoie, envolva e dinamize jovens e comunidade para a concretização de objetivos de vida orientados para o emprego e qualificação, numa sociedade que necessita de ferramentas para poder alargar os seus horizontes e perspetivas futuras.

Apresenta-se, em seguida, para além da introdução que contextualiza e apresenta o projeto realizado, os pressupostos teóricos, metodológicos e de ação utilizados, divididos em duas partes.

A Parte I, dirigida ao enquadramento teórico e metodológico e que está dividida nos seguintes capítulos:

No Capítulo I é apresentado um enquadramento geral do projeto, onde são apresentadas as justificações da necessidade de intervenção nesta área e com este público-alvo. Aqui é também apresentada a instituição que pretende agregar este projeto e que trabalha desde cedo com os bairros de intervenção. Por outro lado, é feita uma análise da metodologia utilizada para a concretização deste projeto

O Capítulo II, descreve teoricamente os grandes temas que envolvem o público-alvo. Neste é realizado um enquadramento teórico que apoia o projeto. Os grandes temas são a realidade de morar num bairro social e a história da criação destes na sociedade, uma introdução ao conceito de juventude visto sob o olhar de vários autores, as trajetórias de vida associadas aos jovens, escola e trabalho, e por último uma visão do que é o empreendedorismo, mais propriamente do empreendedorismo social e de como este é implementado nos jovens.

A Parte II, correspondente à delineação do próprio projeto, o seu diagnóstico, objetivos e plano de ação, que está estruturada com os seguintes capítulos:

No Capítulo III, onde é apresentado o diagnóstico do projeto, são identificados os problemas que abrangem estes jovens, com a participação de alguns dos jovens através de entrevistas exploratórias que foram realizadas. Por outro lado, são apresentados exemplos de projetos que trabalhem o tema do emprego e do empreendedorismo com jovens. Desta forma, ainda neste capítulo são delineadas as prioridades de intervenção do projeto para que responda aos problemas encontrados.

Capítulo IV define os objetivos e finalidade do projeto, onde são apresentadas a missão, visão e valores do projeto, bem como o seu objetivo geral e os objetivos específicos.

Por último, o Capítulo V, que descreve a componente prática do projeto, isto é, o plano de ação, a forma de agir para dar resposta aos objetivos propostos. Assim, neste capítulo é apresentado o território e universo de referência, o plano de atividades, os recursos humanos e as parcerias implícitas no projeto, de que forma este projeto pode ser financiado, bem

como de que forma deve ser avaliado para melhorar e corrigir algumas lacunas que possa obter.

Por fim, a conclusão na qual são apresentadas as considerações finais do projeto, os seus pontos fortes e as limitações que podem conduzir a estudos ou investigações posteriores, a bibliografia utilizada e os anexos necessários para complementar este trabalho.

O projeto, apresentado no âmbito do mestrado em Empreendedorismo e Serviço Social, tem a estrutura demonstrada anteriormente, uma vez que segue a modalidade Trabalho de Projeto. A modalidade escolhida enquadra-se no que é pretendido, estudar uma realidade e planificar um projeto capaz de intervir nessa mesma realidade. Assim sendo, e tal como refere Isabel Guerra (2002:119) a Metodologia Participativa de Projeto adequa-se a estas intenções, uma vez que *“(...) é um instrumento que permite, simultaneamente, uma maior compreensão da realidade e uma maior eficácia de meios e técnicas de intervenção”*.

I. ENQUADRAMENTO GERAL

1. JUSTIFICAÇÃO DA NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO

“A proximidade das instituições do terceiro setor às comunidades deve funcionar por via da participação e do envolvimento das pessoas na discussão e nos processos de decisão das respostas aos seus próprios problemas.”

(Santos e Guerra, 2012: 9).

Em termos gerais a Covilhã é um concelho demograficamente regressivo, economicamente pouco competitivo e socialmente vulnerável. O último recenseamento da população (INE, 2012) confirma estas tendências constatando-se perdas e envelhecimento populacional, baixa qualificação de ativos e significativa dependência de sistemas de proteção social. Acresce o desfasamento entre as recentes ofertas de emprego e a real qualificação da mão-de-obra local. São disso exemplo as recentes ofertas associadas a uma aposta em investimentos direcionados para as novas tecnologias (Call Center/Vodafone) e para o emprego qualificado (ParkUrbis, setor das energias renováveis, Data Center da PT).

Com efeito, a Covilhã continua a registar o maior número de desempregados do distrito, 3615, dos quais 379 tem idade inferior a 25 anos (IEFP, 2012). Relativamente às freguesias de intervenção deste projeto, Boidobra e Teixoso, situadas na coroa urbana da “grande” Covilhã, as problemáticas acompanham as do concelho com algumas especificidades. Em todas elas existem baixos níveis de escolarização e significativos níveis de desemprego. A percentagem da população que não concluiu a escolaridade obrigatória é relativamente significativa no Teixoso (63,3%) (CMC, 2012). Segundo dados fornecidos pelo IEFP da Covilhã, as taxas de desemprego são das mais elevadas do Concelho, na Boidobra 7% e Teixoso 9%, sendo que o desemprego juvenil (15-24 anos) é particularmente sentido na Boidobra (26,4%) e no Teixoso (24,4%).

Interessa ainda assinalar que o trabalho a tempo parcial é significativo no Teixoso (33,5%) (INE, 2012). O trabalho de proximidade desenvolvido nos contextos sócio territoriais dos bairros sociais referenciados permite referir que estes são contextos multiproblemáticos: risco de pobreza, desemprego, baixa escolaridade de adultos e jovens, grande dependência dos sistemas de proteção social, adoção de comportamentos de risco de adultos e jovens, dificuldades de integração no meio. Também a segregação social relacionada com o estigma da habitação social anda associada a comportamentos potenciadores de fracasso pessoal e

social, que interagem negativamente com o sucesso escolar e à aquisição de competências para a empregabilidade.

O desinteresse por um projeto de vida, associado ao abandono escolar precoce e ao desemprego nos jovens oriundos de contextos socialmente desfavorecidos, leva em alguns dos casos a que estes adquiram comportamentos de risco e uma motivação para o ócio.

Focalizando os dois bairros de intervenção, na Urbanização das Nogueiras residem 160 famílias e no Bairro da Alâmpada 192 famílias, constituídas maioritariamente por famílias nucleares, reconstruídas e monoparentais, que manifestam um conjunto de problemas sociais, profissionais e pessoais, que fazem daquele território um contexto multiproblemático. A grande diferença entre estes dois bairros reside no fato de no Bairro da Alâmpada residirem membros da comunidade cigana, enquanto no Bairro das Nogueiras não existe nenhum membro desta minoria étnica.

Neste contexto os moradores do bairro, mais especificamente os jovens, carecem de uma intervenção na área da empregabilidade que possa encarar o Know-how de cada jovem como um potencial à criação de respostas na constituição do seu projeto de vida. Do nosso ponto de vista, a perspectiva do empreendedorismo social é a que melhor se adequa às circunstâncias destes grupos de jovens. No ponto seguinte expõe-se o contexto e as circunstâncias da intervenção social efetuada com estes jovens. O conhecimento mais direto da população-alvo deste projeto, permite constatar as necessidades mais específicas deste público, representando um prévio diagnóstico de necessidades.

2. A BEIRA SERRA E A SUA INTERVENÇÃO NO TERRENO

"A Beira Serra tem como fim promover o desenvolvimento e a coesão social, económica, cultural e ambiental dos territórios e das comunidades locais".

Beira Serra - Associação de Desenvolvimento



A Beira Serra - Associação de Desenvolvimento, tem desde o início da sua fundação um trabalho efetivo com os bairros de intervenção do projeto. Em 1995 começou com um projeto de intervenção comunitária e juvenil na freguesia da Boidobra, cujo objetivo era promover a ocupação dos tempos livres dos jovens, posteriormente no Bairro da Alâmpada iniciou a dinamização do Centro de Animação Comunitário da Alâmpada, financiado pelo Programa Integrar e desde essa data este espaço tem sido o local de encontro de crianças, jovens e familiares.

No caso do Teixoso, a intervenção iniciou mais tarde, a partir de 2004 com o projeto Grão-a-Grão II, cujo objetivo era melhorar as condições de vida, a promoção do aproveitamento sustentado dos recursos locais, tendo em vista a criação de emprego e a melhoria dos rendimentos familiares e a promoção do desenvolvimento social. No entanto, foi com o projeto ANDAS - Animação para o Desenvolvimento e Animação Social, que a partir de 2005, a intervenção mais direta no Bairro das Nogueiras iniciou e se começou a dinamizar o Espaço 33, pretendendo-se com o mesmo fomentar a inserção social, facilitar a conciliação entre a vida familiar e profissional, promover a participação comunitária e o empreendedorismo e o espírito de iniciativa.

Contudo é desde 2006 que a Beira Serra intervém mais diretamente com o público-alvo deste projeto, os jovens dos dois bairros de intervenção, através de um projeto desenvolvido no âmbito do Programa Escolhas¹, o Arca de Talentos. Neste projeto são trabalhadas as competências sociais, pessoais e profissionais das crianças, jovens e suas famílias do Bairro das Nogueiras e do Bairro da Alâmpada.



Na 4ª Geração do Programa Escolhas (2010-2012), deu-se especial enfoque à capacitação dos jovens, onde através da realização de relatórios semestrais de avaliação foi possível verificar que muitos destes jovens necessitam de ferramentas que os impulsionem a seguir em frente com o seu potencial. Mais concretamente no Bairro Social da Boidobra é possível verificar alguns desses resultados, onde um grupo de jovens, denominado de Tutores de Bairro, interage com a comunidade de forma sistemática e colaboram em iniciativas de voluntariado com o seu Know-how em determinada área, por exemplo, carpintaria, informática e explicações ao 1º ciclo. A autonomia destes jovens deve-se também ao facto de a Beira Serra intervir desde a sua fundação, 1994, com este bairro em outros projetos, não tão diretos com a população jovem como o Arca de Talentos, mas que daí ressaltam resultados de alguma evolução nas famílias.

Já no Bairro Social das Nogueiras, ainda não existe um grupo coeso de jovens que tenha estas iniciativas estruturadas, apenas situações pontuais de ajuda à comunidade e o início de uma banda de garagem.

Em janeiro de 2013 iniciou-se mais uma fase do projeto Arca de Talentos, no âmbito do Programa Escolhas 5ª Geração, com duração prevista até dezembro de 2015. Em continuidade de anteriores anos deste programa, continuam a desenvolver-se atividades que visam “(...) *promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, particularmente dos descendentes de imigrantes e minorias étnicas, tendo*

¹ Programa Governamental de âmbito nacional, tutelado pela Presidência do Conselho de Ministros, e integrado no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, IP, criado em janeiro de 2001, com quatro fases de desenvolvimento.

em vista a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social”² em cinco áreas estratégicas: a) Inclusão escolar e educação não formal; b) Formação profissional e empregabilidade; c) Dinamização comunitária e cidadania; d) Inclusão digital; e) Empreendedorismo e capacitação.

3. METODOLOGIA A UTILIZAR

“Os Projetos Sociais orientam-se para a resolução de problemas, com o fim de tentar satisfazer as necessidades básicas do indivíduo.”

(Serrano, 2008: 17).

Para a construção deste projeto de intervenção com jovens, a metodologia utilizada é a Metodologia Participativa de Projeto. Esta metodologia permite planejar o trabalho de intervenção tendo em conta as necessidades do público-alvo e delinear o caminho a percorrer para atingir os objetivos. Os objetivos, nos projetos sociais, são os condutores de toda a ação que é liderada pela planificação de atividades ajustadas às necessidades e finalidade do projeto. Um projeto consiste em ações e atividades que implicam o uso e aplicação de recursos humanos, financeiros e técnicos para alcançar certas metas ou objetivos (Ander-Egg *in* Serrano, 2008: 19).

Tal como refere a autora Isabel Guerra *“O trabalho por projetos é, cada vez mais, uma forma de condução de ações que parece adaptada à intervenção na complexidade e na escassez constante de recursos.”* (Guerra, 2002: 125).

No que diz respeito à sua estrutura, os projetos de intervenção social constituem-se primeiramente pela *“emergência de uma vontade coletiva de mudança”*, seguindo-se a fase de *“análise da situação e a realização do diagnóstico”*, posteriormente é planificado o projeto em si através de um *“desenho do plano de ação”* e por último a *“concretização, acompanhamento e avaliação do projeto”* (Guerra, 2002: 127).

Na constituição deste projeto de mestrado são tidas em conta todas as dimensões de gestão do projeto de empreendedorismo social, em que a ação é sustentada por um diagnóstico cuidado face a um planeamento e avaliação participados pelas pessoas e pelos agentes que têm intervindo com o público-alvo (metodologia participativa do projeto). Nesta fase, para além da análise documental e da recolha de dados quantitativos, pretende-se efetuar entrevistas exploratórias a informantes privilegiados, ao público-alvo e fazer uma análise de *stakeholders*.

² Resolução do Conselho de Ministros n.º 68/2012, 4280 *in* Diário da República, 1.ª série – N.º 154 – 9 de agosto de 2012

Posteriormente, passaremos à fase da ação que é conduzida pelos objetivos. O objetivo geral determina a principal mudança ou efeito global que se prevê alcançar com o projeto. Este objetivo é a grande orientação das ações a desenvolver. Os objetivos específicos pretendem ser a indicação clara dos efeitos que se pretendem promover com o projeto, identificando “quem”, “como”, “o quê” e “quando”.

Desta forma, o plano de ação torna-se mais eficaz e são assim planeadas atividades que façam sentido no projeto e para o público-alvo, tendo em conta as necessidades e objetivos do projeto. É feita a calendarização/duração dessas mesmas atividades e são definidos os recursos humanos que intervêm para a execução das atividades, de que forma vão agir e em que circunstâncias. Além disso, um dos fatores decisivos de um projeto é o financiamento, pois permite a concretização ou não do projeto, que deve ser feito também nesta fase. Aqui deve-se ter em conta a sustentabilidade do projeto, para que este continue mesmo sem financiamento e por isso mesmo devem-se prever todas as hipóteses, fazendo uma análise dos recursos financeiros a que se pode recorrer para o funcionamento do projeto.

Por último, a avaliação que permite refletir as trajetórias do projeto e redefinir estratégias, caso seja necessário. A avaliação pode seguir várias modalidades, segundo Guerra (2002), sendo que, a autoavaliação é aquela que é realizada pela mesma equipa do projeto, a avaliação interna é realizada pela organização gestora do projeto, a avaliação externa, por pessoas exteriores à organização e ainda pode existir uma avaliação mista que combina os vários tipos de avaliação. Para este projeto está prevista uma avaliação mista, onde combina os vários tipos de avaliação. Uma avaliação feita pela equipa do projeto, outra pelo grupo de parceiros e organização do projeto e por último pessoas exteriores à organização, que ainda está em fase de análise quem serão estas pessoas exteriores à organização.

Nos pontos seguintes detalhamos mais pormenorizadamente as duas técnicas de recolha de dados que vamos utilizar.

3.1. ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

A entrevista é “(...) um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.” (Lakatos e Marconi, 1991: 195). “Nesta etapa encontra-se à procura de pistas quanto às áreas a explorar ou a abandonar.” (Bell, 1997: 121). Esta técnica ajuda nesta fase de diagnóstico para que este diagnóstico seja o mais participado possível.

Neste sentido, considerámos relevante utilizar a entrevista numa fase inicial do projeto para obter da equipa da Beira Serra, que já desenvolvem com os jovens alvo do projeto um trabalho sistemático, as suas perceções sobre este projeto e o seu potencial de sucesso junto

destes jovens. Adicionalmente pretende-se perceber as dinâmicas destes jovens, diferenciar os dois grupos (jovens da Boidobra e jovens do Teixoso), delineando com as informações deste grupo privilegiado de pessoas, um perfil dos dois grupos para enriquecer este trabalho.

Por outro lado, entrevistar alguns dos jovens e analisar até que ponto interessa para o percurso deles uma estrutura deste género no seu bairro, que partido tirariam desta e até que de que forma gostariam que fosse.

3.2. ANÁLISE DOS STAKEHOLDERS

“A análise dos stakeholders (atores) refere-se à identificação e descrição dos intervenientes num sistema de ação com base nos seus atributos, relações e interesses face a uma dada questão ou um recurso.” (Guerra, 2006: 105). Segundo Schiefer *et al* (2007: 126) os *stakeholders* podem ser pessoas ou grupos que têm relação com o projeto ou que são afetados pelo projeto e desta forma têm algo a ganhar ou perder com as atividades, resultados e/ou impactos do próprio projeto.

Com esta análise é pretendido conhecer os interesses de cada interveniente, identificar potenciais riscos e conflitos que podem pôr em causa o projeto, listar as oportunidades e relações a construir para o bom funcionamento do projeto, os grupos de intervenientes que devem ser encorajados a participar, analisar as vias para melhorar e remover obstáculos ao diálogo. Em suma, a análise de stakeholders permite aprofundar a visão dos diversos atores. Assim, o objetivo principal é *“(...) fazer participar os atores, gerar condições de análise crítica das formas de mobilização e também sistemas que aprendessem apoiando-se em contextos de investigação-ação participativa.”* (Guerra, 2006: 108).

O projeto Arca de Talentos tem um grupo de consórcio constituído pelas seguintes entidades:

Beira Serra - Associação de Desenvolvimento;

Escola Secundária c/3º ciclo Quinta das Palmeiras;

Agrupamento de Escolas a Lã e a Neve;

Agrupamento de Escolas do Teixoso;

Junta de Freguesia da Boidobra;

Junta de Freguesia de Cantar Galo³;

³ A parte prática do projeto foi realizada antes da reorganização das freguesias e desta forma a Freguesia de Cantar-Galo está neste momento junta com a Freguesia de Vila do Carvalho, ficando União das Freguesias de Cantar-Galo e Vila do Carvalho.

Junta de Freguesia do Teixoso⁴;

Escola Secundária Campos Melo;

CPCJ - Covilhã;

Casa do Menino Jesus;

IEFP - Centro de Emprego da Covilhã;

Grupo Natura IMB Hotels.

Numa primeira fase, a análise de *stakeholders* será efetuada com este grupo de parceiros que analisarão e discutirão o presente projeto. Uma das interrogações que necessita de discussão é será este um projeto autónomo ou uma ramificação do projeto Arca de Talentos?

Desta forma, e tendo em conta as técnicas apresentadas por Guerra (2006), o método a utilizar será inicialmente o método básico, constituído por 4 etapas. Na primeira etapa diz respeito à identificação dos atores a envolver ou do grupo de trabalho. Tal como referenciado em cima, esta etapa já foi pensada, uma vez que já existe um grupo de entidades formado. Considerámos que todos os atores envolvidos no projeto Arca de Talentos deveriam integrar esta análise de *stakeholders*.

Tabela 1 - Modelo da Matriz de Identificação dos Atores

Problemáticas	Problemática	Problemática	Problemática	Problemática
	1	2	3	4
Actores				
Actor 1				
Actor 2				
Actor 3				
Actor 4				
Actor 5				

Fonte: Guerra, 2006: 119.

A segunda etapa passa pela informação aos participantes e a definição do seu papel na dinâmica. Com o apoio de uma “Matriz de Identificação dos Atores” (ver tabela 1) é possível

⁴ A parte prática do projeto foi realizada antes da reorganização das freguesias e desta forma a Freguesia de Teixoso está neste momento junta com a Freguesia de Sarzedo, ficando União das Freguesias de Teixoso e Sarzedo.

relacionar o ator com a problemática do projeto e assim perceber qual o seu papel nesta análise do projeto.

A terceira etapa analisa com maior detalhe os grupos que foram selecionados e qual a influência que têm para o projeto. Esta fase pode ser feita por via da técnica “Chuva de Ideias”, onde cada um apresenta a sua proposta e no final conciliam-se todas as propostas num quadro único.

Por último, a quarta etapa onde são analisados os stakeholders segundo a sua influência e importância no projeto. É neste ponto que se analisa quais os mais ativos e quais aqueles que ainda deveriam ser chamados a participar. Como nos refere Guerra *“a análise dos atores envolvidos, mesmo que pouco ambiciosa, tem sempre como objetivo fornecer elementos de estratégia para a ação (...)”* (2006: 120).

Para esta etapa, recorre-se à “Matriz de identificação dos recursos dos atores” (ver tabela 2), que *“(…) pretende identificar o tipo de recursos existentes no coletivo de parceiros considerando não só os recursos materiais, mas também os recursos imateriais, como, por exemplo, os conhecimentos, a legitimidade e a capacidade de liderar.”* (Guerra, 2002: 123).

Tabela 2 - Modelo da Matriz de Identificação dos Recursos dos Atores

	Peritagem Conheci- mento	Impacte do projecto	Legitimidade Aceitação no meio	Recursos			Pon- tuaçã total
				Financeiros	Logísticos	Humanos	
Público							
Eleitos							
Associações							

Fonte: Guerra, 2006: 124.

Nesta tabela os atores são organizados por critérios, para cada um pontua-se de 0 a 3 em função da contribuição dos fatores apresentados para o projeto, sendo 3 o máximo de apreciação.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A REALIDADE DOS BAIRROS SOCIAIS

“A habitação social representa uma das estratégias fundamentais da providência estatal.”

(Augusto, 2000: 1)

O surgimento dos bairros sociais tem raízes longas na história, profundamente relacionadas com a revolução industrial e conseqüentemente com o êxodo rural para as grandes cidades.

Em Portugal a revolução industrial foi tardia, no entanto, o movimento da industrialização das cidades trouxe as suas conseqüências. Segundo Ferreira (1994: 697), “[a] penetração do modo de produção capitalista nas estruturas agrárias libertou muita mão-de-obra que foi procurar meio de sobrevivência nas cidades, atraída também pelas unidades industriais criadas nas áreas urbanas.”. Desta forma, as estruturas existentes nas cidades não estavam preparadas para receber tanta população e os alojamentos subiram de preço, o que agravou muito a situação de um grupo significativo da população.

“Como resposta ao problema, as habitações degradadas ou abandonadas (palácios, solares e quintas) foram transformadas em alojamentos coletivos de elevada densidade e generalizou-se o subaluguer a várias famílias e o aproveitamento dos terrenos livres e desvalorizados, geralmente nas traseiras dos edifícios, para a construção de alojamentos de recurso, de baixa qualidade.” (Ferreira, 1994: 697-698). Quem aproveitou esta situação foi o sector privado que viu assim uma forma de rentabilizar terrenos pouco valorizados e investir na construção de alojamentos precários, cujas condições de higiene e salubridade eram muito más, desencadeando problemas de saúde pública, afetando a produtividade e a qualidade de vida das pessoas.

Mais tarde, o Decreto-Lei n.º 366/85, de 11 de Setembro, estabelece a cooperação entre a administração central e local para o desenvolvimento de programas de habitação social para arrendamento destinado ao realojamento de populações que vivam em barracas. No entanto, é o Decreto-Lei n.º 226/87, de 3 de junho que estabelece pela primeira vez que “(...) a resolução do problema de habitação dos agregados familiares de baixos recursos económicos passaria por uma colaboração ativa entre o Estado e as autarquias, cabendo ao primeiro, através da Comissão Liquidatária do Fundo de Fomento da Habitação, a promoção de um número de fogos igual ou inferior aos que viessem a ser promovidos pelo município respectivo.”.

Desta forma, com a criação dos bairros de habitação social, o Estado pretende inserir os grupos mais desfavorecidos, dando-lhes um direito que qualquer cidadão deve ter, uma habitação. Tal como refere Augusto (2000: 1) *“[n]as sociedades democráticas a acção do Estado não é simplesmente uma forma de providência, mas deverá contemplar igualmente um exercício de cidadania e um meio de inserção dos grupos mais desprivilegiados, sem que tal implique numa acentuação, quer objectiva, quer subjectiva, da experiência de exclusão vivida pelos actores, devendo, para tal, reforçar o conjunto de laços sociais que caracterizam e definem essa mesma inserção.”*

No entanto, o que hoje assistimos é que o Estado ao formar os denominados bairros sociais aglomera um conjunto de situações problemáticas num mesmo espaço. Estes bairros são construídos, geralmente de forma descontínua em relação ao crescimento urbano, criando sentimentos de segregação e de exclusão. *“As fragilidades do ordenamento, assim como as características arquitectónicas e sociais rapidamente ganham contornos simbólicos que facilmente conduzem a uma estigmatização dos bairros sociais.”* (Augusto, 2000: 2).

Na sua maioria, os bairros sociais são construídos em zonas periféricas à cidade e os habitantes da cidade acabam por ignorar a vida nestes bairros, não sentindo a necessidade de se deslocarem para lá por se sentirem inseguros ou porque normalmente existe uma ausência de equipamentos coletivos ou de espaços exteriores de lazer. (Augusto, 2000)

Por outro lado, as características de quem mora neste bairros torna-os o aglomerado de situações multiproblemáticas. No campo do emprego as situações são normalmente precárias, com qualificações profissionais baixas e pessoas na sua maioria desempregados ou simplesmente inativos (domésticas), como afirmam os autores Barreira (2000) e Gonçalves (1994). No que diz respeito à escolaridade, são geralmente caracterizados por uma elevada taxa de analfabetismo e um ambiente pedagógico familiar pouco favorável ao sucesso escolar.

Ainda segundo estes autores, as relações de vizinhança são normalmente conflituosas. *“A má vizinhança parece ser efectivamente a principal razão explicativa dos conflitos existentes no bairro.”* (Gonçalves, 1994: 143). No entanto, as amizades construídas no bairro são consideradas muito importantes para os que moram nos bairros de habitação social e demonstram até alguma possibilidade de bom relacionamento entre vizinhos.

A degradação urbanística é outra característica muito comum nos bairros sociais, isto devido à qualidade dos materiais utilizados, à reduzida organização de moradores em condomínios, à má utilização de algumas habitações e à ausência de equipamentos e infraestruturas coletivas (Barreira, 2000: 14).

Desta forma, alguns dos moradores dos bairros sociais não criam uma identidade perante o bairro, não se identificam com o que se passa dentro dele, desde a higiene observada nos fogos aos atritos entre vizinhança, e criam algum distanciamento. Já os que gostam de viver

no bairro são os indivíduos que melhoraram algumas das suas condições de vida, adaptando-se principalmente em termos de habitabilidade (Gonçalves, 1994).

“A imagem do bairro parece ser indutora de um sentimento de desgosto.” (Barreira, 2000: 9), quer pelos problemas que os indivíduos que para lá foram morar enfrentam, pois caso contrário não estariam em habitações sociais, quer pelo índice de marginalidade e identidade negativa normalmente associada a estes locais.

Para os indivíduos que residem em zonas de bairros sociais, a habitação social acaba por demonstrar uma dupla incapacidade, quer na construção de um espaço relacional, quer nas possibilidades de uma apropriação social deste espaço (Augusto, 2000: 2).

Na verdade, o que à partida parecia a solução mais viável para a integração dos indivíduos (atribuir fogos e oferecer condições habitacionais melhoradas) acabou por se tornar num instrumento de segregação e de guetização (Augusto, 2000: 3).

Desta forma, a intervenção social nestes bairros é fundamental para reconhecer a necessidade de melhorar as condições de vida e reduzir os fatores de exclusão das populações residentes, o que vem exigir cada vez mais, não só um Estado consciente, como também uma autarquia não demissionária, com uma democracia participativa por parte dos membros do bairro, independentemente do género, idade, etnicidade, educação, religião.

2. JOVENS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

“(...) a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente.”

(Dayrell, 2003: 40)

O tema da juventude começou a ser trabalhado, em Portugal, nos anos 80 do século passado. Em 1982 aplicou-se o primeiro inquérito a jovens, posteriormente outros foram aplicados. As razões apontadas para o despontar do interesse por este segmento da população prenderam-se com *“(...) uma crescente valorização da juventude em termos sociais e políticos - justificada, de resto, pelo alongamento e diversificação das etapas e modalidades de entrada na vida adulta.”* (Pais cit in Ferreira, 1993: 4).

Os estudos da juventude têm como base duas abordagens, uma relativa à Escola de Chicago, da sociologia fundamentalista norte-americana, que consideravam a juventude como um problema social e debruçavam-se sobre os problemas que decorriam do crescimento das grandes cidades, focando os seus estudos na delinquência juvenil, nos gangues, marginais e nos códigos de rua. Mais tarde começaram a preocupar-se com outros temas associados a esta

faixa etária, como a vida boémia, o radicalismo político juvenil, drogas, vestuário e as suas preferências musicais.

Outra a abordagem é a da Escola Francesa para quem a juventude é percebida como uma categoria histórica que ao mesmo tempo procurava integrar-se na sociedade de consumo e diferenciar-se manifestando a sua autonomia (Hazin Alencar, 2012: 5).

Segundo Dayrell (2003), a juventude é em termos de definição algo difícil de chegar a consenso, principalmente porque os critérios que constituem a juventude são históricos e culturais. Desta forma, esta fase da vida do indivíduo que caracteriza o completar do seu desenvolvimento físico e o enfrentar de várias mudanças psicológicas e afetivas, varia dependendo da sociedade onde está inserido e do tempo histórico em que se encontra. Dentro disto, depende ainda das condições sociais (classes sociais, estatuto socioprofissional), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de género e também de regiões geográficas, entre outros. *“Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considera-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social.”* (Dayrell, 2003: 42).

Para Pais (2003), também existem várias abordagens ao conceito de juventude. Segundo este, a própria Sociologia da Juventude apresenta duas tendências: uma em que a juventude é constituída por indivíduos pertencentes a uma determinada fase da vida, prevalecendo a busca dos aspetos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida; outra em que a juventude é constituída por diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, políticas, interesses, oportunidades ocupacionais, entre outros.

“Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase da vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais».” (Pais, 2003: 30). Contudo são também estes problemas sociais que rodeiam os jovens que os fazem crescer e lhes fornecem ferramentas para na vida adulta serem responsáveis. Segundo o mesmo autor, o problema que mais afeta os jovens e os barra na entrada para a vida adulta, é a dificuldade em entrarem no mercado de trabalho. As dificuldades que encontram para conseguirem um emprego vão posteriormente repercutir-se no acesso a uma habitação e assim permanecem durante mais anos em casa dos pais, prolongando o que se considera a idade da juventude.

Ainda na ótica de Pais (2003), a juventude enquanto problema social acarreta, para além dos problemas de inserção no mercado de trabalho, os problemas de falta de participação social, de drogas, de delinquência, com a escola, com os pais. *“Assistimos, em suma, a um processo de definição da adolescência e juventude na nossa civilização como uma etapa de transição*

desenvolvimental para a vida adulta atravessada por dinâmicas psicológicas, sociais, biológicas e culturais.” (Carvalho, 2007: 205).

3. JOVENS: TRAJETÓRIAS DE VIDA E EMPREGABILIDADE

“Os jovens de diferentes condições sociais vivem, certamente, problemas semelhantes no processo de transição para a vida adulta, mas vivem-nos de maneira muito diferente.”

(Pais, 2003: 233)

Atualmente, as trajetórias de vida dos jovens são inconstantes, não só devido à conjectura como também a envolvente familiar e social que influencia os jovens nos seus planos de futuro. A precarização do emprego na UE é um fenómeno comum a todos os países e os mais jovens são o grupo populacional os mais atingidos. Trata-se de uma tendência de natureza estrutural que em Portugal tem atingido nos últimos anos contornos muito dramáticos (Oliveira, Carvalho e Veloso, 2011)

Analisando o processo de forma mais longa, *“(…) os jovens portugueses veem simultaneamente prolongada a sua escolaridade e a conseqüente estada na casa da família de origem dificultada, complexificada e retardada a sua inserção social plena em atividades produtivas e estimulada a sua socialização de consumo no âmbito de uma convivialidade com grupos etários semelhantes.”* (Schmidt, 1990: 646). Este processo dificulta a construção da sua identidade e como consequência esta é determinada pelo acesso ao dinheiro e condicionada pela situação económica e social da própria família. Desta forma, a inserção social dos jovens tem como fator importante de autonomização a desvinculação em relação à família, que cada vez ocorre mais tarde. Os pais assistem cada vez mais, os seus filhos saírem de casa mais tarde, são eles o principal suporte financeiro e instrumental de apoio material nas transições juvenis para a vida adulta (Pappámikail, 2004: 73).

Contudo, segundo Schmidt (1990), esta questão está profundamente relacionada com a estrutura social. O facto de pertencer a classes sociais mais baixas ou mais elevadas influencia na autonomização dos jovens, considerando que os jovens de classes mais baixas adquirem autonomia mais cedo visto que deixam a casa dos pais e constituem família mais cedo. *“As características da família são muito importantes para entender as decisões e atitudes dos jovens, quer em relação à escola, quer em relação ao mercado de trabalho.”* (Costa, 2000: 5)

No que diz respeito à escolaridade, são também os jovens oriundos de classes mais baixas que abandonam a escola mais cedo. Segundo Costa (2000), a relação entre o nível de habilitações e o tipo de profissão da família está ligado com o sucesso/insucesso escolar, assim como com

a motivação que o jovem tem para continuar os estudos. *“Numa sociedade com graves problemas sociais e económicos, muitos são os jovens que se veem ‘empurrados’ para a vida ativa, tendo que terminar a sua carreira escolar, mesmo antes de concluída a escolaridade mínima obrigatória, como tentativa de melhorar as suas condições de vida.”* (Costa, 2000:2). Por vezes a família não consegue suportar as despesas escolares e estes vêm-se forçados a abandonar o sistema de ensino. Por outro lado, o desejo de ganhar dinheiro e independência torna-se aliciante para os jovens, que pretendem passar a ter dinheiro “só seu”.

Segundo Guerreiro e Abrantes (2007), no sistema educativo, todos os jovens frequentaram pelo menos o 1º ciclo, no entanto, a partir daqui assiste-se a dois tipos de situações: os que seguem a vida escolar e académica e os que entram na vida profissional, com baixas qualificações.

No sentido de colmatar esta problemática, para além da existência de cursos de formação profissional fornecida pelo IEFP e por entidades acreditadas para lecionar formação profissional, em 2001 surgem os centros de reconhecimento, validação e certificação de competências, posteriormente designados de CNO⁵ e atuais CQEP⁶, que permitem a adultos e jovens-adultos detentores de habilitações inferiores ao 12º ano de escolaridade a orientação para o percurso mais adequado às suas necessidades formativas (processo de RVCC, Curso EFA ou outro). Qualquer destes percursos visa, consoante os casos, a certificação escolar equivalente para todos os efeitos legais ao 1º, 2º e 3º ciclos do Nível Básico ou ao Nível Secundário de Educação. Uma vez que o mercado de trabalho se encontra cada vez mais competitivo, torna-se necessária uma qualificação ao nível escolar para poderem também ascender profissionalmente.

O emprego em Portugal tem sofrido uma reestruturação. Tendo em conta as qualificações escolares, ao analisarmos os profissionais não qualificados, que sofreram uma redução de efetivos, verificamos também que cada vez mais existem efetivos nesta categoria que possuem o ensino superior, ficando para trás os que não são qualificados. Segundo Alves *et al* (2011: 34) *“(...) a população empregada tem sofrido uma reestruturação significativa em Portugal, por via do aumento significativo das posições mais qualificadas (profissionais e técnicos) e da diminuição no trabalho mais rotineiro (administrativo) e manual (operários e trabalhadores não qualificados), parcialmente compensada pelo crescimento do número de postos de trabalho menos qualificados no sector dos serviços”*. Perante esta realidade e analisando o perfil do público-alvo do projeto, denota-se que não possuem qualificação para acompanhar esta reestruturação no emprego e por isso existe efetivamente a necessidade de se qualificarem para acompanharem o ritmo de mudança do nosso país, uma vez que estas

⁵ Enquadrado pelo regime jurídico estabelecido pelo Decreto -Lei n.º 396/2007, de 31 de Dezembro.

⁶ Portaria n.º 135-A/2013, de 28 de março, regula a criação e o regime de organização e funcionamento dos CQEP.

alterações se fazem sentir nas populações mais jovens que são forçadas a esperarem durante mais tempo para obtenção do seu primeiro emprego.

Por outro lado, a qualidade do vínculo laboral afeta muito os jovens de hoje no início da sua carreira, onde *“(...) a relação contratual pode passar por uma sucessão de contratos a prazo de curta duração, por uma situação de ‘falso trabalhador independente’, por uma bolsa de formação, por uma estágio de baixa ou nula remuneração ou, em último caso, pela ausência de um qualquer mecanismo contratual de ligação entre as partes.”* (Alves et al, 2011: 37). Esta situação gera uma precarização no mercado de trabalho muito comum nos jovens destes bairros de intervenção, que perante um cenário de dificuldades económicas vêm-se obrigados a arranjar qualquer “biscate” para sobreviver, andando de um lado para o outro, de trabalho em trabalho *“(...) num recorrente movimento yô-yô.”* (Pais, 2001: 74).

Segundo Giddens (2001), também a crescente alteração nas formas de trabalho, fruto das novas tecnologias, traz cada vez mais a esta sociedade uma instabilidade no seu percurso profissional e tal como refere o autor, esta mudança pode ser perturbadora e muitos vêm com receio a sua estabilidade no mercado de trabalho. Assim, refere ainda que muitos experienciam uma precarização do trabalho e que principalmente os jovens já não podem contar com uma carreira segura com um único local de trabalho, uma vez que o modelo dominante da eficiência e do lucro leva a que os indivíduos com poucas qualificações sejam direcionados para empregos precários e vulneráveis às mudanças ocorridas nos mercados, uma vez que *“[a]pesar dos benefícios trazidos pela flexibilidade no local de trabalho, vivemos hoje numa cultura de ‘contratação e despedimento’, onde a ideia de um ‘emprego para toda a vida’ já não tem cabimento.”* (Giddens, 2001: 414).

Nesta perspetiva já em 1993 o autor Ferreira abordava o trabalho, emprego e a profissão como umas das problemáticas que mais afetava os jovens. *“Em Portugal a inserção dos jovens no mercado de trabalho tem vindo a ser cada vez mais difícil. Os jovens são cada vez mais afetados pelo desemprego, subemprego e emprego precário, tendência essa que se agravou mais nitidamente ao longo da última década.”* (Ferreira, 1993: 69). Neste estudo onde o autor referido anteriormente faz uma análise dos jovens nos anos 80, os jovens nesta década tinham como principal preocupação encontrar um trabalho que lhes desse gosto realizar, em oposto ao que ocorria na década de 90, onde o desemprego é apontado como o maior receio dos jovens e por isso preferem aceitar qualquer tipo de trabalho, mesmo que não o satisfaça a nível pessoal e económico, mas preferem isso a não ter nada.

Segundo o mesmo autor *“(...) para os jovens dos meios socioeconómicos mais desfavorecidos, o dinheiro que se pode ganhar através de um trabalho seria muito importante em termos da sua própria subsistência, dado que se integram no mercado de trabalho mais cedo do que os de outros meios sociais e beneficiam de menores recursos monetários por parte das suas famílias.”* (Ferreira, 1993: 75). As diferenças de ambições e de projeções de vida é diferente

tendo em conta o meio familiar e social em que vive, uma vez que, reforçando esta linha de pensamento, “(...) os jovens do status mais elevado valorizam em primeiro lugar a realização profissional, seguida, a grande distância, pela vida familiar, só depois aparecendo na sua hierarquia o dinheiro e segurança material e a vida afetiva, com idêntica valorização. Para jovens do status mais baixo, os aspetos que dão mais importância para o seu futuro pessoal é o dinheiro e segurança material, seguido pela realização profissional, em segundo lugar, e pela vida familiar, em terceiro lugar, aparecendo a vida afetiva em quarto lugar, mas muito menos valorizada do que pelos jovens do status mais elevado.” (Ferreira, 1993: 104).

4. JOVENS E EMPREENDEDORISMO

“O empreendedor social não é o que dá o peixe, nem ensina a pescar; é aquele que não descansará enquanto não revolucionar a indústria da pesca”

Bill Drayton, fundador da Ashoka

O conceito de empreendedorismo está atualmente muito presente nos discursos da esfera pública, “(...) com os efeitos que a recessão económica e as elevadas taxas de desemprego têm a nível individual e coletivos, os conceitos de empreendedorismo, educação para o empreendedorismo e iniciativas empreendedoras, ganham relevo político, económico e social.” (Cardoso e Almeida, 2012: 5).

Muitos autores defendem que o empreendedorismo vem de longas décadas, considerando este conceito tão antigo quanto o comércio entre tribos e aldeias. Para Dees (2001), a expressão “*ser empreendedor*” é conhecida geralmente como começar um negócio, mas é muito mais que isso. Segundo este autor, o empreendedorismo nasce com o termo “*entrepreneur*”, na economia francesa por volta do século XVII ou XVIII, e passa a ser usado para identificar aqueles que descobriam novas e melhores formas de fazer as coisas.

Contudo, Schumpeter é quem traz novos contributos a este conceito considerando o empreendedor como o agente de mudança, capaz de conduzir o processo de destruição criativa do capitalismo e de revolucionar padrões de produção (in Cardoso e Almeida, 2012).

É com o crescimento do terceiro sector e a necessidade de dar resposta a novos problemas sociais que o empreendedorismo ganha novos contornos e emerge o empreendedorismo social. Segundo Gregory Dees (2001: 1) o empreendedorismo social é uma abordagem inovadora de resolver os problemas sociais, capaz de criar mudança e valor social, “(...) combina paixão de uma missão social com uma imagem de disciplina ligada à gestão, de inovação e de determinação (...)”.

Com o empreendedorismo social emerge o conceito de Inovação Social que, segundo André e Abreu (2006), está ligado a iniciativas do terceiro sector que se dirigem ao combate da exclusão social. Para os autores inovação social é *“(...) uma resposta nova e socialmente reconhecida que visa e gera mudança social, ligando simultaneamente três atributos: (i) satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado; (ii) promoção da inclusão social; e (iii) capacitação de agentes ou atores sujeitos, potencial ou efetivamente, a processos de exclusão/marginalização social, desencadeando, por essa via, uma mudança, mais ou menos intensa, das relações de poder.”* (André e Abreu, 2006: 124).

De acordo com André e Abreu (2006:125), inicialmente, a inovação social surgiu ligada à aprendizagem e ao emprego e mais tarde surge também ligada às políticas sociais. Estes primeiros conceitos estão associados, principalmente, ao aumento da competitividade das empresas. Assim, torna-se pertinente distinguir inovação tecnológica e inovação social. A primeira relaciona-se com todas as novidades produtivas implementadas nas empresas. A segunda tem intenções que geram, e visam, transformações nas relações sociais.

Desta forma, a inovação torna-se uma ferramenta do empreendedorismo social e na emergência de encontrar novas e diferentes formas de resolver os problemas sociais nasce o empreendedor social que *“(...) enquanto agentes de mudança, devem procurar: adotar uma missão que vise criar e manter valor social; encontrar oportunidades nos obstáculos; desenvolver as atividades segundo os princípios da inovação, da experiência e da aprendizagem; agir com ousadia face à limitação dos recursos; seguir uma lógica accountability perante os cidadãos, quanto aos recursos envolvidos no projeto; avaliar e divulgar os resultados gerados.”* (Dees in Cardoso e Almeida, 2012: 6).

Segundo Ashoka, *“[d]o mesmo modo que os empreendedores em geral mudam a face dos negócios, os empreendedores sociais atuam como agentes de mudança da sociedade, aproveitando as oportunidades que outros deixam passar e melhorando os sistemas, inventando novas abordagens e criando soluções capazes de mudar a sociedade para melhor”* (Ashoka, 2013).

Neste sentido, e com o intuito de promover na educação desde criança os termos de empreendedorismo que, desde 2005 que a Comissão Europeia promove uma cultura empreendedora a inculcar nos jovens desde o primeiro ciclo até à universidade. *“Tais competências, nessas perspectivas, são consideradas essenciais tanto para a aprendizagem ao longo da vida quanto para a empregabilidade como para fomentar a satisfação pessoal, a inclusão social e a cidadania ativa.”* (Almeida, 2012: 3).

Contudo, a escola ainda está excessivamente orientada para o ensino formal, quando na verdade *“[a] construção do conhecimento na escola deve integrar-se num contexto complexo, dinâmico e interdisciplinar e não numa perspectiva fragmentada, estanque e disciplinar.”*

(Chaves e Parente, 2011: 66-67). Desta forma, os autores referem que os projetos de empreendedorismo constituem no seu enfoque a abordagem por competências. Esta nova abordagem torna-se assim um novo desafio que para além de ser exigido aos alunos que acumulem e memorizem saber, têm de se preocupar em transferi-los e mobilizá-los. *“O enfoque é dado à utilização prática dos saberes, sem que isso represente a negação do seu fundamento teórico; pelo contrário, promove uma valorização dos saberes que vai para além dos contextos da sua aprendizagem abstrata.”* (Chaves e Parente, 2011: 68).

Em Portugal, o POPH (Programa Operacional Potencial Humano), inscrito no QREN (Quadro de Referência Estratégica Nacional), tem como um dos objetivos estimular o empreendedorismo enquanto alternativa ou saída para a transição para a vida ativa (Almeida, 2012: 5). Desta forma, os projetos criados neste âmbito têm como mote a educação para o empreendedorismo de forma a conseguir atingir este objetivo. O Programa de trabalho “Educação e Formação para 2010”, o empreendedorismo na escola tem lugar de destaque (Chaves e Parente, 2011: 68).

Por outro lado, no que diz respeito ao referido anteriormente acerca da estratégia da Comissão Europeia, em Portugal, o Projeto Educação para o Empreendedorismo (EPE) tem desenvolvido ações empreendedoras nas escolas. *“O desenvolvimento do empreendedorismo em meio escolar pressupõe um desígnio de acção global das escolas no sentido de fomentar a educação para o empreendedorismo.”* (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007: 9). Esta é considerada uma forma de promover atitudes empreendedoras nos jovens, constituindo assim indivíduos com pensamento crítico e promovendo a sustentabilidade do país.

O objetivo do EPE é promover *“[p]rojetos de investigação e de intervenção desenvolvidos por alunos dos ensinos básico e secundário no âmbito das áreas curriculares que originem produtos sociais concretos, motivantes, capazes de responder aos seus próprios problemas e necessidades e com um impacto (observável, qualificável ou quantificável) no grupo-turma, na comunidade escolar, local ou regional, orientados para fins sociais, de investigação ou científico-tecnológicos.”* (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007: 10). Assim, segundo este guião, a visão é que todos os alunos serão empreendedores se viverem num ambiente promotor e encorajador do seu potencial e a missão é garantir que os alunos tenham acesso a uma educação que incentive o próprio empreendedorismo, através do desenvolvimento de um conjunto de competências transversais ao currículo nacional, integradas num pensamento crítico e criativo, virado para a mudança, para a resolução de problemas e para a literacia.

Segundo a Comissão Europeia, *“[a] educação para o empreendedorismo aumenta as hipóteses de êxito das start-up e do emprego por conta própria e reforça a recompensa económica e a satisfação pessoal.”* (COM, 2006: 4).

Do nosso ponto de vista esta é a visão simplista e industrializada do que é ser empreendedor, uma vez que mais do que jovens empreendedores com muitas e grandes ideias, necessitamos de jovens capazes de seguir com os seus projetos e capazes de idealizar o seu projeto de vida. É com esta visão de educação para o empreendedorismo é a que os jovens são hoje em dia “bombardeados” nas escolas mas, uma vez que os empreendedores necessitam de trabalhadores, seria mais importante que esta educação para o empreendedorismo promovesse a construção de um projeto de vida autónomo e versátil.

Chaves e Parente (2011) apresentam o programa “A Empresa”, destinado a alunos do ensino secundário, promovido pela Associação Aprender a Empreender, que é a congénere portuguesa da organização-mãe *Junior Achievement*. Este programa implementa um processo de ensino-aprendizagem direcionado para a promoção do espírito empreendedor. Os objetivos prendem-se com o “(...) *desenvolvimento da criatividade e do sentido de iniciativa através de uma abordagem transdisciplinar.*” (Chaves e Parente, 2011: 69). Este tipo de programas, adaptados à realidade portuguesa, são lecionados em parceria com voluntários de empresas e docentes das escolas que o implementam, de forma a tornar os conteúdos mais atraentes e adaptados à realidade. Os docentes das escolas que aderem têm acesso a material programático que os apoia nas atividades desenvolvidas. Com o programa “A Empresa” são exercitadas competências ao nível do saber (teórica), saber-aprender (cognitiva), saber-fazer (instrumental) e saber-ser (social).

Os fundamentos desta abordagem prendem-se “[c]om o advento desta sociedade existe uma forte pressão sobre os saberes, nomeadamente os escolares, para que estes se construam de forma a serem mobilizados em competências. São elas a criatividade, a iniciativa, a liderança, a cooperação, a capacidade de tomar decisões, de planeamento, coordenação, trabalho em grupo e organização de um projeto.” (Chaves e Parente, 2011: 79). As conclusões que Chaves e Parente (2011) tiram com o programa “A Empresa” são impulsionadoras de que se invista mais no empreendedorismo nas escolas. Os benefícios apontados passam pela aquisição de saberes teóricos e de recursos cognitivos potenciando os jovens a aplicar os saberes escolares adquiridos numa nova capacidade de enfrentar a mudança e a capacidade de ação e reação a novos desafios. Consideram também que incentiva os jovens a frequentarem a escola, pois têm contacto mais direto com o mercado de trabalho. De acordo com estes autores “[o] empreendedorismo na escola conduz-nos a repensar a eficácia da educação formal baseada apenas no treino de competências teóricas e dos recursos cognitivos.” (Chaves e Parente, 2011: 80).

Constata-se também que cada vez mais existem concursos financiados não só pelo Ministério da Educação e por programas de fundos europeus, mas também de grandes instituições bancárias e empresas que premeiam as melhores ideias, os melhores projetos desenvolvidos por jovens. Na nossa opinião é importante questionar em que medida serão estes concursos

promotores de inovação e ideologia empreendedora ou se há um processo de banalização da expressão “ser empreendedor”.

III. IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS E DIAGNÓSTICO

1. IDENTIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS

“Problema -Questão a ser considerada, resolvida ou respondida. Dificuldade, obstáculo, impedimento, contrariedade ou inconveniente.”
(Schiefer et al, 2007: 259)

O objeto de estudo deste projeto são jovens dos 16 aos 24 anos, com baixas qualificações, desempregados ou com trabalhos precários e inseridos em contextos vulneráveis, concretamente nos Bairros de Habitação Social das Nogueiras e da Alâmpada. Em cada um destes bairros pretende-se reaproveitar espaços físicos já existentes para criar uma estrutura de apoio ao empreendedorismo e à empregabilidade, denominada de *Incubadora Juvenil*.

Analisando dados fornecidos por agentes de proximidade com os jovens alvo deste projeto, estes caracterizam-se em termos de fatores de risco pela proximidade e disponibilidade da droga no Bairro - 107 contraordenações relacionadas com o consumo de drogas até aos 24 anos no concelho da Covilhã, na freguesia do Teixoso ocorreram 28 processos (Comissão para a dissuasão da toxicodpendência de Castelo Branco).

Por problemas de comportamento - pressão dos pares, vivências e exposição a modelos de violência, maus tratos psicológicos e abuso emocional, em que os indicadores de processos da CPCJ da Covilhã em 2011 demonstram que num total de 117 processos, 23 processos são da freguesia do Teixoso e 13 na freguesia da Boidobra, destes valores 40,7% são de maus tratos psicológicos e de abuso emocional, 25,6% representam casos de negligência, exposição a modelos comportamentais desviantes cerca de 20,9%.

Fatores familiares e económicos - dependência de apoios sociais, elevado número de desemprego de familiares e jovens. No indicador emprego, com um levantamento de diagnóstico conseguiu-se apurar que de um total de 56 jovens residentes no Bairro das Nogueiras, 22 jovens estão desempregados, o Bairro da Alâmpada num total de 106 jovens, 42 jovens estão desempregados, no indicador dependência do sistema de Segurança Social, resultante da referenciação de processos de RSI, Núcleo Local de Rendimento Social de Inserção, 426 processos de RSI (Rendimento Social de Inserção) em 2012, 104 na freguesia do Teixoso e 65 na freguesia da Boidobra.

No sentido de complementar os dados estatísticos disponíveis e também de aprofundar o conhecimento sobre o caso e recorrendo ao trabalho direto da Beira Serra, realizou-se uma entrevista exploratória à equipa técnica que diariamente trabalha com os jovens em estudo no projeto Arca de Talentos e entrevistas exploratórias a oito desses jovens, quatro jovens do Bairro das Nogueiras e quatro jovens do Bairro da Alâmpada (entrevistas no anexos 1 e 2).

A entrevista à equipa técnica foi realizada em grupo, nela participaram a coordenadora do projeto (licenciada em Animação Sociocultural), funcionária na Beira Serra há 12 anos e no projeto Arca de Talentos, desde 2006, há 7 anos, e a animadora do projeto (mestre em Antropologia) que ingressou na Beira Serra há 5 anos, para o projeto Arca de Talentos.

Na entrevista com a equipa técnica foi possível verificar que as áreas que o projeto trabalha são as áreas comportamental, psicossocial, escolar (quer ao nível do ensino regular, como da formação profissional) e emprego. O trabalho que desenvolvem desde 2006, com jovens dos 6 aos 24 anos e respetivas famílias, é um trabalho que tem pretendido diminuir constrangimentos, praticar atitudes de cidadania de forma a torná-los autónomos e emancipados perante os problemas que lhes vão surgindo no quotidiano. Os problemas estão relacionados na sua maioria com desemprego, dependência de subsídios sociais, pouca escolaridade e falta de objetivos de vida.

Para este trabalho a equipa desenvolve um conjunto de atividades que, da perspetiva da equipa *“garante uma intervenção participada”* por parte dos jovens e estes *“experimentam e desenvolvem competências que os permite no futuro utilizar como ferramenta de empreendedorismo individual e social”*. Como o dizem: *“A finalidade do projeto é servir de vínculo ou de meio para que os mesmos esbochem um trajeto que visa o melhoramento da vida de cada um”*.

Desta forma, consideram que a concretização do projeto Incubadora Juvenil, se *“associado a uma iniciativa lucrativa para os jovens, tem todas as possibilidades de se tornar uma ideia inovadora nestes contextos sociais”*, considerando que seria um projeto que abriria portas a estes jovens com *“uma participação efetiva dos jovens”*.

Como sugestão para a Incubadora Juvenil, referem que seria importante que houvesse um acompanhamento de proximidade com as ideias empreendedoras e que esse acompanhamento passasse principalmente por procurar soluções viáveis dessas ideias. Na medida em que, segundo o relataram, já existiram ideias de jovens em criarem pequenos negócios e a equipa não conseguiu dar resposta de forma viável, acabando estes por desistirem das suas ideias.

O acompanhamento das ideias e o apoio ao desenvolvimento das mesmas tornando-as projetos exequíveis e que façam sentido na comunidade em que estão inseridos é um processo que tem grande relevância para o sucesso do projeto. Neste sentido, é importante

ter um suporte técnico e de parceiros institucionais nesta área para garantir o bom funcionamento da incubadora.

Durante a entrevista foi solicitado o preenchimento de uma tabela, de forma a identificar o perfil dos jovens dos dois bairros (ver tabela 3).

Desta forma, numa primeira abordagem podemos verificar que nos dois bairros os problemas são idênticos, no entanto, no Bairro das Nogueiras é possível observar que são mais incidentes. A desmotivação pela escola e as dificuldades que os jovens têm em ter aproveitamento e dar continuidade aos seus estudos é um problema que continua a afetar estes bairros, mas no Bairro das Nogueiras ainda não existe um reconhecimento de que esta situação representa um problema, quer por parte dos jovens, quer por parte das famílias. Na sua maioria as famílias são caracterizadas, por uma forte dependência de apoios sociais, desconhecendo os seus direitos e deveres cívicos e no caso do Bairro das Nogueiras são evidentes as carências financeiras, associada a uma falta de gestão financeira do agregado familiar.

Tabela 3 - Descrição do Perfil dos Jovens de cada Bairro de Intervenção

Temas	Bairro da Alâmpada	Bairro das Nogueiras
Escola	Jovens com bastantes dificuldades escolares; Desmotivação pela escola	Jovens com bastantes dificuldades escolares; Desmotivação pela escola; Falta de reconhecimento pelo ensino
Família	Famílias dependentes de apoios sociais; Falta de informação de direitos e deveres,	Famílias dependentes de apoios sociais; Falta de informação de direitos e deveres; Falta de reconhecimento pelo ensino; Famílias com carências financeiras evidentes.
Trabalho	Famíliares com desemprego de longa duração; Aproveitam feiras populares e as campanhas sazonais da fruta	Desemprego juvenil; Famíliares com desemprego de longa duração; Aproveitam as campanhas sazonais da fruta
Lazer	Existem atividades ligadas ao rancho e catequese, no entanto a participação dos residentes no bairro não é muito significativa.	Estruturas muito deficientes a este nível, ao nível do bairro, não existe relação com o resto da freguesia.
Comunidade	Existe espírito de comunidade, apesar de alguns constrangimentos	Existe espírito de comunidade, apesar de alguns constrangimentos
Comportamentos	Evidência de alguns comportamentos violentos, particularmente em alguns agregados familiares.	Evidência de alguns comportamentos violentos; Uso de substância psicoativas, drogas e principalmente álcool

Ao nível do trabalho, os bairros têm características muito comuns, os familiares em idade ativa: pais, mães e tios, primos (que vivem por vezes na mesma residência), estão desempregados há muito tempo, sendo considerados pelo IEFP como desempregados de longa

duração. Os jovens destas famílias, como forma de ganharem dinheiro aproveitam empregos sazonais em feiras e na apanha da fruta, por vezes emigrando para Espanha sazonalmente.

No que diz respeito ao lazer os jovens do Bairro da Alâmpada, segundo a equipa, estão mais integrados com as atividades próprias da freguesia, como festas e outros eventos, alguns dos jovens frequentam o rancho e as crianças iniciam todas a catequese. No próprio bairro não existem estruturas de lazer, mas na freguesia existem, como por exemplo um parque e/ou campo de futebol, e estes jovens frequentam com regularidade esses espaços. Já no Bairro das Nogueiras, os jovens centram-se muito no próprio bairro, que não tem estruturas. Existia um parque infantil que foi vandalizado e o campo de futebol criado pelos jovens do projeto é pequeno e com poucas condições. Não existe uma participação nas atividades desenvolvidas pela freguesia, uma vez que a maioria não se identifica com esta, como pudemos verificar nas entrevistas individuais realizadas aos jovens deste bairro.

Em termos de relacionamento com a comunidade, apesar de alguns constrangimentos, há união entre os jovens e como bairro. No entanto, como se pode também verificar, nas entrevistas individuais, existem algumas queixas em relação à vizinhança. Os comportamentos violentos são uma característica dos dois bairros e as rixas entre vizinhos e violência por parte dos jovens com outros fora do bairro são comuns. As forças militares visitam com frequência estes dois bairros devido a desentendimentos, principalmente o Bairro da Alâmpada onde chegam a existir tiroteios. No Bairro das Nogueiras é mais visível o consumo de drogas e álcool, substâncias psicoativas, quer pelos jovens, quer pelas famílias.

Tabela 4 - Caracterização dos Jovens Entrevistados

Nome	Idade	Ocupação	Localidade
António	17	Estuda no 10º ano na Escola de Hotelaria e Turismo do Fundão - curso de cozinha/pastelaria	Bairro da Alâmpada
Beto	21	Estuda no 12º ano do curso técnico para a gestão do IEFP. Está a estagiar na Beira Serra dois dias por semana.	Bairro da Alâmpada
Carlos	19	Estuda no 10º ano no curso técnico de multimédia na Escola Quinta das Palmeira e trabalha como dinamizador comunitário na Beira Serra.	Bairro das Nogueiras
Mara	23	Desempregada a tirar curso de formação profissional em eletrónica médica do IEFP, com equivalência ao 12º ano.	Bairro das Nogueiras
Mateus	18	Trabalha numa empresa de publicidade como distribuidor de publicidade em part-time.	Bairro das Nogueiras
Paula	22	Trabalha num Hotel como empregada de andares a tempo inteiro.	Bairro da Alâmpada
Sérgio	18	Aguarda vaga num curso de formação profissional de equivalência ao 12º ano.	Bairro das Nogueiras
Vânia	17	Estuda no 11º ano no curso técnico de apoio à gestão desportiva da Escola Frei Heitor Pinto e trabalha num café ao fim-de-semana.	Bairro da Alâmpada

Nas entrevistas realizadas aos jovens dos dois bairros de intervenção, pretendeu-se alguma equidade em relação ao sexo, no entanto, como o número de participantes masculinos é

muito superior ao feminino, principalmente no Bairro das Nogueiras, a maioria das entrevistas foi realizada a jovens do sexo masculino.

A tabela 4 apresenta as características dos jovens ao nível da idade, ocupação e bairro onde reside. Verifica-se que no Bairro da Alâmpada os jovens estão orientados quer ao nível escolar, quer ao nível profissional. Já no Bairro das Nogueiras encontram-se dois jovens em situação precária e sem rumo ao nível profissional. Durante a entrevista foi possível perceber que tanto o Sérgio como o Mateus não têm ainda definido um rumo para a sua vida. Estes “saltitam” de curso em curso e vão trabalhando em pequenos biscates, uns a recibos verdes, outros sem qualquer tipo de contrato. Outra constatação é que apenas uma jovem se encontra no ano escolar equivalente à sua idade, a Vânia, e todos os outros estão em cursos profissionais, nenhum em ensino regular.

Tabela 5 - Participação dos Jovens na Beira Serra

Nome	Forma de Participação	Vantagens/Desvantagens	Mudanças
António	Participa nas atividades que desenvolve desde muito pequeno e dá apoio por vezes como monitor.	Aprendeu a comunicar e interagir com as pessoas.	Sentiu progressos ao nível escolar. Antes era baldas na escola e aprendeu a valorizá-la com o apoio da equipa da Beira Serra.
Beto	Participa desde os 9 anos nas atividades desenvolvidas e dá apoio como monitor.	Conhece novas pessoas, novas experiências e mais conhecimento.	Sentiu progressos, porque o ajudou a pensar, crescer, aprender e ter mais responsabilidade.
Carlos	Participa há poucos anos nas atividades do projeto Arca de Talentos	Considera desvantajoso não ter começado a participar antes, pois através da sua participação conseguiu a função de dinamizador comunitário no Arca de Talentos.	Considera-se mais responsável e menos influenciável pelos outros.
Mara	Participa pouco, dá por vezes um apoio como monitora.	Como está pouco tempo, acha que é vantajoso para todos.	Sem grande alteração, mas já a aconselharam em alguns momentos mais difíceis.
Mateus	Participa nas atividades do Arca de Talentos desde o seu início.	Com a participação aprende coisas novas.	Prefere não falar.
Paula	Participou muito desde pequena, agora como trabalha não participa tanto.	Considera que foi sempre vantajoso, cresceu com a Beira Serra.	Mais sociável e com maior confiança em si.
Sérgio	Participa nas atividades do Arca de Talentos desde o seu início.	Aprender novas coisas e maior conhecimento. Vê como desvantagem a “criancice das pessoas”.	Mais atitude, mais juízo e não faz tantas asneiras.
Vânia	Participa nas atividades que desenvolve desde muito pequena e dá apoio por vezes como monitor.	Aprende outras coisas necessárias para o seu futuro.	Progrediu escolar, pessoal e profissionalmente. Mudou e cresceu com a Beira Serra.

Através das questões realizadas foi possível verificar, como é explícito na tabela 5, que estes jovens estão envolvidos com a Beira Serra desde pelo menos o início do projeto Arca de Talentos. Há no entanto situações muito distintas nos dois bairros. Enquanto os jovens do

Bairro da Alâmpada têm uma relação com esta associação muito próxima e já exercem funções de responsabilidade para com as atividades desenvolvidas. Alguns dizem mesmo que cresceram com a Beira Serra, como refere a Paula: *“eu cresci graças à Beira Serra, desde pequenina, ainda quando o CID era um ATL”*. Integraram já outros projetos anteriores e vêm, neles próprios, mudanças ao nível pessoal e comportamental; já os jovens do Bairro das Nogueiras reconhecendo embora importância à Beira Serra, não sentem verdadeiramente mudanças em si devido ao trabalho que tem sido desenvolvido. Temos o exemplo do Mateus que é um jovem com uma vida familiar muito complicada e com alguma ligação a drogas leves. Este jovem oscila de curso em curso, por vezes trabalha, outras vezes não, umas vezes manifesta interesse num curso e a equipa esforçasse por integrá-lo, mas quando entra acaba por desistir. Tem sido um caso particularmente complicado e durante a entrevista notou-se as dificuldades pelo tipo de resposta rápida que dava e quando lhe foi perguntado se sentiu mudanças ao participar nas atividades da Beira Serra este respondeu *“prefiro não falar nisso”*.

Temos depois o caso do Carlos, um jovem do Bairro das Nogueiras que viu o seu futuro mudar com a entrada na Beira Serra, neste momento é dinamizador comunitário⁷ que como ele próprio o referiu na entrevista *“é tentar tirar o maior partido da capacidade dos jovens do bairro, para tira-los não de uma vida má que eles possam ter mas ocupá-los com outras coisas com eles não devem estar ocupados”*. Este jovem destacou-se no bairro como um líder e a equipa do Arca de Talentos está a transformar essa liderança para uma liderança positiva perante os outros jovens.

Uma constatação que nos parece importante reter é que todos consideram que a Beira Serra tem feito um bom trabalho.

No que concerne à vivência no bairro e relação com a comunidade, a tabela 6 apresenta as informações obtidas. A maioria dos jovens identifica-se com o local onde vive, até porque são moradores de longa data. De realçar que o Bairro das Nogueiras é recente, tem 11 anos e com exceção da Mara, todos os entrevistados desse bairro residem nele desde que começou a ser habitado. Não se identificam com a vizinhança, no caso da Vânia e do Sérgio, referem que neste momento não se identificam por causa da vizinhança, a Vânia diz mesmo que *“comecei a conhecer outras pessoas de outros locais e vou mais para esses locais do que fico por aqui”*. O Mateus que nunca se identificou devido aos mexericos, *“fala-se muito da vida das pessoas, por isso eu prefiro não andar por aqui, prefiro ir lá para cima para o Teixoso”*. Os outros jovens, com exceção da Mara e do Carlos, mudavam de local se lhes fosse possível. Não gostam de lá morar devido aos vizinhos, às confusões, barulho e conflitos.

⁷ O dinamizador comunitário é uma função criada pelo Programa Escolhas para os seus projetos a nível nacional. Este é um jovem oriundo da comunidade que se destaque dos outros pelas suas características de liderança e facilidade no relacionamento interpessoal. Tem uma função direta com os jovens em todas as atividades, pois é objetivo este jovem ser um exemplo positivo para todos os outros.

No caso do Bairro da Alâmpada, o que os entrevistados mais gostam são as amizades que nele construíram, como refere o Beto *“tem de mau a vizinhança e tem de bom os amigos que já criei”*, mas a etnia cigana é por eles vista como os desordeiros do bem-estar naquele bairro, o António diz que *“é sempre com os de etnia cigana, barulho até às tantas, quando estão em festas não respeitam ninguém”* e que *“se calhar até era um bom sítio para morar, mas as pessoas fazem do bairro pior do que aquilo que é”*. A Mara e o Carlos habituaram-se a viver naquele bairro, contudo enquanto para a Mara morar noutra local qualquer seria igual, *“acho que seria igual se vivesse noutra local”*, para o Carlos o bairro é o seu *“habitat”*.

Todos foram unânimes na opinião de que ser morador de um bairro social é visto de forma negativa por quem está de fora. O Mateus e o Sérgio chegam a dar exemplos concretos de que na escola o Mateus refere que ouvia muito a expressão *“Oh! É do bairro”* e quando vão à piscina da freguesia, se acontece algo de errado os primeiros a serem acusados são os jovens do bairro social mesmo que não sejam eles a provocar a desordem, afirma o Sérgio com as seguintes palavras: *“na piscina passamos muitas vezes por isso, porque mesmo estando quietos e assim, somos sempre nós que fazemos tudo o que é mau, fazemos distúrbios às vezes, mas quando entramos ouvimos logo os comentários ‘lá vêm aqueles’ e fica-lhes mal”*. No caso do Bairro das Nogueiras, em conversa posteriormente às entrevistas foi possível perceber que os jovens consideram que existe uma forte distinção entre o bairro e o resto da freguesia do Teixoso. Uma coisa é o bairro (que está dentro da mesma freguesia), outra coisa é o Teixoso (centro da freguesia).

No entanto, curiosamente, num aspeto todos os jovens são unânimes: não sentem que têm menos oportunidades por morarem num bairro social, por exemplo, para a Paula o facto de morar onde mora considera-o como um desafio, pois ainda lhe faz lutar mais pelo que não tem e mostrar de que é capaz de atingir os seus objetivos com sucesso, como resposta à questão *“Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?”* a jovem responde: *“Eu acho que me trouxe mais, porque eu acho que se nascesse com tudo o que sempre quis não tinha lutado tanto para atingir os meus objetivos”*.

Refletindo sobre as respostas que os jovens deram a esta questão podemos perceber que a resposta que parece simples e banal é mais complexa e com algum sentimento de orgulho, porque apesar de dizerem que não sentem menos oportunidades e que lutam pelos seus objetivos, olhando para as declarações no que concerne à escola e ao trabalho, ou seja, às suas trajetórias até aqui, é possível reter que na verdade eles não lutam, pelo contrário alguns estão parados e acomodados, por isso há uma discrepância entre as suas declarações de sentimentos e intenções e a realidade.

Tabela 6 - O Bairro e a Dinâmica com a Comunidade nos entrevistados

Nome	Identificação com o Bairro	Visão do Bairro pelos de fora	Participação com Iniciativas do Bairro	Dinâmica Associativa
António	Não gosta do bairro, devido à vizinhança. Mudava de local.	Considera que é visto pelos de fora de maneira diferente, mas não sente que teve menos oportunidades por ser morador do bairro.	Já fez voluntariado. Costuma ajudar os outros.	Inserido num grupo informal de jovens, os tutores.
Beto	Identifica-se com o bairro, mas tem dias que não queria lá estar, devido à vizinhança, mas as amizades que tem com alguns supera tudo. Mudava de local.	Morar em bairro social cria alguns estereótipos que influenciam a opinião dos de fora, mas não sente que teve menos oportunidades por ser morador do bairro.	Já fez voluntariado. Costuma participar nas festas da própria freguesia, ajuda e envolve outros no apoio a pequenos biscates na vizinhança.	Inserido num grupo informal de jovens, os tutores e pertence à Juventude Socialista.
Carlos	Identifica-se e gosta de morar no bairro.	Considera que os outros têm uma visão estereotipada do bairro e que por isso existe tanta rivalidade entre o bairro e os outros moradores da freguesia. Mas não sente que teve menos oportunidades por ser morador do bairro.	Já fez voluntariado. Ainda não participou em festas da comunidade, mas pretende fazê-lo. Apoio os vizinhos na instalação do TDT.	Não está inserido em nenhum grupo.
Mara	Habitou-se a viver no bairro. Não mudava se tivesse opção.	Algumas pessoas discriminam quem vive no bairro, mas não se sente prejudicada por ali morar.	Nunca fez voluntariado, mas é muito participativa nos eventos do bairro, chega a estar na organização das festas.	Não está inserida em nenhum grupo.
Mateus	Não se identifica, muitos mexericos, prefere estar no Teixoso. Mudava de local.	Sentiu discriminação na escola por ser do bairro, mas considera que sempre teve as mesmas oportunidades quer morasse ali ou não.	Nunca fez voluntariado, participou em nada relacionado com o bairro, apenas se for organizado pela Beira Serra.	Não está inserido em nenhum grupo.
Paula	Gosta muito do bairro, mudava a vizinhança.	O bairro é visto de forma negativa por fora, mas acho que nós também brincamos com isso. Por morar ali acha que ainda lutou mais pelos seus objetivos.	Já fez voluntariado, nunca tentou participar em iniciativas do bairro, acha que não dá.	Foi líder num grupo de dança, mas neste momento não está em nenhum grupo.
Sérgio	Antes sim, agora não. Por causa das pessoas que mudaram para lá. Mudava de local.	Os de fora acham-nos sempre culpados quando algo corre mal e eles estão presentes.	Nunca fez voluntariado. Participa em algumas festas, se lhe agradarem.	Não está inserido em nenhum grupo. Refere que apenas em jogos online.
Vânia	Antes mais que agora, porque convive com pessoas de fora. Mudava de local.	Nunca se sentiu de parte ou olhada de forma diferente.	Já foi voluntária e participa em iniciativas do bairro. Costuma ajudar uma vizinha de alguma idade.	Inserida no grupo de tutores e num grupo de dança.

Desta forma, só o Mateus nunca participou em iniciativas do bairro (e nem pretende fazê-lo) “*só quando é pela Beira Serra*”. O Carlos, apesar de nunca ter participado pretende participar assim que existirem atividades. Para o Mateus, o Teixoso (referindo-se ao centro da freguesia) é o melhor local para estar e conviver pelo que ele só participa aí, “*prefiro ir para as festas do Teixoso*”, refere. A Mara é muito participativa, completamente integrada, é ela quem muitas vezes organiza as festas do bairro, como por exemplo o último Carnaval. O Sérgio só participa em “*algumas, umas festas que às vezes fazem e assim...*”.

Já no Bairro da Alâmpada só a Paula é que nunca tentou participar em nada do bairro, nem organizar, por desacreditar na possibilidade de ser uma iniciativa positiva. No entanto, todos já realizaram atividades de voluntariado e apoiam muito a vizinhança. No caso do Beto, ele organiza um grupo de trabalho para, por exemplo, pintar uma casa, fazer mudanças a alguém, entre outras tarefas que sejam necessárias, como o refere “*(...) envolvo outros colegas, sem qualquer remuneração*”. Este jovem é bastante dinâmico, pois participa ativamente com a restante freguesia, Boidobra, nas festas e eventos da associação ou da própria junta de freguesia. Também na Boidobra encontramos a distinção entre quem é do Bairro da Alâmpada e quem mora no centro da freguesia, considerados “*os do bairro de baixo*”.

Conclui-se que, apesar de os jovens do Bairro da Alâmpada interagirem mais com a comunidade, no Bairro das Nogueiras alguns também o fazem e de forma bastante dinâmica. No entanto, no que concerne à participação associativa ou com grupos de jovens informais, é no Bairro da Alâmpada que é mais visível, pois todos os entrevistados pertencem ou já pertenceram a um grupo de jovens informal. O que mais referem é o grupo de tutores, que é um grupo criado através de uma atividade do Arca de Talentos e que tem como objetivo juntar semanalmente um grupo de jovens que para além de debater temas relacionados com as suas problemáticas, os responsabiliza para a dinamização de atividades para e com a comunidade.

A escola e o trabalho (tabela 7) são dois grandes temas deste projeto e por isso torna-se importante analisar estes dois campos do ponto de vista dos jovens entrevistados. Como já tinha sido referido, apenas um dos entrevistados nunca chumbou de ano e segue o seu percurso escolar, que é a Vânia. Todos os que estudam estão inseridos em cursos profissionais.

Com a análise das entrevistas foi possível verificar que a valorização da escola só surge nestes jovens quando vêm que sem ela não conseguem seguir em frente. Nestes casos a preocupação é como conseguir trabalho sem o 12º ano. O caso da jovem que trabalha a tempo inteiro e com contrato, a Paula, é caso de uma jovem que através do curso que lhe deu equivalência ao 12º ano conseguiu com o estágio curricular ficar na empresa do estágio. Apenas três dos entrevistados mencionam a entrada na universidade como uma possibilidade, pois o seu

primeiro, e principal, objetivo é finalizar o 12º ano, depois “logo se vê”. Durante as entrevistas foi possível verificar que os jovens do Bairro da Alâmpada têm ideias mais definidas sobre o que pretendem seguir e também mais dúvidas em relação ao futuro, sabem o que gostam e o que gostariam de conseguir fazer. Já no Bairro das Nogueiras, apenas o Carlos e a Mara têm visão do que querem neste momento para o seu futuro, o Sérgio e o Mateus são exemplos de jovens que ainda estão à deriva, entram num e noutra curso, vão arranjando uns biscates para ganhar algum dinheiro, mas sem qualquer estabilidade e coerência.

Tabela 7 - Caracterização dos Entrevistados Segundo a Escola e o Trabalho

Nome	Escola	Trabalho
António	Gostaria de entrar na universidade e valoriza a escola para conseguir emprego.	Um dia quer ser chefe de cozinha. Já participou em programas de OTL ⁸ do IPJ no Verão.
Beto	O principal interesse é acabar o 12º ano apenas. Valoriza a escola para conseguir emprego.	Gostava de conseguir algo na área do curso, na parte administrativa, mas o que gosta mesmo é de desporto. Começou a trabalhar aos 15 anos por achar que compensava mais ganhar dinheiro que estudar. O tipo de trabalhos era sem contrato em restaurantes ambulantes, montagem de ar condicionado, obras e outros biscates.
Carlos	Pretende tirar o 12º ano com boas notas e posteriormente um curso nível 5, entrar na universidade ou emigrar. Valoriza a escola.	Aos 17 anos trabalhou no McDonald's, mas não durou um mês, voltou para a escola. Trabalha a meio tempo, com contrato e gosta do que faz.
Mara	Desistiu para ir trabalhar para a França, mas arrependeu-se e voltou. Acha que o curso profissional lhe abre portas para melhorar a sua vida e a do filho, pois é mãe solteira.	Trabalhou em hotelaria, empregada de mesa e balcão numa pizzaria, mais recentemente, mas despediram-na quando engravidou. Quer trabalhar na área eletrónica de aparelhos médicos.
Mateus	Tem o 9º ano através do PIEF, sempre desvalorizou a escola. Gostava de voltar e sente-se arrependido por não a valorizar, mas prefere trabalhar.	Trabalha desde os 13 anos, começou a ajudar na cozinha, lavar a loiça e fazer os preparativos, já trabalhou nas obras, limpar jardins e agora está a meio-tempo ou quando é preciso na publicidade. Gostava de ser designer multimédia ou gráfico.
Paula	Com alguns chumbos, só terminou quando fez o 12º ano num curso que lhe abriu portas para o que faz hoje.	Nunca tinha trabalhado antes, gosta muito de trabalhar em hotelaria e tem contrato a tempo inteiro.
Sérgio	Tem o 9º ano e deixou a escola por causa de conflitos entre colegas e faltas. Mas sabe que só com o 12º ano consegue algo e por isso está arrependido e quer voltar assim que exista oportunidade.	Trabalha desde os 15 anos nas obras ou na fruta, por curtos períodos. Neste momento está desocupado.
Vânia	Valoriza a escola. Está indecisa se segue para a universidade, quer acabar o 12º ano com boas notas.	Começou no OTL, já trabalhou no Mini Preço e agora num café, nunca fez contrato. Gostava de trabalhar na área do desporto.

⁸ O Programa OTL é promovido pelo IPJ e funciona em instituições e autarquias que se candidatem ao programa. Neste os jovens participam durante o período de férias escolares em pequenos projetos de interesse para a comunidade, permitindo-lhes desenvolver capacidades pessoais, sociais e adquirir conhecimentos sobre o mundo socioeconómico. O desenvolvimento destas atividades é em diversas áreas (ambiente, cultura, desporto, saúde), dependendo sempre das que o promotor se tenha candidatado (IPJ, 2013).

No que se refere ao trabalho, todos já experimentaram uma profissão, alguns no quadro do programa OTL, outros em pequenos biscates sem contratos, (em restaurantes, nas obras, na publicidade). Um denominador comum deste grupo é que todos eles iniciaram cedo a atividade profissional com o objetivo de ganhar dinheiro para eles. O Beto refere que *“estudava e nas férias aproveitava para trabalhar, apesar de por vezes faltar até às aulas para trabalhar, pois achava que me compensava mais andar a trabalhar e ganhar dinheiro que estar a estudar”*. É de destacar que nenhum referiu que o dinheiro ganho seria para a família ou para a casa, mas sim para eles próprios, o que nos dá alguma informação sobre a organização e divisão de responsabilidades das famílias destes jovens.

O caso do Mateus é um dos casos que tem acontecido a muitos jovens dos dois bairros, a entrada como distribuidores de publicidade, que se pode caracterizar como um trabalho pesado e cansativo que é mal remunerado, em regime de recibos verdes e muito instável. Como o próprio Mateus dizia, *“uns dias posso trabalhar catorze horas, mas no outro dia pode até nem existir trabalho nenhum”*.

Com exceção da Paula que conseguiu trabalho no local onde começou o seu segundo estágio, (no primeiro foi despedida por faltas), estes jovens mesmo a estudar tentam nas férias conseguir algum tipo de trabalho remunerado que ajude nas suas despesas.

Por último, foi solicitado aos jovens que explicassem por suas palavras o que é o empreendedorismo (ver tabela 8), uma vez que é o grande tema deste projeto e um dos objetivos da incubadora juvenil. Nenhum soube dar uma resposta concreta do que é verdadeiramente o empreendedorismo. Alguns sabiam que estava relacionado com o emprego, outros com a criação do próprio emprego, mas mesmo assim com grandes dúvidas e sem certezas.

Em conversa informal com os jovens, já depois das entrevistas, referiu-se que este tema era dado nos módulos dos cursos profissionais e em ações de formação que alguns já tinham frequentado, mas o que podemos concluir é que ou não lhes foi explicado o conceito de forma clara, ou não lhes despertou nenhum interesse e por isso não estiveram atentos.

Já quanto às questões do emprego e da situação da comunidade em que estão inseridos todos tiveram uma opinião concreta. Enquanto os jovens do Bairro das Nogueiras referiam sempre a falta de emprego como um problema numa lógica de alguma vitimização, referindo que *“não existem ofertas para a população e que deveria existir mais apoios”*; os jovens do Bairro da Alâmpada assumem uma postura mais crítica e realçam o facto de muitos dos desempregados do bairro não trabalharem porque não querem e se terem acomodaram aos subsídios do Estado e apoios das instituições. O Beto tem uma resposta muito definida em relação a esta situação referindo: *“a culpa é do Estado, de dar tantos subsídios que os leva a não querer*

trabalho, mas acho que isso tem a ver por eles não fazerem um trabalho de campo para perceberem de como as coisas são na verdade”.

Neste sentido consideram que o grave problema, para além da dependência de apoios é as poucas habilitações que eles próprios têm e que os apoios deveriam ser mais nesse sentido.

Tabela 8 - Visão da Incubadora Juvenil para os Entrevistados

Nome	Empreendedorismo	Situação do Emprego no Bairro	Ideias Empreendedoras	Interesse do Projeto
António	Não consegue definir com rigor o que é empreendedorismo, empreender, investir, foram as palavras utilizadas.	Considera que a falta de habilitações dos moradores do bairro é o fator de não conseguirem emprego.	Criar o seu próprio restaurante ou pastelaria.	Este projeto seria uma mais-valia para ele e que os outros também participavam nele.
Beto	Já ouviu falar no curso, com dificuldade refere que é sobre o próprio negócio.	Falta de ofertas, falta de habilitações e desmotivação, devido aos subsídios que leva os moradores a não se esforçarem.	Gerir um bar, até já falou com alguns colegas, mas pensa ser uma ideia que todos gostavam na sua idade e não faz parte dos seus planos futuros.	Aderia ao projeto, porque poderia apoiá-lo no futuro.
Carlos	Não sabe o que é, apenas acha que é algo relacionado com empresas.	A situação do país não ajuda para arranjar emprego, mas o trabalho sazonal vai ajudando as pessoas no bairro.	Freelancer em multimédia para a Beira Serra ou outras empresas.	Acha que aderiria, mas sente-se bem com o que neste momento, só quer ter um emprego garantido.
Mara	Não sabia, com auxílio referiu que era criar o próprio emprego.	Considera que não há trabalho para as pessoas e que deveria haver mais apoio.	Gerir um café ou uma creche.	Aderia ao projeto, pois contribuía para o seu futuro e para novas ideias.
Mateus	Já ouviu falar, acha que está relacionado com emprego.	Muito desemprego no bairro, era preciso encontrar emprego para essas pessoas.	Algo relacionado com computadores, ligado ao design multimédia.	Aderia ao projeto, poderia ajudá-lo a mudar de emprego.
Paula	Não sabe, acha que é sobre o primeiro emprego.	Falta força de vontade para trabalhar, porque têm sempre apoios.	Abrir um gabinete de massagens e conciliar com hotelaria.	Aderia, para estruturar melhor a ideia do gabinete de massagens.
Sérgio	Com dúvidas, acha que é criar o emprego.	Muito desemprego no bairro, deveria existir mais apoios.	Criar um cabeleireiro de rastas.	Aderia, para ter apoio nas suas ideias.
Vânia	Já deu esta matéria na escola, considera que é tentar todos os meios para conseguir um objetivo ao nível do emprego.	Falta de iniciativa das pessoas para mudarem para o que gostam e até arranjam emprego.	Uma lojinha de bijuteria ou trabalhos manuais, faz algumas pulseiras e vende.	Aderia, mas continuava a estudar.

Desta forma, consideram o projeto da incubadora juvenil algo que daria respostas a muitos jovens do bairro e a eles próprios e afirmam que procurariam a incubadora para esta lhes fornecer ferramentas para o emprego, e até quem sabe colocar em prática algumas das ideias empreendedoras que têm (ver tabela 8).

Todos os entrevistados têm as suas ideias de criação de um negócio, mas nenhum, com exceção do Sérgio, referiu que esse negócio seria uma resposta social para a comunidade, mas porque era algo que gostariam de ter e/ou fazer. A Mara gostava de ter um café ou um infantário seu, o António como está no curso que gosta adorava ter o seu restaurante ou pastelaria, o Carlos e o Mateus, mais virados para as novas tecnologias e para a prestação de serviços em multimédia ou *“em algo ligado aos computadores”*, como refere o Mateus.

O Sérgio tem uma preocupação, as suas rastas e os amigos que têm rastas. Na Covilhã considera que existem poucos cabeleireiros que as sabem fazer e assim quem quer ter rastas vêm-se obrigados a aprender este ofício se as quiserem manter. A manutenção das rastas é algo trabalhoso, segundo ele, e por isso aprendeu a fazê-lo e com um amigo fazem a outros colegas. Neste sentido, já pensaram em criar um salão de cabeleireiro de rastas, *“ter uma loja para rastas e tratar das rastas a outras pessoas”*.

Esta foi a única ideia em que o jovem referiu o problema e a solução desse mesmo problema. Os outros jovens, apesar de alguns terem ideias bem definidas, não pensam em ousar tanto como o Sérgio que referiu mesmo que se tivesse um local começava a sério. Já a Vânia gosta de fazer bijuteria e de todo o tipo de trabalhos manuais e por isso gostava de ter uma loja desses produtos. Apesar de saber que é difícil porque se trata de um mercado muito saturado, gostaria na mesma de ter um negócio desses e já chegou a vender alguns desses produtos, como pulseiras.

Por outro lado, o Beto que acha a sua ideia apenas mais uma que todos os outros jovens gostariam de ter, *“ter um bar, mas acho que qualquer jovem na minha idade tem essa ideia”*, gostaria mais de ter o seu trabalho fixo e continuar com atividades em prol da comunidade, quer seja em termos de dinâmicas associativas ou partidárias. Este jovem nota-se que vive em e para a comunidade em que está inserido.

Em suma, realizado o diagnóstico, os problemas que envolvem estes jovens, para além dos baixos níveis de escolarização, significativos níveis de desemprego e a um tipo de trabalho parcial e precário, são na sua maioria problemas relacionados com a vivência em contextos multiproblemáticos e no seio de famílias destruturadas. A estes problemas somam-se a baixa autoestima, falta de confiança e desinteresse pelo seu percurso de vida, criados também pelo estigma do local onde residem.

Das entrevistas destacou-se que um obstáculo para o projeto poderá ser a continuidade e concretização visto que estes jovens manifestam dificuldade na prossecução de um plano desde o início até ao fim.

2. ESTUDOS DE CASO

“A grande vantagem dos estudos de caso reside, precisamente, na riqueza da informação recolhida, pois o fenómeno é encarado na sua totalidade.”

(Maia, 2002: 146)

Neste ponto apresentam-se alguns exemplos de projetos com semelhanças com o que propomos neste documento. O objetivo deste estudo de casos é fazer um levantamento das práticas existentes nesta área para informar a elaboração do nosso projeto.

Os projetos de intervenção social têm focado o seu alvo no público mais jovem, valorizando o trabalho que é feito em prol da capacitação e autonomização dos mesmos, de forma a melhorar as suas condições de vida, quer escolares, quer profissionais.

O Programa Escolhas⁹, no final da 4ª Geração de intervenção do programa (2010-2012), com o intuito de sistematizar e disseminar todo o trabalho desenvolvido nesta área criou um manual com acesso a vários Recursos Escolhas, que apresenta as Boas Práticas de 33 dos 130 projetos nacionais e transpõe resultados em torno desta temática. Destes, destacam-se 3 na área do empreendedorismo e na capacitação de jovens, ligados à temática deste projeto:

Projeto *Orienta-te* de São Domingos de Rana, promovido pela TESE - Associação para o Desenvolvimento, constituiu um Manual de Apoio à Construção de Projetos de Vida testado em jovens de contextos vulneráveis.

Projeto *Meg@ctivo*, em Sintra, promovido pela Olho Vivo - Associação para a Defesa do Património, Ambiente e Direitos Humanos, criou o recurso *Meg@produções Empreendedorismo*, que cria com os jovens produtos através do reaproveitamento de materiais, com vista à angariação de fundos para a concretização de projetos e atividades para os jovens, desenvolvendo assim neste o espírito empreendedor.

Projeto *Escol(h)a Viva* do Fundão, com o recurso (Re)Vestir Loja Solidária reaproveita roupas usadas doadas pela comunidade em geral e recicla-as, criando novas peças juntamente com os jovens.

Estes são alguns dos casos nacionais que têm trabalhado no âmbito do que este projeto pretende focar, com resultados já obtidos. Por outro lado, a Associação PAR - Respostas Sociais tem em desenvolvimento a criação de uma Incubadora Juvenil - *iJobs* (Associação PAR, 2013), que funciona dois dias por semana, onde os jovens são apoiados por mentores,

⁹ Selecionado em 2010 como Boa Prática portuguesa no âmbito da Prevenção da Delinquência Juvenil, atribuída pelo Ministério da Administração Interna no âmbito do *European Crime Prevention Award 2012* e em 2011 como Boa Prática no Combate ao Abandono Escolar Precoce, atribuído pela Comissão Europeia (RE/COLHAS, 2012: 9).

inseridos na rede de parceiros da incubadora, que acompanham e apoiam o jovem na criação do seu negócio. Como iniciou recentemente ainda não são divulgados os seus resultados.

Também na zona de Lisboa, o Centro de Inovação Social do Instituto P. António Vieira (CIS/IPAV), tem a decorrer a Incubadora UBUNTU (IPAV, 2013), que visa transformar ideias em projetos de empreendedorismo social. Esta incubadora é aberta aos participantes da Academia UBUNTU. A Academia UBUNTU¹⁰ é um projeto desenvolvido pelo CIS/IPAV e tem como objetivo, segundo a descrição no *website* referenciado em bibliografia, a “(...) capacitação de jovens com elevado potencial de liderança, provenientes de contextos de exclusão social, com o objetivo de poderem vir a desenvolver projetos de inovação e empreendedorismo social ao serviço da comunidade.”. Estes jovens passam por uma primeira fase de formação não formal e com os conhecimentos adquiridos na 1ª edição, passam à 2ª edição de ação-formação, onde os jovens apresentam e refletem sobre os seus projetos de empreendedorismo social. Também na mesma lógica do projeto *iJobs*, descrito em cima, para a concretização do seu projeto os jovens passam por um processo de mentores/tutores que apoiam a sua ideia.

A Fundação da Juventude promove também uma incubadora de empresas jovens denominada de Ninho de Empresas, nas cidades de Porto e Lisboa. “*Os Ninhos de Empresas são espaços físicos de incubação, dotados de estruturas de apoio técnico, material e logístico, onde os jovens podem exercer atividades empresariais, na área dos serviços.*” (Fundação da Juventude, 2013), segundo a descrição do sítio de internet da fundação. Esta incubadora criada no âmbito do empreendedorismo empresarial pretende apoiar jovens dos 18 aos 35 anos e que sejam recém-licenciados ou com experiência comprovada, que queiram criar a sua empresa na área de consultadoria dos serviços. Os apoios prendem-se com o pagamento de uma renda simbólica pela utilização do espaço, apenas por três anos e apoio técnico especializado.

Outro exemplo de apoio a jovens empreendedores é a AEVNF (Associação de Empreendedores de Vila Nova de Famalicão). Esta associação, segundo do Presidente de Direção Pedro Monteiro, pretende apoiar jovens na criação do seu próprio emprego, focando a sua atuação na promoção do conceito, apoio aos futuros empreendedores e às suas iniciativas e o desenvolvimento de redes empresariais e parcerias estratégicas com empresas e empresários (AEVNF, 2013).

Estes últimos dois casos, são exemplos de incubadoras próximas das espalhadas pelo país, fora do âmbito de incubadoras sociais, mas que apresentam-se neste projeto como um exemplo de apoio a jovens empreendedores.

¹⁰ “UBUNTU é um conceito africano que significa: Acolhimento, respeito, entreatajuda, partilha, comunidade, cuidado, confiança, generosidade.” (UBUNTU, 2013).

Por outro lado, em vários pontos do país existem experiências relacionadas com Incubadoras Sociais que no mesmo âmbito trabalham. Direcionadas a todas as faixas etárias são experiências que se aproximam do que se pretende com este projeto.

Temos o caso da Incubadora Social de Ílhavo que como refere Vieira (2011: 19), na sua tese de mestrado, através de uma *“(...) coligação entre as duas esferas, económica e social, nasce o objecto do projecto que pretendemos desenvolver no município de Ílhavo: a criação de uma Incubadora Social, que fortaleça a comunidade local através de formação de empreendedores e da consciencialização para a Responsabilidade Social, permitindo o aumento da qualidade de vida de todo o município e promovendo a inclusão social. Pretende-se, assim, capacitar recursos humanos, desenvolver a competitividade empresarial e promover a mudança social, cultural e empresarial.”*.

Segundo Cordeiro (2003), as primeiras incubadoras foram as incubadoras de empresas, com origem em 1950, nos Estados Unidos. Estas eram organizações que ofereciam espaços com acesso a redes de informação e outros serviços a empresas que sem este apoio não conseguiam vingar no mercado.

No Brasil, foi em 1995 que apareceu a primeira incubadora de cooperativas, originando uma transformação das incubadoras de empresas. O processo de incubação era diferente, aqui eram apenas aceites os projetos desenvolvidos através de um modelo de cooperação e associativismo, enquanto as incubadoras de empresas, aceitavam projetos de visavam sobretudo a dinamização ou criação de empresas.

O novo tipo de incubadoras, incubadoras sociais, no Brasil surgiram em resposta a um contexto de grande exclusão social, aumento da taxa de desemprego e de desorganização das formas de proteção no trabalho. Desta forma, segundo Cordeiro (2003) é com a economia solidária que as incubadoras de cooperativas ganharam força, mostrando-se como uma alternativa à criação de emprego e trabalho coletivo.

Ainda segundo este autor, em 2003, nasce no Brasil a Incubadora Social para Ação Jovem que tem como objetivo apoiar jovens que querem mudar a sociedade onde estão inseridos e não têm suporte institucional suficiente para avançar. *“The Social Incubator towards Youth Action aims to support young social entrepreneurs seeking to change their society, and to build institutional bases in places where institutions are not quite strong yet.”* (Cordeiro, 2003).

Neste modelo de incubação, os jovens têm a oportunidade de iniciar ou expandir as suas propostas de intervenção social, cultural ou ambiental, construído a partir de uma base de legitimidade com a comunidade, sem carácter competitivo ou fins lucrativos.

O apoio a estes jovens vai desde um escritório totalmente equipado a um apoio técnico que envolve formação e *co-work*¹¹. Todos focados para provocar ciclos de mudanças sociais locais nos grupos onde se inserem, os projetos incubados, se possível, pretendem integrar respostas de desenvolvimento local sustentável, baseado numa rede multidisciplinar.

Contudo, segundo Cordeiro (2003), este modelo de incubação ainda está em desenvolvimento.

3. PRIORIDADES DE INTERVENÇÃO

“Aquilo que um grupo-alvo necessita de acordo com as suas próprias perspetivas ou segundo uma apreciação dos seus interesses feita por terceiros.”

(Schiefer et al, 2007: 259)

As prioridades de intervenção deste projeto prendem-se com o apoio a três grupos de jovens:

- jovens que tenham abandonado a escola precocemente, sem perspetivas de futuro profissional e que necessitem de apoio para encontrar o rumo no seu projeto de vida;
- jovens que apresentem insucesso escolar e falta de motivação para a escola ou para a sua formação profissional; jovens que já estejam a trabalhar, mas com empregos precários;
- jovens que demonstrem vontade de ser empreendedores e que queiram criar o seu próprio emprego ou que procurem um apoio no sentido de os orientar profissionalmente.

Apesar de a Incubadora estar inserida em espaços socialmente excluídos, esta pretende ser um espaço alargado a outros jovens, como por exemplo oriundos da universidade, de molde a criar uma abertura destes bairros a novas iniciativas geradas por quem não é morador e a contribuir para a desconstrução dos estereótipos associados a estes bairros sociais. Da nossa perspetiva, só se constrói uma verdadeira inclusão social através da inclusão de todos, pois caso contrário estaríamos a falar de exclusão social. Por outro lado, e fazendo referência às autoras Marques e Moreira (2011: 432), “[n]os últimos anos, em Portugal como no resto da Europa, o empreendedorismo tem sido perspetivado como uma das vias possíveis de acesso ao mercado de trabalho, podendo mesmo constituir uma modalidade alternativa de transição profissional, particularmente importante para os jovens com qualificações superiores.”.

Uma vez que nestes dois bairros existe o projeto Arca de Talentos e este tem inserido nas suas atividades e objetivos a promoção do emprego e do empreendedorismo, em reunião de *stakeholders* (inserido na reunião de consórcio do Arca de Talentos, ver anexos 3 e 4 - Ata e

¹¹ O co-work é a partilha de um espaço, entre profissionais de diversas áreas, com o objetivo de partilhar conhecimentos, mantendo um ritmo de trabalho independente (Co-Work, 2012).

Folha de Presenças da reunião), chegou-se à conclusão que a Incubadora Juvenil deveria ser parte integrante do projeto, utilizando espaços do projeto e apoiada pela equipa do projeto, uma vez que a população-alvo é a mesma. Uma outra razão para a fusão destes dois projetos é que a Incubadora Juvenil seria uma alavanca de continuidade do projeto Arca dos Talentos, caso este termine a partir de 2015.

IV. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

1. FINALIDADE DO PROJETO

“O propósito de qualquer projeto é obter um resultado (efeito concreto que se obtém com a sua realização) ou um produto (elemento material ou serviço que se cria para produzir efeito).”

(Ander-Egg e Idáñez, 1999: 18)

A missão deste projeto prende-se essencialmente com a construção de respostas à trajetória de vida de jovens oriundos de contextos desfavorecidos. A Incubadora Juvenil pretende inserir jovens dos 16 aos 24 anos com um baixo nível de escolaridade, desempregados ou com empregos precários, considerados os destinatários diretos. Mas também é um espaço aberto a outros jovens, os destinatários indiretos, que podem não ser residentes dos bairros de intervenção nem apresentar as características acima referidas, mas que necessitam de apoio quer ao nível da orientação escolar, quer ao nível da inserção no mercado de trabalho e/ou na criação de ideias sustentáveis de negócio.

Assim, o projeto Incubadora Juvenil pretende ajudar jovens no desenvolvimento de pequenas ideias de negócio que façam sentido na sua comunidade, assim como apoiá-los na procura do seu emprego e/ou formação profissional, de modo a desenvolverem um projeto de vida, através do apoio de uma rede de parceiros privilegiados nesta área, sejam estas empresas privadas ou entidades públicas.

Na sua essência este visa ser um projeto que autonomize os jovens a reaproveitar espaços para a concretização das suas tarefas e a valorizar os recursos do território, sendo ágeis a perceber o que faz mais falta na comunidade e assim arranjar uma forma da sua ideia ganhar “valor”, social ou económico.

Os valores associados à Incubadora são:

Cooperar

Partilhar conhecimento, competências, experiências, e estimular a capacidade de aprendizagem num envolvimento de inovação social.

Inspirar

Introduzir o empreendedorismo social e a inovação a jovens.

Incentivar

Estimular a criação de um trajeto de vida quer escolar, quer profissional

Apoiar

Ajudar na realização e concretização de projetos.

Envolver

Envolver jovens e parceiros num ambiente inspirador propício à inovação, troca de ideias e incentivo ao empreendedorismo.

Dinamizar

Contribuir para a dinamização dos bairros, através da criação de respostas inovadoras para os seus territórios.

2. OBJETIVO GERAL

“Condição geral, desejada, de longo prazo que um projeto pode ajudar a obter.”

(Schiefer et al, 2007: 259)

O objetivo geral constitui a finalidade de um projeto, ou seja, a meta que se pretende atingir com a implementação de determinado projeto. A partir da sua definição é delineado todo o projeto, com vista a atingir o seu resultado (Guerra, 2002).

O objetivo geral do nosso projeto consiste em promover competências empreendedoras nos jovens dos 16 aos 24 anos, valorizando e mobilizando os seus recursos individuais e reforçando a importância da sua trajetória de vida.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

“Principal propósito do projecto. Efeito que uma pessoa, grupo ou organização espera e deseja atingir.”

(Schiefer et al, 2007: 259)

No sentido de cumprir o objetivo geral é necessário delimitar metas mais específicas dentro do projeto. São elas que, somadas, conduzem ao objetivo geral, isto é, operacionalizam o projeto (Guerra,2002).

Para dar resposta ao objetivo geral, este projeto tem três objetivos específicos:

Criar um espaço físico (Incubadora Juvenil), em cada um dos bairros, para que os jovens alvo deste projeto possam desenvolver as suas iniciativas empreendedoras, que façam sentido na sua comunidade e que sejam sustentáveis.

Apoiar jovens dos 16 aos 24 anos na transição para a vida ativa, através do ganho de competências, no encaminhamento para formação e emprego e no desenvolvimento de estágios pontuais de aproximação com a realidade profissional.

Desenvolver nos jovens dos 16 aos 24 anos, oriundos dos bairros sociais das Nogueiras e da Alâmpada, através de formação específica, a capacidade empreendedora que reconhece os problemas sociais da sua comunidade e utiliza ferramentas empreendedoras para os resolver e para maximizar o capital social existente.

V. PLANO DE AÇÃO DO PROJETO

1. TERRITÓRIO E UNIVERSO DE REFERÊNCIA

“Os beneficiários directos de uma intervenção (agregados familiares, grupos, comunidades, organizações, empresas), ou seja, o grupo para o qual as actividades do projecto são dirigidas e no qual o projecto deseja ter algum impacte.”

(Schiefer et al, 2007: 252)

Os territórios onde será criada a Incubadora Juvenil são o Bairro de Habitação Social das Nogueiras (figura 1), no Teixoso, onde residem 160 famílias e o Bairro de Habitação Social da Alâmpada (figura 2), na Boidobra, onde residem 192 famílias.



Figura 1 - Vista aérea do Bairro das Nogueiras



Figura 2 - Vista aérea do Bairro da Alâmpada

Os dois bairros estão distanciados geograficamente, como podemos analisar pela figura 3, o Bairro da Alâmpada está situado na Freguesia de Boidobra e o Bairro das Nogueiras, na Freguesia do Teixoso, ambas as freguesias pertencentes ao concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco.

Analisando demograficamente, o concelho da Covilhã, tem no seu todo 51770 habitantes, dos quais 3251 residem na freguesia da Boidobra e 4361 na freguesia do Teixoso. Ambas as freguesias são consideradas Medianamente (mistas) Urbanas.



Figura 3 - Localização das Freguesias de Boidobra e Teixoso, no concelho da Covilhã

Como são dois bairros com realidades diferentes entre si, como já referido anteriormente, e também distantes geograficamente, optou-se por trabalhar com cada um deles de forma independente, de forma a atingir os objetivos do projeto com maior eficácia. Não obstante receber outros jovens residentes noutras freguesias do concelho da Covilhã, a incubadora estará situada nestes dois bairros, sendo por isso esperado que, pelo menos numa primeira fase, seja mais frequentada pelos jovens destes bairros. Concretamente a incubadora ficará sediada em dois locais, que neste momento estão cedidos à Beira Serra e a ser utilizados pelo projeto Arca de Talentos.

O Centro de Animação Comunitário da Alâmpada, na Boidobra, é um espaço cedido pela Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, equipado com cozinha, casas de banho e salas com mesas e cadeiras. O Espaço 33, no Teixoso, é uma Garagem cedida pela Junta de Freguesia do Teixoso, ampla e a necessitar de obras, uma vez que não está dividido e não tem casa de banho. As condições dos dois espaços são portanto muito distintas uma da outra e tal será tido em conta no plano de atividades (detalhado no ponto seguinte)

O universo de referência do projeto são jovens dos 16 aos 24 anos, inseridos nos dois bairros enunciados, 63 jovens do Bairro das Nogueiras e 82 jovens do Bairro da Alâmpada¹², considerados estes os destinatários diretos. No entanto, este projeto abre portas também a outros jovens, os destinatários indiretos, que não sendo moradores dos bairros em questão, necessitam de apoio ao nível da empregabilidade ou que estejam interessados em construir o seu projeto na incubadora.

¹² Valores que têm como referência o diagnóstico realizado pelo projeto Arca de Talentos na sua candidatura.

2. PLANO DE ATIVIDADES

“Plano estruturado e detalhado do calendário, das responsabilidades e dos recursos - humanos, materiais e financeiros - necessários para a consecução das actividades de um projecto.”

(Schiefer et al, 2007: 262)

O plano de atividades é uma ferramenta de organização e gestão de um projeto. Tem a principal finalidade de atingir os resultados dos objetivos específicos, apresentando-se como a componente prática de um projeto. Como define Schiefer *et al* (2007: 233), “[a]ção programada resultante de uma determinada combinação de recursos humanos, materiais e financeiros. Aquilo que o projeto faz para produzir resultados.”

Tendo em conta as tendências atuais para a inovação e o empreendedorismo social, com este projeto procura-se promover ações de formação e atividades nessas áreas, bem como na área da promoção do emprego, uma vez que o desemprego é algo que afeta os jovens alvo deste projeto. Estas atividades são dirigidas não só ao público-alvo do projeto, destinatários diretos e indiretos, como também a comunidade em geral, a comunidade escolar e académica, assim como desempregados ou que estejam em situação de emprego precário. Por outro lado, realça-se as famílias dos destinatários diretos, muitas em situação de desemprego e que pelo diagnóstico efetuado necessitam também de intervenção e de apoio e que com a rede de parcerias a criar pretende-se também apoiar estas famílias.

Pretende-se, também, apoiar ideias e motivações para a sua implementação, em colaboração com as empresas locais e formalizar parcerias público-privadas com o meio empresarial, Universidade da Beira Interior, IPSS's, Autarquias, entre outros, facilitando o desenvolvimento e crescimento das ideias empreendedoras e inovadoras.

Este trabalho pretende, ainda, para além de identificar jovens empreendedores dentro dos bairros e da comunidade escolar, estimular a criação de organizações/associações ou iniciativas com atividades sociocomunitárias e culturais. Para além de possibilitar às organizações e/ou iniciativas inovadoras a utilização das infraestruturas, espaços e serviços da incubadora. Promovendo e estimulando o empreendedorismo através de *workshops*, seminários e cursos de formação será possível assegurar maior sustentabilidade às organizações e/ou iniciativas e contribuir para um maior conhecimento sobre as áreas do emprego e do empreendedorismo.

Neste sentido, a tabela 9 sintetiza as tarefas/atividades a realizar para a criação da incubadora, bem como o que se pretende realizar durante o seu funcionamento.

Tabela 9 - Planificação das Atividades a Desenvolver

Etapas	Duração	Atividades	Recursos
1. Implementação e aspetos intra e estruturais da incubadora	4 meses	1.1. Adaptação do edifício (1 mês para Bairro da Alâmpada e 3 meses para o Bairro das Nogueiras)	Edifício; Material para Obras; Rede social; Rede escolar; Recursos humanos; Rede de comunicação
		1.2. Consolidação de parcerias	
		1.3. Sinalização dos destinatários	
		1.4. Trabalho articulado com as escolas e centros de formação profissional	
2. Divulgação da Incubadora	24 meses	2.1. Organização de encontros com possíveis parceiros	Recursos materiais; Recursos humanos; Mobilização dos atores sociais significantes
		2.2. Sessões de esclarecimento nas empresas, escolas, autarquias	
		2.3. Sessões de esclarecimento para jovens em associações e outros locais estratégicos	
		2.4. Divulgação em órgãos de comunicação social e redes sociais	
		2.5. Reuniões estratégicas com financiadores	
3. Consolidação de parcerias	24 meses	3.1. Reuniões periódicas	Recursos materiais; Recursos humanos; Parcerias
		3.2. Comunicação dos eventos	
		3.3. Workshops	
4. Promoção do emprego	22meses	4.1. Criação de um gabinete de apoio ao emprego na incubadora	Recursos materiais; Salas; Recursos humanos
		4.2. Criação de um grupo de apoio ao emprego na incubadora	
		4.3. Workshops na incubadora	
		4.4. Estágios Pontuais em Empresas Parceiras	
5. Promoção do empreendedorismo	22 meses	5.1. Criação de um gabinete de apoio ao empreendedorismo na incubadora	Recursos materiais; Salas; Recursos humanos
		5.2. Abertura de duas turmas por semestre para formação na incubadora	
		5.3. Visita às escolas, com ações de formação	
6. Outras ações	12 meses	6.1. Ações organizadas por outras entidades na incubadora	Todos os recursos que se mostrem necessários
		6.2. Todas as ações relacionadas com o processo de incubagem	

A primeira fase é a implementação da incubadora, onde são adaptados os locais para o seu começo, são consolidadas as parcerias já definidas neste projeto, sinalizados os destinatários diretos do projeto e onde se pretende iniciar um trabalho articulado com escolas e centros de formação para o funcionamento da incubadora.

Depois de consolidadas as primeiras parcerias, para a divulgação da incubadora, pretende-se organizar encontros com outros possíveis parceiros para apoiarem a incubadora e/ou até tornarem-se mentores/tutores de projetos que daqui advenham. Através de sessões de esclarecimentos em locais estratégicos, como escolas, associações, juntas de freguesia, pretende-se divulgar a incubadora junto do público-alvo. A comunicação social e as redes sociais, assim como um sítio na internet, são as fontes privilegiadas de publicitação e divulgação, de forma não só a divulgar os serviços da incubadora, como também os projetos, eventos e boas práticas da incubadora. Esta etapa é importante que ocorra durante toda a fase de funcionamento da Incubadora, tendo maior ou menor enfoque consoante as necessidades.

A tarefa de manter a rede de parcerias é transversal a todo o período de funcionamento da incubadora, que estas se consolidem através de reuniões periódicas, no sentido de apresentar resultados obtidos e auxiliarem no desenvolvimento das atividades da incubadora. Para além disso, torna-se necessário informar sempre todos os parceiros dos acontecimentos/eventos que ocorram na incubadora, de modo a torna-los participativos, assim como a dinamização de *workshops* destinados aos parceiros, de forma a familiariza-los para as temáticas que englobam a incubadora.

No que concerne às atividades dirigidas aos destinatários, dividem-se em duas áreas, o emprego e o empreendedorismo. No emprego é pretendido criar um gabinete de apoio ao emprego, que apoie com informação útil o público-alvo, quer sobre emprego (não só ofertas de trabalho, mas também legislação e dúvidas em torno desta), quer sobre oportunidades de qualificação escolar e profissional. Por outro lado, a criação de um grupo de apoio ao emprego, onde um conjunto de desempregados se apoie mutuamente nas questões da procura ativa de emprego, de forma a melhorar competências a este nível, como a apresentação em entrevistas, a formulação dos currículos e cartas de apresentação, o conhecimentos de programas de inserção no mercado de trabalho, entre outros. Paralelamente torna-se necessária a realização de *workshops* pontuais acerca do tema com técnicos especializados na área que se disponibilizem para estas ações, como técnicos do IIEFP, docentes e técnicos de outras instituições e empresas que trabalhem na área dos recursos humanos. Por último, e ainda dentro da promoção do emprego, a possibilidade dos jovens realizarem estágios pontuais em instituições e empresas parceiras do projeto, de forma a adquirirem hábitos de trabalho e experimentarem uma profissão.

No empreendedorismo, à semelhança do emprego, pretende-se criar um gabinete de apoio a esta área, onde os destinatários o podem procurar para obter informações e esclarecer dúvidas no caso estarem interessados em criar ideias de negócio ou iniciativas empreendedoras para a comunidade. Contudo, para um melhor conhecimento do que é verdadeiramente o empreendedorismo, uma vez que as entrevistas exploratórias mostraram

que estes jovens têm alguma dificuldade em perceberem o que é, torna-se necessária a criação de grupos para formação em empreendedorismo. A incubadora juvenil terá assim um papel importante no desenvolvimento de programas formativos e projetos que permitam aos jovens estimular o empreendedorismo e a inovação social, particularmente tendo em conta o contexto atual em Portugal de crise económica e social.

De forma a dinamizar a própria incubadora na área do empreendedorismo é também pretendido dinamizar formações para o empreendedorismo nas escolas, criando uma rede de consultadoria.

O processo de incubagem é outra das atividades a realizar na incubadora que prende-se com a capacitação e desenvolvimento de projetos apresentados pelos jovens, onde se analisará a sua viabilidade e fornecerá ferramentas de como avançar com as ideias que surjam.

Por outro lado, tornar a incubadora num espaço de abertura a outras iniciativas promovidas por outras entidades dentro das áreas em que trabalha é uma forma de torná-la dinâmica e um espaço de e para todos.

3. RECURSOS HUMANOS E PARCERIAS

“Envolve, dependendo da sua profundidade, a partilha de informação, recursos humanos, materiais e financeiros. As parcerias podem ser mais ou menos formais.”

(Schiefer *et al*, 2007: 260)

Os recursos humanos de um projeto dizem respeito à pessoa ou “[p]essoas (e as suas competências) ao dispor de uma determinada organização ou projeto.” (Schiefer *et al*, 2007: 265). Para este projeto é necessário um técnico da área das ciências sociais e humanas, especializado na área do emprego e empreendedorismo social a tempo inteiro, que faça a ponte entre os destinatários, as ofertas existentes no meio, quer de emprego, quer formativas e apoie com informação adequada os destinatários acerca da temática do empreendedorismo social. Para além disso, assegurar toda a dinâmica da incubadora. Como a incubadora se situa em dois locais distintos, a semana será dividida pelos dois locais, existindo um horário de meio tempo para a incubadora no Bairro da Alâmpada e outro no Bairro das Nogueiras.

No entanto, são necessários outros recursos humanos, colaboradores e voluntários, para assegurar ações de formação, *workshops* e sessões de esclarecimento. Desta forma, a rede de parcerias apoiará neste sentido (como se pode ver na tabela 11).

A constituição de uma rede de parceiros para um projeto é algo que deve ser definido logo na sua criação porque permite “(...) *criar estruturas funcionais geradas em função de um projeto comum. Este tipo de organização permite a reunião de pessoas (em representação da instituição ou até a título pessoal) e de instituições muito diversas e não há separação entre os que decidem (os políticos), os que executam (os técnicos) e os que recebem (os cidadãos).*” (Guerra, 2002: 102).

Para este projeto, como já foi referido atrás, os parceiros do Arca de Talentos participaram na planificação do mesmo, e com exceção de um parceiro que não participou, Grupo Natura IMB Hotels, todos concordaram fazer parte desta rede de parcerias. No entanto, este trabalho não fica finalizado apenas com esta primeira declaração de intenções pelo que aquando da execução do projeto, como está explícito no plano de atividades, proceder-se-á a uma efetiva criação do grupo de parceiros, onde outros parceiros como empresas privadas serão convidados a integrar este grupo. A tabela 10 apresenta a atual composição da rede de parceiros já estabelecida e as problemáticas em que cada um desenvolve a sua atividade.

Tabela 10 - Matriz de Identificação dos Atores

Problemáticas Atores	Emprego precário	Desemprego	Insucesso Escolar	Abandono Precoce da Escola	Baixas Qualificações	Falta de Respostas aos jovens que terminam a escolaridade	Comportamentos Desviantes	Negligência Familiar
Beira Serra - Associação de Desenvolvimento	X	X	X	X	X	X	X	X
Escola Secundária c/3º ciclo Quinta das Palmeiras			X	X		X	X	X
Agrupamento de Escolas a Lã e a Neve	X	X			X	X		
Agrupamento de Escolas do Teixoso	X	X						
Junta de Freguesia da Boidobra	X	X						
Junta de Freguesia de Cantar Galo	X	X			X	X	X	X
Junta de Freguesia do Teixoso	X	X	X		X	X	X	X
Escola Secundária Campos Melo	X	X	X	X	X			
CPCJ - Covilhã			X	X	X	X	X	X
Casa do Menino Jesus			X		X	X	X	X
IEFP - Centro de Emprego da Covilhã	X	X			X	X		

Através da reunião realizada com os parceiros do projeto Arca de Talentos, apenas não se conseguiu ter presente o representante do Grupo Natura IMB Hotels, foi possível enquadrá-los nas problemáticas identificadas no diagnóstico do projeto, como representa a tabela 10, na medida em que “(...) a reunião de esforços de todos os que se preocupam com a resolução desses problemas de forma a traçar objetivos comuns (...)” (Guerra, 2002: 101).

Com a análise da tabela verifica-se que existem entidades específicas para cada problemática, sendo que a Beira Serra, engloba todos esses problemas, através da sua intervenção no terreno com os projetos que tem em curso. As outras entidades, umas mais relacionadas com as problemáticas do emprego, outras da escolaridade e outras ainda com os comportamentos desviantes e a dinâmica familiar. Todas juntas têm conseguido responder às problemáticas e apoiado o projeto Arca de Talentos. Desta forma, todas as enunciadas na tabela, consideram importante fazerem parte da rede de parceiros desta incubadora.

No entanto, pelo que se verifica existem parceiros que têm uma influência maior que outros na população-alvo que se pretende atingir. A Beira Serra, pelo trabalho que desenvolve com os jovens é a que detém maior influência nos mesmos e à qual o interesse na criação desta incubadora se torna viável. De seguida, outras entidades como o IEFP e a CPCJ são fortes influentes, na medida em que trabalham também com este público e que têm nos seus objetivos de trabalho a criação de emprego e valorização do percurso escolar dos jovens. Os outros parceiros, apesar de trabalharem estas áreas indicadas como problemáticas, têm uma menor influência no projeto.

Com a tabela 11, adaptada segundo exemplos fornecidos pela autora Isabel Guerra (2002), é possível identificar o recurso que cada parceiro pode contribuir para o projeto, dividido em três tipos de recursos: humanos, logísticos e financeiros. Esta tabela foi realizada através da dinâmica “Chuva de Ideias” durante a reunião com os stakeholders, onde cada parceiro enunciou recursos que poderia disponibilizar ao projeto e que no final foram agrupados desta forma.

Ao analisar a tabela verifica-se que na verdade, com o contributo que cada um pode dar ao projeto, do ponto de vista da sua viabilidade todos são importantes para o funcionamento da incubadora, uma vez que conseguem disponibilizar recursos humanos importantes para o projeto e um dos parceiros apoia até financeiramente no pagamento de gastos como a luz, água, telefone e produtos de limpeza.

No que concerne a recursos humanos, para além dos disponíveis no projeto Arca de Talentos, enunciados na tabela pela Beira Serra, as escolas disponibilizam docentes com formação na área do empreendedorismo e da empregabilidade, assim como o IEFP disponibiliza um técnico e este mostra-se ser um recurso humano muito importante para o projeto, uma vez que trabalha diretamente com os programas de apoio ao emprego e à criação do próprio emprego.

Também a Junta de Freguesia do Teixoso tem uma técnica de ação social disponível para colaborar com a incubadora, assim como a CPCJ e a Casa do Menino Jesus com Psicólogos e Assistentes Sociais que trabalham com jovens multiproblemáticos no seu quotidiano.

Tabela 11 - Descrição dos Recursos dados pelos Atores

Recursos Atores	Humanos	Logísticos	Financeiros
Beira Serra - Associação de Desenvolvimento	Técnico TIC; Animador; Mediador; Monitores de Oficinas Artísticas	Instalações; Equipamento Informático; Transportes; Assessoria na criação de emprego	
Escola Secundária c/3º ciclo Quinta das Palmeiras	Psicóloga	Encaminhamento de Jovens	
Agrupamento de Escolas a Lã e a Neve	Docentes em função da área de formação; Técnico - Terapeuta da fala e psicóloga	Cedências de Materiais (equipamentos informáticos, livros); Instalações; Encaminhamentos	
Agrupamento de Escolas do Teixoso	Alunos; Disponibilidade de funcionários; Voluntariado de Professores	Encaminhamentos; Divulgação; Instalações (Gimnodesportivo, polivalente, espaço exterior)	
Junta de Freguesia da Boidobra	Colaboração dos funcionários	Encaminhamento; Publicidade; Disponibilidade; Equipamentos	
Junta de Freguesia de Cantar Galo	Colaboração dos funcionários	Encaminhamentos	
Junta de Freguesia do Teixoso	Técnico de Ação Social	Carrinha; Espaços; Transportes	Pagamento de água, luz, telefone e produtos de limpeza
Escola Secundária Campos Melo	Formadores na área do empreendedorismo e do emprego	Encaminhamentos	
CPCJ - Covilhã	Psicóloga e Assistente Social	Deslocação de uma equipa para sessões de esclarecimento sobre "Formação Parental"; Encaminhamentos	
Casa do Menino Jesus	Psicóloga; Técnico de Serviço Social e Educadora de Infância	Instalações; Deslocação de equipa técnica para local de intervenção	
IEFP - Centro de Emprego da Covilhã	1 Técnico para colaborar, dar informação sobre conteúdos ligados ao IEFP.	Encaminhamento de Jovens para o projeto	

Assim, de forma a ser mais preciso quem influencia mais este projeto, e apoiada pela autora Isabel Guerra (2002), procede-se à identificação dos parceiros participantes, divididos por categorias, pela influência que têm segundo os recursos disponibilizados, através da tabela 12.

Pela análise realizada à tabela em referência, há cinco organismos que assumem maior protagonismo e influência, a Beira Serra, o IEFP da Covilhã, a Junta de Freguesia do Teixoso e no mesmo patamar a CPCJ e a Escola Secundária Campos Melo.

Tabela 12 - Matriz de Identificação dos Recursos dos Atores

	Peritagem Conheci- mento	Impacte do Projeto	Legitimidade Aceitação no meio	Recursos			Pontuação Total
				Financeiros	Logísticos	Humanos	
Público							
IEFP - Centro de Emprego da Covilhã	3	3	3	1	2	3	15
CPCJ - Covilhã	2	2	3	1	1	2	11
Escolas							
Escola Secundária c/3º ciclo Quinta das Palmeiras	2	1	2	1	1	2	9
Agrupamento de Escolas a Lã e a Neve	2	1	2	1	1	2	9
Agrupamento de Escolas do Teixoso	2	1	2	1	1	2	9
Escola Secundária Campos Melo	3	1	2	1	1	3	11
Associações							
Beira Serra	3	3	3	3	3	3	18
Casa do Menino Jesus	1	1	2	1	1	2	8
Poder Local							
Junta de Freguesia da Boidobra	2	2	2	1	1	1	9
Junta de Freguesia de Cantar Galo	1	0	1	1	1	1	5
Junta de Freguesia do Teixoso	2	2	2	3	2	2	13

A Beira Serra enquanto associação que promove o projeto e que detém no seu todo as ferramentas necessárias para a concretização do projeto, o IEFP da Covilhã como organismo público e que para este projeto é parte interessada para a concretização dos seus próprios objetivos, uma vez que o projeto promove a empregabilidade e o empreendedorismo, a Junta de Freguesia do Teixoso, que com a criação do Bairro Social das Nogueiras vê neste uma junção de famílias multiproblemáticas que necessitam de apoio e de serem integradas com a restante comunidade da freguesia. A CPCJ que, inserida na Câmara Municipal da Covilhã, para além dos interesses comuns do município pelos seus munícipes, tem também no seu objetivo promover a criação de um projeto de vida nos jovens das famílias sinalizadas. A Escola

Secundária Campos Melo, que com a obtenção do antigo CNO especializou alguns dos seus docentes na área do projeto e que com os seus cursos profissionais direcionados para a inserção no mercado de trabalho, encontra aqui grande parte de jovens-alvo deste projeto.

Em termos do projeto, a Beira Serra é uma grande influente uma vez que este projeto ao surgir dentro do projeto Arca de Talentos, para além de conhecer a população, tem as infraestruturas necessárias e a rede de parcerias formada para que o projeto se concretize. O IEPF da Covilhã como importante agente de encaminhamento e disponibilização de técnicos especializados na área do emprego e do empreendedorismo. A Junta de Freguesia do Teixoso, que para além de ter um recurso humano da área das ciências sociais e humanas disponível, contribui com equipamentos, transporte e financia as despesas associadas ao local de implementação da incubadora, torna-se um agente importante para o funcionamento logístico da incubadora. A CPCJ que disponibiliza recursos humanos que pela área que trabalham estão familiarizados com o público-alvo do projeto. A Escola Secundária Campos Melo que tem formadores especializados na área do empreendedorismo e da empregabilidade e podem contribuir para as atividades formativas do projeto.

Encontram-se parceiros que apesar de contribuírem com recursos humanos e de terem conhecimentos e legitimidade no meio de intervenção do projeto, têm uma influência mais fraca para o funcionamento do projeto. É o caso da Junta de Freguesia de Cantar-Galo, que nem na área geográfica do projeto se encontra, mas que abre caminho para jovens daquela freguesia terem conhecimento da incubadora e ingressarem o projeto como destinatários indiretos. A Casa do Menino Jesus é outro parceiro com menor influência, mas que disponibiliza para o projeto técnicos que trabalham com jovens, alguns oriundos dos bairros de intervenção, de famílias multiproblemáticas e que por isso com o desenvolvimento do projeto é necessário reforçar os conhecimentos e competências nesta área.

4. FINANCIAMENTO

“Em todos os casos, a realização de um projecto pressupõe alguns custos e a disponibilidade de fontes de recursos.”

(Ander-Egg e Idáñez, 1999: 54)

Em qualquer projeto é necessário ter em conta as despesas a ele associadas. As despesas deste projeto estão associadas com a obtenção de um recurso humano a tempo inteiro, algumas despesas materiais (consumíveis) e de equipamentos. Apenas com estas despesas asseguradas é possível avançar.

Neste sentido, é fundamental elaborar um orçamento até porque este é “(...) *um instrumento da programação que serve não só para determinar os custos de um programa ou projeto, mas também para disciplinar a ação institucional.*” (Serrano, 2008: 75).

Na fase em que se encontra este projeto optámos por não está estipular um orçamento, ficando este ponto para uma futura análise e planeamento mais aprofundado com um especialista na área, no entanto neste subcapítulo iremos analisar algumas vias de financiamento a que o projeto pode concorrer para poder avançar. Uma vez que “[o] *financiamento, por sua parte, representa a forma como devem ser aprovionados os recursos económicos para cobrir os custos determinados pelo orçamento.*” (Serrano, 2008: 75).

Criar uma incubadora de iniciativas juvenis, associada a um programa de apoio que possibilite a inclusão de grupos informais de jovens, que providencie todas as condições necessárias para a promoção de iniciativas exige, apoio financeiro, apoio com recursos/géneros, ‘*coaching*’, espaços de trabalho, procedimentos ‘*standard*’ amigáveis para os jovens e recursos dedicados (internet, computadores de trabalho, materiais de escritório, etc.).

Dentro dos vários programas de financiamento sinalizámos os que estão direcionados para a juventude e que promovem a criação de cooperativas e associações juvenis, no sentido de apelar à responsabilização e potenciar a participação, cidadania e empreendedorismo. Seleccionámos igualmente os que de uma forma generalista apoiam projetos que façam sentido na comunidade e respondam aos problemas apresentados no território.

O Programa Escolhas, para além dos projetos que tem financiado nas suas gerações, como referido anteriormente no capítulo I, ponto 2, tem previsto o financiamento a candidaturas pontuais de um ano que “(...) *visem facilitar a empregabilidade e o emprego para jovens através de soluções criativas (...)*” (Programa Escolhas, 2013). Segundo a descrição presente no sítio do programa, estes projetos são de cariz experimental e inovador e têm âmbito nacional, as ações relacionam-se como a implementação de estágios para jovens, formação no domínio das competências para a empregabilidade, promoção da responsabilidade social de empresas e outras entidades, através de estágios e de emprego para jovens, implementação de negócios sociais e integração de jovens no mercado de trabalho.

Uma outra possível fonte de financiamento é a Agência Nacional para a Gestão do Programa Juventude em Ação. Esta entidade dispõe de uma inspiradora linha de financiamento chamada “Iniciativas Jovens” (Ação 1.2) que permite a inclusão de grupos informais de jovens no Programa. “*Esta sub-ação apoia projetos nos quais os jovens participam ativa e diretamente nas suas atividades, decidindo que papel vão ter em cada fase do projeto, no sentido de desenvolver a sua capacidade de iniciativa, empreendedorismo e criatividade.*” (Juventude em Ação, 2013). Este tipo de iniciativas inseridas neste programa permite ainda a opção de serem iniciativas nacionais ou transnacionais. As nacionais são desenvolvidas por um

único grupo de um país e podem ser a nível local, regional ou nacional. As transnacionais são desenvolvidas por dois ou mais grupos de países diferentes.

A CASES (Cooperativa António Sérgio para a Economia Social) tem em desenvolvimento o COOPJOVEM que “(...) é um programa de apoio ao empreendedorismo cooperativo, destinado a apoiar os/as jovens na criação de cooperativas, como forma de desenvolvimento de uma cultura solidária e de cooperação, facilitando a criação do seu próprio emprego e a definição do seu trajeto de vida.” (CASES, 2013). Este programa é uma medida de incentivo à criação do próprio emprego apoiada pelo Impulso Jovem¹³, nos eixos apoio à contratação e ao empreendedorismo. Destinado a jovens que queiram constituir uma cooperativa, este apoio para além de financeiro é também um apoio de consultoria e acompanhamento da cooperativa criada e que se pode adaptar a este projeto, desde que seja implementado por jovens dos 18 aos 30 anos e que integre 5 a 9 cooperadores/as.

Um outro tipo de financiamento é composto por financiadores que lançam programas não apenas direcionados à população jovem, mas a todos os projetos que deem respostas no seu território e sejam pertinentes.

A Fundação EDP lança todos os anos o programa EDP Solidária “(...) e tem como objetivo o apoio a projetos que melhorem a qualidade de vida de pessoas socialmente desfavorecidas, a integração de comunidades em risco de exclusão social e a promoção do empreendedorismo social.” (Fundação EDP, 2013).

A Fundação Calouste Gulbenkian nos seus projetos de integração social que desenvolve, ao longo do ano, através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano (PGDH) “(...) tem como missão incentivar e facilitar a inclusão dos grupos mais vulneráveis da população, designadamente idosos, crianças e jovens em risco, migrantes e pessoas com necessidades especiais. A sua atuação desenvolve-se, sobretudo, através do apoio à experimentação de novas metodologias e à realização de projetos-piloto nestas áreas.” (Fundação Gulbenkian, 2013). Este financiamento mais abrangente pode também englobar o projeto desenvolvido no âmbito deste mestrado.

A Ashoka Portugal, dentro do trabalho que desenvolve mundialmente à cerca de 30 anos dentro do Empreendedorismo Social, tem um programa de apoio aos empreendedores sociais, denominados de *Fellows Ashoka*, apoia os desafios o empreendedor, da angariação de fundos à contratação, do marketing à expansão internacional. “Se necessário, podemos conceder ao Fellow um apoio financeiro durante uma média de três anos para lhe permitir dedicar-se a tempo inteiro à fundação das suas instituições e à difusão das suas ideias.” (Ashoka, 2013).

¹³ O programa Impulso Jovem apresenta um conjunto de medidas de incentivo à criação de emprego jovem. Os eixos em referência dizem respeito ao eixo de apoio à contratação que apresenta medidas que apoiam a contratação de jovens diminuindo os custos associados a essa contratação e o eixo de empreendedorismo que apresenta diferentes possibilidades de criação do próprio emprego (Impulso Jovem, 2013).

Ainda disponibiliza uma rede de apoio global dos seus pares e parceiros e caso se consiga integrar na *Bolsa de Fellows da Ashoka*, os empreendedores passam a beneficiar da comunidade Ashoka para sempre. Uma vez que a incubadora é um projeto de empreendedorismo social, pode candidatar-se a *Fellows* da Ashoka, na medida que corresponde aos objetivos pretendidos da Ashoka, uma vez que tal como referem no sítio de internet: *“Procuramos os visionários inovadores que fundaram organizações baseadas em novas ideias com potencial para mudar os sistemas. Acreditamos que o crescimento de um setor de cidadania global começa com o trabalho de cada empreendedor social. Esses empreendedores fazem o setor avançar, respondendo a novos desafios e a necessidades em mutação.”* (Ashoka, 2013).

Com o fecho do atual quadro comunitário QREN - POPH (2007-2013) e ainda sem informação relativa ao novo quadro para 2014, as candidaturas a linhas de financiamento constituem-se como uma estratégia essencial à obtenção de fundos por parte das organizações sociais, para a prossecução da sua missão.

Através de uma pesquisa pela internet foi possível encontrar alguns sítios na internet que promovem o financiamento a projetos sociais. Como exemplo, encontra-se a Bolsa de Valor Social (BVS) que é *“(...) é a replicação do ambiente e dos conceitos de uma Bolsa de Valores em benefício de Organizações Sociais criteriosamente selecionadas para serem cotadas nessa Bolsa. Esses projetos são apresentados a investidores sociais que, ao adquirirem ações sociais através da BVS passam a ter o acompanhamento do uso dos recursos financeiros doados através de relatórios de resultados e de impacto social.”* (BVS, 2013). Os projetos são apresentados no próprio sítio da internet para que o investidor social possa escolher o projeto que se enquadra com os seus objetivos de investimento. Os projetos são apresentados por tema, região, tipo de projeto ou valor. Cada ação social tem um valor de 1€ e o investidor tem de adquirir pelo menos cinco ações sociais, a partir deste valor é o investidor que decide até quanto pretende investir. Esta Bolsa de Valores Sociais encontra assim uma forma de auxiliar o encontro entre as diversas organizações que são selecionadas na área da educação e do empreendedorismo e os investidores sociais que estejam dispostos a investir nos projetos dessas mesmas organizações. O caso apresentado no capítulo III, ponto 2, da Incubadora Juvenil - *iJobs* é um exemplo prático de financiamento através da Bolsa de Valores Sociais.

Dado o contexto atual de contração económica, é particularmente importante ter-se em atenção todas as hipóteses de mecenato que ocorram por parte de empresas privadas e apelar à responsabilidade social das mesmas, ao participarem em projetos de cariz social.

O termo de responsabilidade social tem estado muito presente na nossa sociedade e as empresas como grandes agentes transformadores, exercem grandes pressões e influências junto da sociedade, ambiente e recursos humanos. Além destas influências, são elas que detêm um forte impacto financeiro, económico e tecnológico. Segundo o Livro Verde

apresentado pela Comissão Europeia, a responsabilidade social das empresas não pode ser vista apenas como um cumprimento da regulação ou legislação no domínio dos direitos sociais ou das normas ambientais. *“Ser socialmente responsável não se restringe ao cumprimento de todas as obrigações legais - implica ir mais além através de um “maior” investimento em capital humano, no ambiente e nas relações com outras partes interessadas e comunidades locais.”* (COM, 2001: 7).

Ao nível da empresa, as práticas socialmente responsáveis implicam, segundo o Livro Verde (COM, 2001), os trabalhadores, investindo no capital humano, na saúde, na segurança e na gestão da mudança, e as práticas ambientalmente responsáveis, relacionadas com a gestão dos recursos naturais que são explorados no processo de produção. No entanto, a responsabilidade social de uma empresa ultrapassa a esfera da própria empresa e estende-se à comunidade local, envolvendo trabalhadores, acionistas e os próprios parceiros, clientes, autoridades públicas e associações ou organizações que exercem a sua atividade para com as comunidades locais ou no domínio do ambiente.

Tendo em conta estas premissas, pretende-se sensibilizar o tecido empresarial local, e até nacional, para as boas práticas de responsabilidade social, apoiando este projeto de cariz integrador e criador de oportunidades de trajetos de vida para jovens.

5. PLANO DE ACOMPANHAMENTO E DE AVALIAÇÃO DO PROJETO

“Exame, aprofundado e rigoroso, de uma organização, situação, projeto ou programa com o intuito de chegar a um juízo fundamental e racional acerca do seu sucesso.”

(Schiefer *et al*, 2007: 238)

A última fase de desenho de um projeto é a definição do acompanhamento e da avaliação. Este acompanhamento passa por uma supervisão do que ocorre no projeto de forma a corrigir erros e melhorar aspetos nas ações a concretizar.

Propõem-se neste projeto que a equipa reúna todas as semanas, em períodos máximo de duas horas, no sentido de apresentar o trabalho realizado semanalmente a todos os membros da equipa e a planear objetivos para a semana seguinte. Por outro lado, aos parceiros do projeto é também solicitado um acompanhamento do projeto, de forma a ter conhecimento de todas as ações e decisões tomadas pela equipa e também estes participarem ativamente na tomada de decisões e planificação de ações. Estas reuniões pretendem-se que sejam bimensais e com a presença de todos os parceiros presentes.

O acompanhamento do projeto é uma fase muito importante para a continuidade do mesmo, pois permite que se monitorize o atingimento dos objetivos.

A avaliação é outra etapa do projeto, ligada ao acompanhamento, pois sem acompanhamento não se consegue avaliar e sem avaliação esse acompanhamento não é adaptado às reais necessidades do projeto. *“Avaliar é sempre comparar com um modelo - medir - e implica uma finalidade operativa que visa corrigir ou melhorar.”* (Guerra, 2002: 185).

Assim, *“[u]ma avaliação de projeto procura investigar os efeitos e consequências das atividades do projeto de acordo com critérios bem definidos: por exemplo, determinar em que medida um projeto atingiu os seus objetivos gerais explicitamente formulados.”* (Schiefer et al, 2007: 42).

Tabela 13 - Resumo da Avaliação Utilizada no Projeto

Tipologia	Quem	Como	Quando
Autoavaliação	Destinatários	Inquéritos por Questionário que permitam avaliar a satisfação com a atividade/ação e sugerir outras formas de agir.	Cada atividade e/ou ação deve ter sempre disponível questionários ao longo do projeto.
	Equipa Técnica	Análise dos inquéritos realizados aos destinatários.	Sempre que terminada a atividade.
		Reuniões de equipa que analisem o decorrer das atividades/ações do projeto.	Reunir semanalmente.
		Realização de relatórios que analisem dados qualitativos e quantitativos de acordo com os objetivos do projeto.	Apresentação de relatórios semestrais aos avaliadores internos.
Avaliação Interna	Parceiros	Preenchimento de um questionário que avalie as atividades apresentadas pela equipa.	Semestralmente, que apoie o relatório semestral da equipa.
		Avaliação dos resultados apresentados pela equipa.	Semestralmente, quando a equipa apresenta o relatório.
	Gestor do projeto	Relatório Anual com sugestões ao projeto, que dê resposta aos relatórios semestrais da equipa.	Apresentação da avaliação quantitativa ao projeto anualmente.
Avaliação Externa	Entidade Externa (Universidade da Beira Interior)	Relatório Anual que avalie todo o projeto e todos os intervenientes.	Apresentação de avaliação qualitativa e quantitativa ao projeto anualmente.

Neste projeto pretende-se uma avaliação que conte com todos os agentes envolvidos, começando pela equipa técnica, passando pelos parceiros e destinatários do projeto e ainda com a colaboração de agentes externos numa lógica de avaliação participativa. Esta “(...) *resolve, simultaneamente, a multiculturalidade dos olhares sobre a condução dos processos sociais e a nova democraticidade que é exigida à ação pública*” (Guerra, 2002: 183). Desta forma, como foi referido ponto 3 do capítulo I, para que a avaliação seja um momento do projeto em que todos os agentes estejam envolvidos, opta-se por um tipo de avaliação mista, que engloba a autoavaliação, a avaliação interna e a avaliação externa.

Desta forma, a avaliação utilizada no projeto (ver tabela 13) conta com a autoavaliação feita pela equipa nas reuniões semanais e semestralmente através de um relatório com dados qualitativos e quantitativos das ações realizadas. Estes dados quantitativos, para além do número de participantes nas ações, o número de encaminhamentos e outras formas de apresentação estatística da participação dos destinatários, contam com a participação direta dos destinatários que detêm instrumentos de avaliação das atividades desenvolvidas, como inquéritos por questionário que pretendem avaliar a satisfação dos mesmos pelas atividades e apresentarem sugestões de melhoria.

Em segundo lugar, conta com a avaliação interna realizada pelos parceiros que semestralmente deverão apresentar, sob a forma de um questionário ou formulário, um balanço do projeto até ao momento, aspetos não concretizáveis, aspetos a concretizar e sugestões de melhoria. Por outro lado, o gestor do projeto, que financia o projeto, dará uma avaliação quantitativa e qualitativa que permite refletir acerca da continuidade ou não do projeto.

Por último, a avaliação externa, onde é solicitado a agentes externos que avaliem o projeto. Uma vez que em termos de localização o projeto está próximo de uma universidade, é pretendido solicitar à mesma que através do seu Departamento de Sociologia possa anualmente realizar uma avaliação externa que permita analisar com rigor o projeto, uma vez que não se encontram implicados no projeto e têm assim uma visão neutra do mesmo.

Segundo os modelos apresentados pela autora Isabel Guerra (2002), o modelo de avaliação deste projeto é um modelo orientado para objetivos. Neste modelo há uma discussão constante de objetivos e finalidades com todos os intervenientes e utiliza como métodos quantitativos e qualitativos de recolha de informação. “*As finalidades e os objetivos são critérios de sucesso da intervenção e o que se pretende é medir a forma e a intensidade com que determinados objetivos foram atingidos.*” (Guerra, 2002: 191).

A avaliação deste projeto é do tipo *on going*, que acompanha o projeto ao longo de toda a sua execução e permite transmitir componentes para o seu aperfeiçoamento ou para a sua

correção. No final da implementação do projeto será realizada uma avaliação final que mede todos os resultados e efeitos causados pelo projeto.

CONCLUSÃO

Neste trabalho de projeto partimos do pressuposto que o empreendedorismo social poderia ser impulsionador e motivador do surgimento de novas respostas sociais para os jovens dos Bairros Sociais da Alâmpada e das Nogueiras, ou promover o melhoramento das soluções já existentes. A nossa aposta é que a formação para o empreendedorismo e a promoção do emprego poderão representar trilhos viáveis nos quais o empreendedorismo social se movimenta e que a incubadora juvenil será uma “alavanca” para que a melhoria social concretizável nestes dois bairros.

Para a conceção deste projeto procurou saber-se quais as problemáticas que sobressaem e às quais urge responder através de um levantamento de necessidades com apoio de dados estatísticos e dados fornecidos por entidades locais e de entrevistas exploratórias realizadas junto de dois técnicos da Beira Serra que trabalham diretamente no terreno e de oito jovens moradores dos dois bairros de intervenção. Deste levantamento preliminar identificámos como problemáticas o emprego precário, o desemprego, o insucesso escolar, o abandono precoce da escola, as baixas qualificações, a falta de respostas aos jovens que terminam a escolaridade obrigatória, os comportamentos desviantes e a negligência familiar.

Posteriormente a este levantamento foram delineados objetivos e em função desses objetivos atividades para a estrutura a criar de molde a responder às necessidades dos jovens dos dois bairros de intervenção, no que se relaciona com a trajetória de vida destes. A incubadora juvenil visa responsabilizar os jovens pelo seu próprio percurso de vida, pelas suas decisões e atos, estimulando novos padrões de vida e construindo novas referências no âmbito do emprego e do empreendedorismo.

Desta forma, a criação de uma Incubadora Juvenil surge como resposta a carências sentidas nestes dois bairros e apresenta como objetivo principal promover competências empreendedoras nos jovens dos 16 aos 24 anos, valorizando e mobilizando os seus recursos individuais e reforçando a importância da sua trajetória de vida.

Para o planeamento do plano de ação do projeto, contámos com a participação de várias entidades que participam na equipa de consórcio do projeto Arca de Talentos. Através do contacto com estas entidades foi possível angariá-las para *stakeholders* deste projeto. Realizou-se uma reunião de *stakeholders*, onde foi possível enquadrá-los nas problemáticas a trabalhar pelo projeto quanto à sua atuação no terreno, fazer um levantamento dos recursos que disponibilizam para o funcionamento do projeto e perceber quais os que poderão ter mais influência no projeto.

Nesta fase retiraram-se conclusões importantes, como a opção deste projeto integrar o já existente projeto Arca de Talentos da Beira Serra.

Após a análise dos dados e informações recolhidas nas entrevistas, foi possível constatar nas entrevistas realizadas aos jovens que um obstáculo para o projeto poderá ser a continuidade e concretização visto que estes jovens manifestam dificuldade na prossecução de um plano desde o início até ao fim.

Por outro lado, a abertura da incubadora à população pode trair o seu real objetivo, uma vez que no objetivo traçado são os jovens o foco da incubadora, mas poderá haver um excesso de participantes da comunidade e é necessário que a incubadora esteja preparada para traçar com rigor um regulamento interno que esclareça todos esses itens de quem é ou não destinatário e em que parâmetros ou atividades.

Como fragilidade deste projeto encontramos o financiamento. Uma vez que este projeto, apesar dos apoios dados pelos parceiros, não se autofinancia, é necessária uma análise mais aprofundada de soluções para não se tornar tão dependente de apoios externos.

Assim, deixa-se como proposta para uma investigação futura a forma como as incubadoras sociais se podem autofinanciar, sem recorrer a apoios externos. Por outro lado e nesta linha de ideias, aprofundar com maior rigor o tema da responsabilidade social das empresas como forma de solucionar este problema, uma vez que podem ser outras empresas a financiar este projeto.

Uma limitação deste estudo de realização do projeto de incubadora relaciona-se com o forte envolvimento da investigadora com os destinatários do projeto, que apesar de ser positivo por conhecer bem a realidade em que vivem, pode também colocar alguns problemas, visto que a investigadora poderá não ter conseguido fazer a devida barreira às suas ideias já pré-concebidas e dessa forma viciar os resultados da investigação. Procurámos a esse respeito promover uma atitude de neutralidade axiológica, no sentido de Weber.

Acreditamos que os obstáculos percecionados e a eventual fragilidade do financiamento são ultrapassáveis mediante um processo dinâmico de busca de soluções. Fazendo um balanço geral, consideramos ser este projeto inovador e interessante para as populações alvo. No atual cenário de crise económica e social, em que não só o desemprego aumenta como também as perspetivas e ânimo dos grupos sociais, uma incubadora juvenil que valorize os jovens e os empodere no mercado de trabalho afigura-se-nos um projeto particularmente pertinente.

Em conclusão, este projeto pretende que esta incubadora não seja vista apenas como um espaço de criação e desenvolvimento de ideias e soluções, mas sim através de uma visão mais profunda e mais ampla, promover o empoderamento da comunidade. Desta forma, esta

pretende prestar, de forma constante e permanente, importantes serviços aos empreendedores sociais interessados em resolver, de forma inovadora, os problemas sociais.

BIBLIOGRAFIA

André, Isabel e Abreu, Alexandre (2006), “Dimensões e Espaços da Inovação Social”, Finisterra volume XLI, nº 81, pp. 121-141, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Almeida, Rachel de Castro (2012), “A Inserção Profissional pela Via do Empreendedorismo”, in *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1147_ed.pdf, acedido em: 2013-01-23.

Alves, Nuno de Almeida *et al* (2011), *Jovens em Transições Precárias - Trabalho, Quotidiano e Futuro*, Lisboa: Mundos Sociais.

Ander-Egg, Ezequiel e Idáñez, María José Aguilar (1999), *Como Elaborar Um Projecto - Guia para desenhar projectos sociais e culturais*, Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.

Augusto, Nuno Miguel (2000), “Habitação social - da intenção de inserção à ampliação da exclusão”, in *Atas do IV Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df3cd04e3f_1.PDF, acedido em: 2013-01-15.

Barreira, João Paulo Feijó (2000), “Representações e Estilos de vida Num bairro de habitação social”, in *Atas do IV Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dc12911185_1.PDF, acedido em: 2013-01-15.

Beira Serra (2012), *Candidatura ao Programa Escolhas - 5ª Geração - Projeto Arca de Talentos*, Covilhã: Beira Serra.

Bell, Judith (1997), *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa: Gradiva.

Câmara Municipal da Covilhã (2012), *Diagnóstico Social - Conselho Local de Ação Social da Covilhã*, Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã, disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2011RedeSocialPlanoAcao.pdf>, acedido em: 2012-12-18.

Câmara Municipal da Covilhã (2012), *Carta Educativa do Concelho da Covilhã - Atualização de Dados Ano Letivo 2011/2012*, Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã, disponível em: http://download.cm-covilha.pt/pdf/Educacao/Carta_Educativa_2011_2012.pdf, acedido em: 2012-12-18.

Cardoso, Pedro e Almeida, Helena (2012), “Empreendedorismo Social e Mediação: articulações e complementaridades na criação de mudança social”, in *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1184_ed.pdf, acedido em: 2013-01-23.

Carvalho, M. Carmo (2007), *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo - o trance psicadélico como analisador*, Porto: Campo das Letras.

Chaves, Rosário Rito e Parente, Cristina (2011), “O Empreendedorismo na Escola e o Paradigma das Competências - O caso da Junior Achievement - Portugal”, *Sociologia - Problemas e Práticas* [versão eletrónica], n.º 67, pp. 65-84, disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n67/n67a04.pdf>, acedido em: 2013-09-11.

Comissão das Comunidades Europeias (2001), *Livro Verde - Promover um quadro europeu para a responsabilidade social das empresas*, Bruxelas, disponível em: http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2001/com2001_0366pt01.pdf, acedido em: 2013-09-10.

Comissão das Comunidades Europeias (2006), *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*, Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, Bruxelas, disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0033:FIN:PT:PDF>, acedido em: 2013-01-31.

Cordeiro, Rui Mesquita (2003), “*The Meaning of Social Incubation*” [versão eletrónica], Recife, Brasil, disponível em: <http://developmentissues.wordpress.com/2003/06/04/social-incubation/>, acedido em: 2013-01-22.

Costa, Tânia Marisa Silva (2000), “O Abandono Escolar no meio rural. Os jovens entre os dois saberes: Escola e Trabalho”, in *Atas do IV Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de7d2c3524_1.PDF, acedido em: 2013-09-10.

Dayrell, Juarez (2003), “O jovem como sujeito social”, *Revista Brasileira de Educação* [versão eletrónica], n.º 24, pp. 40-52, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>, acedido em: 2013-01-31.

Dess, J. Gregory (2001), “*O Significado do Empreendedorismo Social*”, tradução de *The Meaning of “Social Entrepreneurship”* [versão eletrónica], Center for the Advancement of Social Entrepreneurship, Duke University, disponível em: <http://www.uc.pt/feuc/ceces/ficheiros/dees>, acedido em: 2013-05-14.

Ferreira, Maria Júlia (1994), “O Bairro Social do Arco do Cego - uma aldeia dentro da cidade de Lisboa”, *Análise Social* [versão eletrónica], vol. XXIX (127), pp. 697-709, disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377477V5mOZ0di3Rb81VO4.pdf>, acedido em: 2013-10-03.

Ferreira, Paulo Antunes (1993), “Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80”, *Estudos de Juventude - Cadernos do Instituto de Ciências Sociais*, quinta série, n.º 3, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais / Instituto da Juventude.

Giddens, Anthony (2001), *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, Helena Seira (1994), “Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro de habitação social”, *Sociologia - Problemas e Práticas* [versão eletrónica], n.º 16, pp. 135-149, disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/24/240.pdf>, acessado em: 2013-10-03.

Guerra, Isabel (2002), *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção - O planeamento em Ciências Sociais*, Lisboa: Principia.

Guerra, Isabel (2006), *Participação e Acção Colectiva - Interesses, Conflitos e Consensos*, Cascais: Príncipeia.

Guerreiro, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2007), *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Hazin Alencar, Ana Lúcia (2012), “A Construção da Identidade: Jovens em busca do reconhecimento”, in *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0430_ed.pdf, acessado em: 2013-09-26.

Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade (1991), *Fundamentos de Metodologia Científica*, São Paulo: Atlas.

Maia, Rui Leandro (coord.) (2002), *Dicionário de Sociologia*, Porto: Porto Editora.

Oliveira, Luísa; Carvalho, Helena e Veloso, Luísa (2011), “Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia”, *Sociologia, Problemas e Práticas* [versão eletrónica], n.º 66, pp. 27-48, disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n66/n66a02.pdf>, acessado em: 2013-10-16.

Pais, José Machado (2001), *Gancho, Tachos e Biscates*, Lisboa: Ambar.

Pais, José Machado (2003), *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pappámikail, Lia (2004) “Transições para a vida adulta: Perceções e avaliações do apoio familiar”, in *Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628cf81864e5_1.pdf, acessado em: 2013-10-04.

Pereira, Miguel Mota, Ferreira, José Soares e Figueiredo, Ilda Oliveira (2007), *Projeto Educação para o Empreendedorismo - Guião «Promoção do Empreendedorismo na Escola»*, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, disponível em: <http://juventude.gov.pt/>

Emprego/InovaJovensCriativos/Documents/Guiao_Promocao_Empreendedorismo_escola_DGE.pdf, acessado em: 2013-01-31.

Programa Escolhas (2012), “Manual de Apoio à Construção de Projetos de Vida”, Manual do Recurso *Re/Colhas - Fazer Escola com Escolhas*, Lisboa: Programa Escolhas.

Programa Escolhas (2012), “Meg@produções - Empreendedorismo”, Manual do Recurso *Re/Colhas - Fazer Escola com Escolhas*, Lisboa: Programa Escolhas.

Programa Escolhas (2012), *Re/Colhas - Fazer Escola com Escolhas*, Lisboa: Programa Escolhas.

Programa Escolhas (2012), “(Re)Vestir - Loja Solidária”, Manual do Recurso *Re/Colhas - Fazer Escola com Escolhas*, Lisboa: Programa Escolhas.

Santos, Mónica e Guerra, Paula (2012), “O Empreendedorismo Social em Portugal na Estratégia de Combate à Pobreza e Exclusão Social: uma ilustração”, in *Atas do VII Congresso Português de Sociologia*, disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1065_ed.pdf, acessado em: 2013-01-23.

Schiefer, Ulrich *et al* (2007), *MAPA - Manual de Planeamento e Avaliação de Projetos*, Cascais: Príncipia.

Schmidt, Luísa (1990), “Jovens: família, dinheiro, autonomia”, *Análise Social* [versão eletrónica], vol. XXV (108-109), pp. 645-673, disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034726C4zVW4cm0Nc92WM6.pdf>, acessado em: 2013-05-14.

Serrano, Gloria Pérez (2008), *Elaboração de Projectos Sociais - Casos práticos*, Porto: Porto Editora.

Vieira, Joana de Jesus Neves (2011), *Empreendedorismo e Inovação como forma de Mudança e Inclusão Social: Criação de uma Incubadora Social no Município de Ílhavo*, Relatório de Projeto de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, orientação Professora Doutora Clara Cruz Santos, Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

AEVNF (2013), disponível em: <http://aevnf.pt>, acessado em: 2013-10-04.

Ashoka (2013), *Apoio aos Empreendedores Sociais*, disponível em: <http://portugal.ashoka.org/apoio-aos-empreendedores-sociais>, acessado em: 2013-09-10.

Associação PAR (2013), *Incubadora Juvenil - iJobs*, disponível em http://www.par.org.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=141, acessado em: 2013-01-31.

Beira Serra (2012), *Projetos - Projetos Finalizados e Projetos em Execução*, disponível em: <http://www.beiraserra.pt/>, acessado em: 2012-12-19.

BVS (2013), *Bolsa de Valor Social*, disponível em: <http://www.bvs.org.pt/view/viewPrincipal.php>, acessado em: 2013-10-10.

CASES (2013), *Programa Coopjovem*, disponível em: <http://www.cases.pt/programas/coopjovem>, acessado em: 2013-10-05.

Co-Work (2012), *Co-Work Portugal*, disponível em: <http://www.co-work.net>, acessado em: 2012-12-21.

Fundação da Juventude (2013), *Ninho de Empresas*, disponível em: <http://www.fjuventude.pt/nide/index.htm>, acessado em: 2013-10-08.

Fundação EDP (2013), *EDP Solidária*, disponível em: <http://www.fundacaoedp.pt/inovacao-social/edp-solidaria/edp-solidaria/48>, acessado em: 2013-10-08.

Fundação Gulbenkian (2013), *Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano (PGDH)*, disponível em: <http://www.gulbenkian.pt/section65artId4335langId1.html>, acessado em: 2013-10-09.

IEFP (2012), *Estatística*, disponível em: <http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/>, acessado em: 2012-12-07.

Impulso Jovem (2013), *Programa Impulso Jovem*, disponível em: <http://www.impulsojovemp Portugal.pt/>, acessado em: 2013-10-09.

INE (2012), *Censos 2011*, disponível em: <http://censos.ine.pt>, acessado em: 2012-12-07.

IPAV (2013) *Incubadora Social Ubuntu*, disponível em: <http://www.ipav.pt/index.php/proj/incubadora-socialubuntu?showall=1&limitstart=>, acessado em: 2013-10-04.

IPJ (2013), *Programa OTL*, disponível em: http://juventude.gov.pt/TurismoTemposLivres/OcuparTemposLivres/ProgOTL/Paginas/otl_jovens.aspx, acessado em: 2013-10-04.

Juventude em Ação (2013), *Ação 1.2 - Iniciativas Jovens*, disponível em: <http://www.juventude.pt/index.php?cat=19>, acessado em: 2013-10-09.

Programa Escolhas (2013), *Programa Escolhas - Novo Período de Candidatura*, disponível em: <http://www.programaescolhas.pt/conteudos/noticias/ver-noticia/52381526a4b37/programa-escolhas-lanca-novo-periodo-de-candidaturas>, acessado em: 2013-10-08.

UBUNTU (2013), *Academia UBUNTU*, disponível em: http://www.academiaubuntu.org/index.php?option=com_content&view=article&id=171&Itemid=93, acedido em: 2013-10-04.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 366/85 de 11 de setembro, *Diário da República*, 1.^a série - N.º 209, Lisboa: Ministério do Equipamento Social.

Decreto-Lei n.º 226/87 de 3 de junho, *Diário da República*, 1.^a série - N.º 130, Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Decreto-Lei n.º 396/2007 de 31 de dezembro, *Diário da República*, 1.^a série – N.º 251, Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

Portaria n.º 135-A/2013 de 28 de março, *Diário da República*, 1.^a série – N.º 62, Lisboa: Ministério da Economia e do Emprego, da Educação e Ciência e da Solidariedade e da Segurança Social.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 68/2012 de 9 de agosto, *Diário da República*, 1.^a série – N.º 154, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

DADOS LOCAIS

Centro de Emprego da Covilhã

Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Covilhã

Comissão para a dissuasão da toxicod dependência de Castelo Branco

Núcleo Local de Rendimento Social de Inserção da Covilhã

ANEXOS

ANEXO 1

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA - EQUIPA DO PROJETO ARCA DE TALENTOS

I. Intervenção do Projeto Arca de Talentos nos dois bairros de intervenção

- Descrevam o trabalho desenvolvido pelo projeto no bairro das noqueiras e no bairro da alâmpada

O trabalho desenvolvido nestes dois bairros do concelho da Covilhã incide em jovens dos 6 aos 24 e respetivas famílias. É um trabalho que pretende diminuir os constrangimentos existentes nestas áreas geográficas. É o reaprender, o praticar atitudes de cidadania enquanto ferramenta de autonomia e emancipação perante os problemas sociais, como o desemprego, a dependência de subsídios sociais, a pouca escolaridade, e a falta de metas e objetivos de vida.

- Áreas mais trabalhadas com estes jovens, neste projeto

Área comportamental, área escolar através da melhoria do processo escolar, área do emprego e formação profissional, apoio psicossocial.

- Como é realizada a intervenção com estes jovens?

A participação dos jovens garante uma intervenção participada. A finalidade do projeto é servir de vínculo ou de meio para que os mesmos esbocem um trajeto que visa o melhoramento da vida de cada um. Através das atividades do projeto, que foram baseadas nas problemáticas gerais identificadas em diagnóstico inicial, educação, emprego e formação e comunidade, os jovens experimentam e desenvolvem competências que os permite no futuro utilizar como ferramenta de empreendedorismo individual e social.

II. Perfil dos jovens dos dois bairros de intervenção

- Descrição dos jovens de cada bairro, ou seja, desenhar um perfil dos jovens do bairro da alâmpada e outro perfil dos jovens do bairro das noqueiras, tendo em conta os temas escola, família, trabalho, lazer, comunidade e comportamentos.

	Bairro da Alâmpada	Bairro das Nogueiras
Escola	Jovem com bastantes dificuldades escolares; desmotivação pela escola	Jovem com bastantes dificuldades escolares; desmotivação pela escola; falta de reconhecimento pelo ensino.
Família	Famílias dependentes de apoios sociais, falta de informação de direitos e deveres,	Famílias dependentes de apoios sociais, falta de informação de direitos e deveres, falta de reconhecimento pelo ensino, Famílias com carências financeiras evidentes.

Trabalho	Desemprego de longa duração. Aproveitam as campanhas sazonais da fruta.	Desemprego juvenil, familiares com desemprego de longa duração. Aproveitam as campanhas sazonais da fruta.
Lazer	Existem atividades ligadas ao rancho e catequese, no entanto a participação dos residentes no bairro não é muito significativa.	Estruturas muito deficientes a este nível a nível do bairro, não existe relação com o resto da freguesia.
Comunidade	Existe espírito de comunidade, apesar de alguns constrangimentos	Existe espírito de comunidade, apesar de alguns constrangimentos
Comportamentos	Evidência de alguns comportamentos violentos particularmente em alguns agregados familiares.	Evidência de alguns comportamentos violentos, uso de substância psicoativas, álcool

III. Visão do projeto *Incubadora Juvenil* nos bairros

- Consideram este projeto seria uma mais-valia para os jovens dos dois bairros?

Este projeto associado a uma iniciativa lucrativa para os jovens tem todas as possibilidades de se tornar uma ideia inovadora nestes contextos sociais.

- Como consideram que seria a adesão destes jovens a este tipo de projeto?

A participação dos jovens neste tipo de iniciativa seria vista como uma oportunidade de criar uma solução empreendedora. Acredito que existiria uma participação efetiva dos jovens.

- Sugestões para este projeto e que necessidades já detetadas que a incubadora poderá dar resposta?

Um acompanhamento mais próximo na criação de boas ideias empreendedoras, apresentação de soluções viáveis para o desenvolvimento dessa ideia.

ANEXO 2

ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS - JOVENS

I. Identificação do jovem

Nome: António

Idade: 17 anos

Localidade: Bairro da Alâmpada

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Estou a estudar na Escola Profissional do Fundão no curso de cozinha/pastelaria.

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Sim, estou no projeto Arca de Talentos, participo nas atividades das férias escolares, apoio nos apoio ao estudo e participo nos tutores, entre outras.

- Então pelo que acabas de me dizer, és também um monitor que ajuda a equipa técnica no desenvolvimento das atividades?

Sim é isso mesmo.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Sim, aprende-se a comunicar mais com as pessoas e a interagir com certas pessoas.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Nenhuma.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Já frequento a Beira Serra desde muito pequeno e sim claro que noto algum progresso, pessoal, na escola.

- Consegues dar-me um exemplo do antes de depois?

Antes era assim um bocado baldas à escola e agora aplico-me mais e comecei a ver as coisas de outra forma.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Não

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Não, se calhar até era um bom sítio para se morar, mas as pessoas fazem do bairro pior do que aquilo que é.

- Que tipo de situações é que pioram o bairro?

É sempre com os de etnia cigana, barulho até às tantas, quando estão em festas não respeitam ninguém.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros? Sabem como é que são os bairros sociais e por vezes discriminam as pessoas por morarem nele, mas eu nunca me senti discriminado por isso.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social? Não, acho que seria igual se vivesse noutra local.

- Se te dessem a opção de ires viver para outro local mudavas? Sim.

IV. A Escola

- Qual o ano que frequentas?

Estou no 10º ano no curso profissional de cozinha/pastelaria, como já tinha dito.

- Quais os objetivos pretendidos com a escola?

Acabar o curso e tentar arranjar trabalho nessa área.

- Pretendes seguir o ensino superior?

Logo vejo como estão as coisas. Vejo as notas que tiro no curso e se calhar ainda tiro Gestão Hoteleira na universidade.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida? Sim, porque hoje em dia precisamos de estudos para arranjar um emprego e então o 12º para aquilo que eu quero é mesmo importante.

- Gostavas de criar um negócio só teu? Se sim, o quê? Se não, porquê?

Sim, já pensei nisso, gostava de criar o meu próprio restaurante ou pastelaria.

- E essa ideia já surgiu há quanto tempo?

Já há alguns anos, mas depois quis seguir outras coisas e agora é que voltei a pensar nisso.

V. O Trabalho

- Já alguma vez trabalhaste?

Sim, participei no OTL do IPJ no verão e ajudei em feiras.

- O que gostavas mesmo de fazer?

Chefe de cozinha tanto em cozinha como em pastelaria.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Sim.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Sim, no banco alimentar e ainda sou.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Sim, quando pedem, como a fazer mudanças, gosto de ajudar os outros.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Sim, os tutores.

- Podes explicar melhor o que são os tutores?

Um grupo que ajudamos nas atividades cá do CID, do projeto Arca de Talentos e por vezes com a comunidade.

- Há quanto existe esse grupo?

Há um ano.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Mais ou menos, empreender, investir.

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego?

São muitas, porque a maioria das pessoas não tem assim tanto nível escolar como deveriam ter, algumas nem sabem ler ou escrever e torna-se um pouco complicado arranjar emprego.

- O que achas que deveria existir?

Se calhar mais formação, umas professoras para ensinarem a escrever e a ler.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Sim, ajudaria muito em ver como seria o processo de criar o próprio emprego e para eu me começar a organizar.

- Em relação aos outros, achas que aderiam?

Sim, mas se calhar aderiam aquelas pessoas com mais escolaridade, se calhar a população mais jovem e adultos que já soubessem o que era o trabalho. Porque se calhar tinham mais consciência, enquanto aqueles que se calhar nem lhes interessa, porque não querem trabalhar.

I. Identificação do jovem

Nome: Beto

Idade: 21 anos

Localidade: Bairro da Alâmpada

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Estudo e trabalho, estou a estagiar

II. Participação na Beira Serra

- O estágio que está a realizar é na Beira Serra já há dois anos, duas vezes por semana e por isso o jovem considera este estágio como um trabalho a *part-time*.

Mas agora distancia-te da Beira Serra como local de trabalho e vamos falar na Beira Serra como o local onde começaste a participar em atividades com 9 anos.

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Sim, estou no projeto Arca de Talentos e costumo participar em vários *workshops* que a Beira Serra já dinamizou.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Claro que sim.

- Em que aspeto?

Conhecer outras pessoas, novas experiências, mais conhecimento... é bom!

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Não.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Sim, ajudou-me a pensar, crescer, aprender, a ter mais responsabilidade.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Sim

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Tem dias, tem de mau a vizinhança e tem de bom os amigos que já criei.

• Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros?
Sim, certamente, o bairro tem muita fama pelo lado negativo.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Provavelmente por morar num bairro social pode existir algum tipo de estereótipo que vai influenciar a opinião.

- Vou dar-te um exemplo, vais a uma entrevista de emprego, achas que vais ter menos oportunidade do que outra pessoa que não mora no bairro social?

Eu acho que não, vou ter a mesma oportunidade. Só a maneira como os outros olham é que é diferente.

- Se te dessem a opção de ires viver para outro local mudavas?

Sim.

IV. A Escola

- Qual o ano que frequentas?

Estou no 12º ano no curso técnico para a gestão, do IEFP.

- Quais os objetivos pretendidos com a escola?

Acabar o 12º ano.

- Então a área do curso não te interessa?

Interessa, mas principalmente quero acabar o 12º ano.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida?

Sem dúvida, se não achasse isso não me estava a esforçar tanto por tirar o 12º ano.

- Até onde pretendes chegar com os estudos, só o 12º ano?

Sim, não pretendo seguir mais nada.

- Depois de fazeres o 12º ano, o que pensas fazer?

Arranjar trabalho.

- Disseste que a área não te interessava tanto, que outra área estarias interessado em seguir?

A parte administrativa é a que me interessa mais, mas o que gosto é desporto, só que para isso teria de tirar outro curso.

- Gostavas de criar um negócio só teu? Se sim, o quê? Se não, porquê?

Eu até gostava, mas nunca pensei muito nisso, quer dizer até já falei com colegas que gostava de ter um bar, mas acho que qualquer jovem na minha idade tem essa ideia, gostava de ter um bar só dele para gerir. Mas não faz parte dos meus planos seguir com essa ideia para a frente.

- Em relação ao teu percurso escolar, sempre estudaste ou houve alguma interrupção?

Houve uma interrupção de um ano, desmotivei com a escola, não era aquilo que esperava. Mas depois arrependi-me de ter desistido e me ter baldado estes anos todos.

V. O Trabalho

- Já alguma vez trabalhaste?

Sim, em trabalhos sem contrato na restauração em que percorria o país todos nas feiras, a apoiar na montagem de ar condicionado, nas obras e outros biscatezitos.

- Com que idade começaste?

Com 15 anos, estudava e nas férias aproveitava para trabalhar, apesar de por vezes faltar até às aulas para trabalhar, pois achava que me compensava mais andar a trabalhar e ganhar dinheiro que estar a estudar.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Sim, já participei na festa da terra e neste momento estou envolvido na política e à espera de me inserir num grupo partidário.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Sim, no banco alimentar.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Sim, com alguns biscates, como ajudar no jardim, pintar uma divisão, onde por vezes envolvo outros colegas, sem qualquer remuneração.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Sim, os tutores e na Juventude Socialista.

- Podes explicar melhor o que são os tutores?

Debatemos vários temas, orientamo-nos em relação ao nosso futuro, planeamos várias iniciativas para realizar aqui na Boidobra, mas como ainda estamos constituídos à pouco tempo ainda não temos grandes projetos realizados.

- Este grupo, sentes que vos dá mais autonomia?

Sim, sim.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Não é uma palavra nova, mas é difícil de explicar!

- Mas o que achas que é?

É sobre o próprio negócio, sobre uma pessoa saber desenrascar-se num negócio dela.

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego?

Para além da falta de oferta, a falta de escolaridade, por outro lado a culpa é do estado, de dar tantos subsídios que os leva a não querer trabalho, mas acho que isso tem a ver por eles não fazerem um trabalho de campo para perceberem de como as coisas são na verdade.

- O que achas que deveria existir?

Mais trabalho de campo.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Sim, porque pode contribuir para o meu futuro.

- Em relação aos outros, achas que aderiam?

Sim, mas tem a ver com a ideia de pensar de cada jovem, porque existem uns que se preocupam com o futuro, enquanto outros nem por isso.

I. Identificação do jovem

Nome: Carlos

Idade: 19 anos

Localidade: Bairro das Nogueiras

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): trabalhador-estudante. Sou Dinamizador comunitário do projeto Arca de Talentos.

- O que é ser dinamizador comunitário?

É tentar tirar maior partido da capacidade dos jovens do bairro, para tira-los não de uma vida má que eles possam ter mas ocupá-los com outras coisas com que eles não devem estar ocupados.

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Sim, na oficina de música, no acesso livre, ginástica acrobática, nos bombos e de tudo um pouco, menos no acampamento.

- Vês vantagens em participares nas atividades?

Sim, porque foi com essa participação que consegui chegar a dinamizador comunitário.

- Desvantagens de participar em atividades da Beira Serra?

Vejo agora algumas atividades em que não participei e arrependo-me de não ter participado antes.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Sim, mais responsável, não entrar tanto na brincadeiras dos outros, manter-me um pouco à parte, porque também é essa a responsabilidade de um dinamizador comunitário. Nós temos vindo a ganhar características ao longo dos anos e ao entrar para o projeto da Beira Serra fez com que algumas características sobressaíssem mais e acho que é isso que ganho ao longo do tempo.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Sim, estou cá desde que ele começou.

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Gosto. Passados onze anos de vida no bairro já é o nosso habitat.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros? É, tanto que há uma grande divisão entre a parte de baixo do Teixoso, que é o bairro social, e a parte de cima do Teixoso.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social? Não, eu pelo menos na minha maneira nunca se passou comigo nada disse. Nunca fui colocado de parte por ser do bairro.

IV. A Escola

- Qual o ano que frequentas e o tipo de curso? 10º ano, curso profissional de técnico multimédia.

- Quais os objetivos pretendidos com a escola? Acabar o 12º ano com a melhor média possível, depois tirar o curso de equivalência nível 5 e depois ou entrar na universidade ou ir para o estrangeiro.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida? Sim

- Gostavas de criar um negócio só teu? Se sim, o quê? Sim, embora seja difícil. Estou a falar no estado em que estamos no país infelizmente. O negócio era à base de multimédia e design, ficar ligado à Beira Serra na mesma, à Beira Serra como quem diz aos termos sociais e dos jovens, mas da parte da multimédia também.

V. O Trabalho

- Com que idade começaste a trabalhar? Aos 17 anos.

- Fazias o quê? Trabalhei no McDonald's.

- Trabalhaste lá muito tempo? Estive lá um mês, acho que foi só o mês da experiência.

- Achas que na altura não eras tão maduro ou adulto como és agora? Exato.

- Depois do McDonald's voltaste a estudar ou estavas a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo? Não, voltei a estudar, foi só no tempo das férias, depois voltei para a escola.

- Qual a profissão que exerces agora? Dinamizador Comunitário

- Gostas do que fazes?

Sim

- Estás a meio-tempo ou a tempo-inteiro?

A meio-tempo

- Qual o tipo de contrato que tens?

Contrato por tempo indeterminado

- Consideras que és bem remunerado para o trabalho que exerces?

Acho que sim.

- Quantas horas trabalhas semanalmente?

25

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Ainda não participei, mas espero começar o mais rápido possível, porque esse é também o papel fundamental do dinamizador comunitário.

- Já alguma vez fizeste voluntariado? Se sim, em quê?

Sim, no Banco Alimentar, só.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Sim já ajudei já, por exemplo na instalação do TDT.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Não.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Não. Empreendedorismo... alguma coisa a ver com empresas.

- Quais achas que são as necessidades em termos de emprego aqui no bairro?

Aqui no bairro vai-se arranjando emprego na fruta e assim desse género, sazonais, mas a situação do país não ajuda.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias?

Nunca pensei muito bem nisso, mas acho que sim, que aderiria, mas só no caso de não ter trabalho, porque neste momento estou bem como estou e acho que se tiver o meu emprego

garantido que sinto-me bem assim. Só como uma garantia é que pensaria em avançar na ideia que tenho da multimédia.

I. Identificação do jovem

Nome: Mara

Idade: 23 anos

Localidade: Bairro das Nogueiras

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Estou desempregada, mas estou a tirar um curso de eletrónica médica.

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Venho aqui, às vezes tomo conta aqui da loja, mas pouco às vezes algum apoio ou assim.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Estou pouco tempo, acho que é vantajoso para todos.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Não há.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Não, porque não participo muito, mas já me aconselharam em alguns momentos de dúvidas na minha vida.

III. Identificação com o Bairro Social

- Há quanto tempo moras aqui?

Há 10 anos. Na altura o bairro já existia, vim para cá depois da abertura.

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Gosto. Sinto-me bem, habituei-me a viver aqui.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros?

Algumas pessoas fazem isso.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Não, acho que seria igual se vivesse noutra local.

- Se te dessem a opção de ires viver para outro local mudavas?

Não.

IV. A Escola

- Qual o ano que frequentas e o tipo de curso?

É um curso de 2 anos e meio, já com estágio e dá equivalência ao 12º ano. Eu tenho o 10º ano completo, tirado no ensino regular.

- Porque não continuaste?

Porque decidi ir para a França um ano, mas não me adaptei e voltei.

- Quais os objetivos pretendidos com a escola?

Ter um melhor futuro para mim, ter o meu emprego e dar um futuro melhor ao meu filho.

- Então tens um filho?

Sim, sou mãe solteira.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida?

É, pelo menos este curso.

- Até onde queres chegar com os estudos?

Quero acabar este curso, porque ele tem entrada direta para o mercado de trabalho.

- Não pensas em estudar mais?

Um dia, talvez.

- Gostavas de criar um negócio só teu? Porquê?

Sim, já me passou muitas vezes pela cabeça em ter um café meu ou uma creche.

V. O Trabalho

- Já alguma vez trabalhaste?

Sim, em hotelaria.

- O que fazias?

Empregada de mesa e balcão numa pizzaria.

- E gostavas?

Gostava.

- Mas o que aconteceu para ficares desempregada?

Engravidei e despediram-me.

- O que gostavas mesmo de fazer?

Agora era mesmo trabalhar na área do curso que estou a tirar.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Sim costume, ainda agora no Carnaval participei na organização do entrudo.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Não, nunca pensei nisso.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Isso sim, várias vezes, por exemplo se alguém precisa tomo conta das crianças dos outros em casa, levo o lixo a uma senhora idosa. É consoante me pedem.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Não.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Já, não sei muito bem explicar mas acho que é criar o próprio emprego (mas isto com ajuda do entrevistador?

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego? O que achas que deveria existir?

Trabalho, porque não o há. Mas ajudas, eu neste momento, espero que com este curso não precise de apoio, mas se precisar é útil termos onde nos informar.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Aderia, porque podia dar-me um futuro e ter outras ideias.

I. Identificação do jovem

Nome: Mateus

Idade: 18 anos

Localidade: Bairro das Nogueiras

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Estou a trabalhar em distribuição de publicidade.

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Sim, em acampamentos, no grupo de Bombos, nas atividades das férias, sempre que posso.

- Já precisaste da Beira Serra para algum tipo de apoio/acompanhamento?

Sim, em apoio escolar.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Aprendo coisas novas, faço coisas novas.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Nenhuma.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Noto, mas prefiro não falar nisso.

III. Identificação com o Bairro Social

- Há quanto tempo moras aqui?

Há 10, 11 anos, desde que o bairro abriu.

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Não, porque fala-se muito da vida das pessoas, por isso é que eu prefiro não andar por aqui, prefiro ir lá para cima para o Teixoso. O menos tempo que poder aqui estar é o que eu estou.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros? Sim, no ciclo senti muito isso, diziam sempre “Oh é do bairro”.

- Porquê, achas que fazias alguma coisa para te dizerem isso?

Sim, portava-me um bocadinho mal.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Não, acho que seria igual se vivesse noutra local.

- Se te dessem a opção de ires viver para outro local mudavas?

Sim.

IV. A Escola

- Neste momento não estás a estudar, como disseste logo no início.

Não estou, mas penso em estudar.

- Com que idade deixaste a escola? Porquê?

A última vez foi aos 17 anos, porque não me dava bem com aquilo, eu até gostava, mas faltava muito.

- Tens que escolaridade?

9º ano.

- Tiraste o 9º ano no ensino regular?

Não, foi através de um PIEF.

- Qual foi o teu percurso escolar?

Até entrar no ciclo foi sempre bom, o problema foi entrar no ciclo. No ciclo comecei-me a desencaminhar, faltava às aulas, portava-me mal e faltava ao respeito às pessoas... Eram as companhias... Entrei lá pequeno, comecei logo a dar-me com os maiores e pronto... desencaminhei-me.

- Gostavas de voltar a estudar? Porquê?

Sim, chegar até à Universidade, porque os estudos podem trazer um futuro melhor para a minha vida.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida?

Sim sem dúvida e hoje arrependo-me um pouco, mas não tenho a mesma motivação para estudar, como tenho para trabalhar.

- Ou seja, tens mais motivação para quê?

Para trabalhar, gosto mais.

V. O Trabalho

- Com que idade começaste a trabalhar?

Aos 13 anos.

- A profissão já o referiste...

Mas não foi com isso que comecei.

- Então foi com o quê?

Comecei na hotelaria, cozinha, lavar loiça e fazer os preparativos.

- Gostavas dessa profissão?

Nem por isso.

- E que mais já fizeste?

Já trabalhei nas obras, limpar jardins e mais nada.

- Neste momento estás então na distribuição de publicidade, gostas do que fazer?

Já gostei mais, é muito duro e instável.

- Estás a meio-tempo ou a tempo-inteiro?

A meio-tempo.

- Qual o tipo de contrato que tens?

Nenhum.

- Consideras que és bem remunerado para o trabalho que exerces?

Não, para o trabalho que faço, não.

- Quantas horas trabalhas semanalmente?

Por semana... posso dizer mais ou menos por dia. Se for um dia inteiro sem parar pode chegar às 14horas. Mas não é sempre, há dias que posso só sair às 14horas da tarde, depende do trabalho que exista para distribuir.

- Gostavas de ter o teu próprio negócio? Se sim, já pensaste em quê? Se não, já alguma vez pensaste nessa hipótese?

Gostava, em algo ligado aos computadores, gosto de design multimédia ou gráfico.

- Então já pensaste nessa hipótese?

Já.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Não, só quando é pela Beira Serra. Prefiro ir para as festas no Teixoso.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Não.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Se puder ajudar e se souber fazer.

- Achas que os jovens aqui se unem para esse tipo de iniciativas?

Não.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Não.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Já ouvi falar nessa palavra, acho que tem a ver com emprego. Arranjar emprego.

- Mas arranjar emprego como?

Criar o seu negócio (mas já com ajuda).

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego? O que achas que deveria existir?

São muitas, há muitas pessoas desempregadas. Oh um sítio que lhes encontrasse emprego.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Eu acho que ajudava ter alguma coisa assim, neste momento não mudo de emprego porque não arranjo mais nada.

- E criavas o teu próprio negócio?

Se eu soubesse o que sei agora... mudava muita coisa.

I. Identificação do jovem

Nome: Paula

Idade: 22 anos

Localidade: Bairro da Alâmpada

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Trabalho - Empregada de Andares

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Já participei mais, agora não participo tanto porque estou a trabalhar e não tenho tempo livre quase nenhum. Faço muitas horas extra no hotel.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Claro que sim.

- Em que aspeto?

Eu cresci graças à Beira Serra, desde pequenina, ainda quando o CID era um ATL.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Não, mas acho que há sempre umas coisas a melhorar.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Sim, fiquei mais sociável, com mais confiança.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Sim

- Gostas do local onde vives? Porquê?

Gosto.

- Mudavas?

Mudava, mas gosto.

- Mas se gostas porque mudavas?

Porque tem dias... ou melhor eu mudava era a vizinhança.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros?

Sim, o bairro tem muita fama pelo lado negativo, mas acho que nós jovens também brincamos um pouco com isso. Principalmente com o pessoal da Boidobra, porque todos pertencemos à

mesma freguesia, mas os da Boidobra são os lá de baixo e os da Alâmpada são os do Bairro. Há uma grande rivalidade.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Eu acho que me trouxe mais, porque eu acho que se nascesse com tudo o que sempre quis não tinha lutado tanto para atingir os meus objetivos.

IV. A Escola

- Com que idade deixaste de estudar?

Terminei há dois anos.

- Tu tiraste um curso profissional com equivalência ao 12º ano que te deu a alavanca para estares onde estás, era um curso relacionado com a Hotelaria. Durante o teu percurso escolar houve alguma interrupção?

Não, apenas houve chumbos, muitos infelizmente.

- A escola desmotivava-te?

Não, era mais as companhias, uns chumbavam outros não e depois andávamos cada um para seu lado e para estarmos juntos faltávamos às aulas.

- Consideras a hipótese de voltar a estudar?

Sim, tenho saudades.

- Já pensaste em seguir para a Universidade?

Não, não está nos meus planos.

- Consideras que a escola é uma mais-valia para se conseguir objetivos na vida?

Sim.

V. O Trabalho

- Já alguma vez trabalhaste, antes da profissão que tens neste momento?

Não, comecei mesmo à três anos, com o estágio no local onde estou agora, depois comecei a fazer férias e neste momento já tenho contrato.

- Gostas do que fazes?

Sim.

- Estás a tempo inteiro?

Sim.

- Tens um contrato não é?

Sim, de um ano.

- Consideras que és bem remunerada para as funções que exerces?

Sim.

- Quantas horas trabalhas semanalmente?

40.

- Gostavas de criar o teu próprio negócio?

Claro que sim.

- Em que?

As minhas massagens... Adorava abrir um gabinete de massagens e até podia conciliar com a parte hoteleira.

- Já fizeste alguma coisa para avançar com essa ideia?

Já, fiz um mini estágio num SPA.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Aqui com o bairro não dá e nunca tentei, mas assim com gente da minha idade sim, organizamos muita coisa.

- Quando frequentavas o projeto, eras um membro dinâmico?

Sim, eu frequentava mais o grupo de dança, onde era a que organizava os eventos, as saídas e os ensaios com a professora e por vezes puxava-as para irmos treinando fora do horário das sessões.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Sim, na Casa do Menino Jesus, onde ensinava danças às meninas.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscoito ou alguma necessidade que tenha?

Não.

- Estás inserida em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Não, já tive no grupo de dança.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Sei, mas encontrar as palavras...

- Mas diz o que te faz lembrar?

É sobre emprego, o primeiro emprego...

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego?

Acima de tudo acho que é força de vontade, porque se as pessoas não se mentalizam que precisam de trabalhar e que têm de trabalhar para, isto não vai para a frente. Porque as pessoas já sabem à partida que se não trabalharem têm isto daqui, isto dali...

- No teu caso, consideras que seria importante mudares agora de emprego?

Não, neste momento estou muito bem.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Sim, porque queria estruturar melhor a minha ideia do SPA.

I. Identificação do jovem

Nome: Sérgio

Idade: 18 anos

Localidade: Bairro das Nogueiras

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Nenhum dos dois, à espera para entrar num curso na AFTEBI

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Costumo participar nas atividades da Garagem, com os bombos e a banda, costumo ir com a Marisa e com a Ana e o Cláudio para atividades fora do bairro.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Aprendemos coisas que nunca tínhamos visto e um pouco de conhecimento.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Oh às vezes as criancices das pessoas.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto?

Claro, tenho mais atitude, mais juízo, já não faço muitas asneiras como fazia antes. Estou mais homem.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Agora não, mas antes sim.

- Porquê agora não?

Por causa das pessoas que vêm para cá viver, estragam o ambiente.

- Se pudesses mudar, mudavas?

Mudava.

• Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros? Sim, na piscina passamos muitas vezes por isso, porque mesmo estando quietos e assim, somos sempre nós que fazemos tudo o que é mau, fazemos distúrbios às vezes, mas quando entramos ouvimos logo os comentários 'lá vêm aqueles' e fica-lhes mal.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Não, isso é tudo igual.

IV. A Escola

- Com que idade deixaste a escola? Porquê?

Com 17. Deixei com o 9º anos, por causa dos conflitos que tinha na turma e das faltas.

- Gostavas de voltar a estudar? Porquê?

Gostava e sinto-me arrependido por ter deixado. Gostava porque quero fazer o 12º ano e ter mais oportunidades no futuro.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida?

Sim, eu acho e gostava de acabar o 12º ano.

- Ficavas por aí?

Sim, ficava.

V. O Trabalho

- Já alguma vez trabalhaste?

Sim, na fruta e nas obras.

- Com que idade começaste?

Com 15 anos.

- Porque não estás a trabalhar neste momento?

Porque prefiro estudar e a minha mãe também me dizia para estudar.

- O que gostavas mesmo de fazer?

Estudar e trabalhar depois.

- Mas trabalhar em quê?

Gostava de trabalhar.

- Mas não tens assim nenhuma visão de qualquer profissão?

Gostava de ser designer multimédia como o meu irmão.

- Gostavas de ter o teu próprio negócio? Se sim, já pensaste em quê? Se não, já alguma vez pensaste nessa hipótese?

Sim, gostava, em cabelos. Já pensei e já tinha pessoas que queriam fazer, mas neste tempo é muito difícil, há muita humidade e estraga muito o cabelo, porque o que queria fazer era em rastas. Ter uma loja para rastas e tratar das rastas a outras pessoas.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Algumas, umas festas que às vezes fazem e assim...

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Não, porque nunca me puxou.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscoito ou alguma necessidade que tenha?

Não.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Não, só online nuns jogos.

VII. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo? Consegues explicar por palavras tuas?

Tem a ver com emprego... Acho que é criar o emprego.

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego? O que achas que deveria existir?

Mais apoio, porque há muitos desempregados.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Aderia, porque acho que era uma boa iniciativa para os jovens de fazerem o que gostam e terem apoio nisso.

I. Identificação do jovem

Nome: Vânia

Idade: 17 anos

Localidade: Bairro da Alâmpada

Ocupação (estuda, trabalha ou nenhum dos dois): Estou a estudar e trabalho aos sábados num café do meu primo.

II. Participação na Beira Serra

- Costumas participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra? Se sim, quais? Se não, o que leva a não participares?

Sim, estou no projeto Arca de Talentos, participo nas atividades das férias escolares, apoio nos apoio ao estudo e participo nos tutores, no acampamento. Costumo ajudar como monitora.

- Vantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Sim, como pessoa, aprendendo outras coisas que podem ser necessárias no futuro.

- Desvantagens em participar em atividades e/ou projetos da Beira Serra?

Nenhuma.

- Notas algum progresso em ti por participares nas dinâmicas da Beira Serra? Se sim, em que aspeto? Se não, explicar porquê?

Sim, acho que sim. Eu participo desde pequenina e noto um progresso em mim escolar, pessoal, profissional... mudei e cresci com a Beira Serra.

III. Identificação com o Bairro Social

- Identificaste com o bairro?

Mais ou menos, antigamente mais, agora já não.

- Porquê?

Comecei a conhecer outras pessoas de outros locais e vou mais para esses locais do que fico por aqui.

- Sentes que o espaço onde te inseres é criador de algum estereótipo perante os outros?

Não, nunca me senti excluída por causa de viver onde vivo.

- Consideras que tens menos ou mais oportunidades por viveres num bairro social?

Não, acho que não tem nada a ver o sítio onde moramos, para o que nós somos.

- Se te dessem a opção de ires viver para outro local mudavas?

Sim.

IV. A Escola

- Qual o ano que frequentas?

Estou no 11º ano no curso técnico de apoio à gestão desportiva.

- Quais os objetivos pretendidos com a escola?

Neste caso ainda não sei se vou seguir ou não para a universidade. Para já é acabar o 12º ano com a melhor média possível. Depois se entrar na universidade entrei, senão não entrei.

- E se não entrares o que pretendes fazer?

Arranjar emprego, de preferência relacionado com o desporto.

- Consideras a escola uma mais-valia para conseguires atingir os teus objetivos de vida?

Acho que sim, porque sem escola ou sem qualquer curso não conseguimos mesmo nada.

- Gostavas de criar um negócio só teu? Se sim, o quê? Se não, porquê?

Sim, já pensei nisso, gostava de criar uma loja de bijuteria, com vários tipos de trabalhos manuais, como pintura...

- Já vendeste alguma vez os teus trabalhos?

Não, só algumas pulseiras que faço, mas nada de especial.

V. O Trabalho

- No início referiste que neste momento ajudas ao fim-de-semana num café, mas tirando isso, já trabalhaste em outras coisas?

Sim, participei no OTL do IPJ no verão e trabalhei no Mini Preço também nas férias, mas sem contrato, na parte da reposição, quando era mais novinha também ia com a minha mãe para a padaria ajudar a ensacar bolos.

- Ou seja, acabas sempre por nas férias arranjar uma forma de ter um dinheiro para ti.

Sim, para os meus gastos.

VI. Dinâmica na Comunidade

- Costumas participar em iniciativas no bairro?

Sim.

- Já alguma vez fizeste voluntariado?

Sim, no banco alimentar.

- Costumas ajudar o teu vizinho com algum biscate ou alguma necessidade que tenha?

Sim, costumo ajudar a minha vizinha que mora sozinha e por vezes precisa de companhia e eu vou ter com ela.

- Estás inserido em algum tipo de grupo formal ou informal (exemplo: associação, grupo de jovens, futebol, etc...)?

Sim, os tutores.

- Podes explicar melhor o que são os tutores?

Nós os mais velhos criamos o grupo para começarmos a organizar melhor as coisas, as atividades que já havia e assim, para ajudarmos os mais novos.

V. Visão do projeto para o jovem

- Sabes o que é o empreendedorismo?

Já dei isso em alguma matéria da escola...

- Consegues explicar por palavras tuas?

Acho que é uma pessoa que não consegue arranjar trabalho e tenta todos os meios para conseguir algum objetivo.

- Mas como assim, criar ou não o próprio trabalho?

Sim é isso criar o próprio trabalho.

- Quais achas que são as necessidades aqui no bairro em termos de emprego?

Sim acho que falta iniciativa para as pessoas mudarem para aquilo que gostam e até para arranjam um emprego.

- Se aqui no bairro existisse um local onde pudesses ter apoio na área do emprego e na criação do teu próprio negócio aderias? Se sim, porque achas que aderias? Se não, porquê?

Sim, continuava a estudar, mas aderiria.

- Em relação aos outros, achas que aderiam?

Sim, há muitas pessoas que não fazem nada e que precisam e acho que aderiam.

ANEXO 3

FOLHA DE PRESENCAS DA REUNIÃO COM OS *STAKEHOLDERS*



Ficha de Presenças

Nome da atividade: Reunião de Consórcio	
Local: Instalações do Cid@net na Boidobra	
Data: 14 de Março de 2013	Horário: 10.30h
1- Aprovação da ata da reunião anterior 2- Balanço de atividades de projeto 3- Planificação de atividades para a comemoração - Abril... Mês Da Prevenção Dos Maus-Tratos Na Infância 4- Outros assuntos	

Participantes	
Nome	Instituição
1. Lúcia Patas	CPEJ - Corvilhã
2. Ana Clara Neves Silveira	AE "Alá e a Neve"
3. Rafael de Castro	Osso Plano Jeaus
4. José Fernando Bernardino Simões	FREGUESIA DE BOIDOBRA
5. Maria Nova Antunes Paçoço Haacido	ESCM
6. Mariana Otília Gomes Castro Coelho	AGROPAMENTO TEIXOSO
7. Elba Regina Dias Neves	Estudante - VBI
8. Rui Miguel Gonçalves de Pinho	Beira Serra
9. MARISA MARQUES	Beira Serra
10. CRINA NEVES	Beira Serra
11. Isabel Maria Afonso da Silva Bene	Esc. Ata da Palmeiras
12. Inês Afonso Santinha Garcia	Freguesia Teixeira
13. M. de Lourdes Silveira Martins Pires	Condo do Eufrepe Corvilhã
14. José Martins Correia	Freguesia Corvilhã
15. MARIO ANTONIO BARREIROS GABRIEL	BEIRA SERRA

Promovido Por

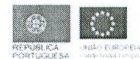


Financiado Por



Ministério da Educação e Ciência

Cofinanciado Por



ANEXO 4

ATA DA REUNIÃO COM OS *STAKEHOLDERS*



Handwritten notes and signatures:
 João
 Paes do
 aad
 MSJ
 Ah

Ata de Reunião de Consórcio

Local: Instalações do Cid@net na Boidobra

Data: 12 de Abril de 2013

Horário: 10.30 h

Ordem de Trabalhos:

- 1- Aprovação da ata da reunião anterior
- 2- Balanço de Atividades do Projeto
- 3- Planificação de atividades para a comemoração de - *Abril... Mês Da Prevenção Dos Maus-Tratos Na Infância*
- 4- Outros assuntos

A reunião teve início com a aprovação e assinatura da ata da reunião anterior.

No ponto dois, foi feito um balanço das atividades desenvolvidas até ao momento: Dança, em que estão envolvidos 14 jovens com apresentação pública marcada para o próximo dia 20 de abril; Música, dinamizada pela Escola Profissional de Artes da Covilhã (EPABI); Desporto, atividade que apresenta algumas dificuldades de execução tendo em conta o reduzido número de participantes, havendo a possibilidade da mesma ser inserida na atividade de Desporto Escolar; Apoio ao estudo, a decorrer na Boidobra com cerca de 21 crianças/jovens e com o apoio de voluntários e no Teixoso com cerca de 10 de crianças/jovens de forma mais regular - ficou definido que será feita, com o apoio do Agrupamento de Escolas do Teixoso, divulgação desta atividade junto das turmas do 1º CEB numa perspetiva de se conseguir aumentar o número de participantes – e ainda o Apoio ao Estudo a decorrer na Casa do Menino Jesus, ao sábado, também com o apoio de voluntários; Apoio à Empregabilidade, o reconhecimento ao Centro de Emprego da Covilhã pelo envio contínuo de ofertas de emprego, posteriormente divulgadas junto dos destinatários do projeto; Apoio às Famílias, onde se tem registado um aumento na procura do Projeto para a

Promovido Por:



Financiado Por:



Cofinanciado Por:



resolução de problemas sociais; Formação, onde foi feito um balanço das sessões já realizadas e dos destinatários envolvidos, tendo o Projeto assumido o compromisso de enviar divulgação das formações a realizar para todos os parceiros. Ainda neste ponto, foi sugerido a criação de uma formação específica de português para indivíduos que não saibam ler e escrever ou que apresentem dificuldades nesta área.

Relativamente ao ponto três, *Abril... Mês da Prevenção dos Maus Tratos Infantis*, e apelando à participação efetiva dos membros do Consórcio, foi realizado um *brainstorming* para a obtenção de uma ideia de uma atividade a dinamizar neste âmbito. Ficou decidido por todos os presentes a realização de um *FlashMob* no Centro Comercial Serra Shopping da Covilhã alusivo ao tema, com data prevista para 29 de abril pelas 14h00. Neste sentido, foram distribuídas as funções pelos membros do consórcio da seguinte forma: **Agrupamento de Escolas A Lã e a Neve - EBI S. Domingos com o apoio da Junta de Freguesia de Cantar Galo**- transporte de uma turma do 1º ciclo da sede do agrupamento até ao Serra Shopping; **Escola Secundária Campos Melo** - contacto com administração do Serra Shopping; **Agrupamento de Escolas do Teixoso com o apoio da Junta de Freguesia do Teixoso** - transporte de uma turma do 1º ciclo da EB1 do Teixoso até ao Serra Shopping; **Beira Serra** – preparação de coreografia com o apoio da monitora de Dança, grafismo, programação, divulgação e restante logística necessária para a dinamização da atividade.

No ponto quatro os parceiros disponibilizaram-se a participar numa dinâmica, apresentada pela Elsa Neves que com base no projeto Arca de Talentos está a elaborar uma Tese de Mestrado sobre a constituição de uma incubadora de iniciativas jovens. Não havendo outros assuntos a tratar, agradeceu-se a presença de todos e deu-se por encerrada a reunião.

*Lara Lucia Bandeira Faria
79 de S. Domingos S. Domingos
Mantimentos
Im. Augusto Santos Aires
Maria Rosa Mendes Traves
Associação Juventude de Lã*

Manoel Gomes

Promovido Por:



Financiado Por:



Cofinanciado Por:

